



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

JULIANA ARTUSO

**AS CONTRIBUIÇÕES DO AFETO EM CARTOGRAFIAS
FEMINISTAS:
UM OLHAR PARA AS EXPERIÊNCIAS DAS MULHERES NOS
ESPAÇOS PÚBLICOS**

Londrina
2024



AS CONTRIBUIÇÕES DO AFETO EM CARTOGRAFIAS FEMINISTAS:

um olhar para as experiências das mulheres
nos espaços públicos

Juliana Artuso



JULIANA ARTUSO

AS CONTRIBUIÇÕES DO AFETO EM CARTOGRAFIAS FEMINISTAS:

um olhar para as experiências das
mulheres nos espaços públicos

Dissertação apresentada como parte das exigências à obtenção do título de Mestra em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa Associado da Universidade Estadual de Maringá e Universidade Estadual de Londrina de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Prof. Dr. Rovenir Bertola Duarte.

Londrina
2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

A792a Artuso, Juliana.
As contribuições do afeto em cartografias feministas : um olhar para as experiências das mulheres nos espaços públicos / Juliana Artuso. - Londrina, 2024.
125 f. : il.

Orientador: Rovenir Bertola Duarte.

Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Tecnologia e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, 2024.
Inclui bibliografia.

1. Cartografias - Tese. 2. Feminismo - Tese. 3. Deleuze - Tese. 4. Corpo-território - Tese. I. Bertola Duarte, Rovenir. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Tecnologia e Urbanismo. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. III. Título.

CDU 711/72

JULIANA ARTUSO

AS CONTRIBUIÇÕES DO AFETO EM CARTOGRAFIAS FEMINISTAS:

um olhar para as experiências das
mulheres nos espaços públicos

Dissertação de Mestrado apresentado como parte das exigências à obtenção do título de mestra em Arquitetura e Urbanismo do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual de Londrina e Universidade Estadual de Maringá.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 ROVENIR BERTOLA DUARTE
Data: 26/03/2026 15:07:57-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Orientador: Prof. Dr. Rovenir Bertola Duarte
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Profa. Dra. Vera LuciaTieko Suguihiro
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Profa. Dra. Patrícia Orfila B. dos Reis
Universidade Federal de Tocantis - UFT

Londrina, 01 de novembro de 2024

AGRADECIMENTOS

Fazer uma pesquisa é um esforço coletivo e este trabalho só foi possível de ser realizado graças a contribuição de cada uma destas pessoas. Dedico aqui meu muito obrigada.

Agradeço à minha família, meus pais, Maria e Edson, e meus irmãos, Flávia e Mateus, por todo o apoio sempre. Às minhas amigas e amigos: Clacla, Artu, Carlos, Gigeek, Liz, Paçoca, Titi, Carelli, Carol, Gu, Le Rios, Miss e Sanca, agradeço por toda amizade e bons encontros. Às novas (e outras não tão novas rs) amizades de Londrina: Amanda, Ana, Erica, Fergi, Foca, Julias, Leo, Luana e Paiva. Agradeço à todos os meus colegas do PPU por todas as trocas de conhecimento.

À quem foi meu lar em Pequena Londres, Miss, minha companheira de casa e de mestrado. Que felicidade ter te reencontrado, nada disso seria possível sem você. Meu muito obrigada, Miss por todas as trocas, conversas, risadas, desabafos e todo o apoio, foi muito bom ter tido você ao meu lado nesse caminhar!

Minha jornada acadêmica se iniciou na graduação na querida FCT - UNESP, por isso, agradeço à Profa. Paula Vermeersch e ao Prof. Hélio Hirao, meu orientador do TFG, por serem grandes inspirações. Ao grupo de pesquisa da Professora Vera, obrigada por todos os bons encontros. Ao meu orientador Professor Rovenir, agradeço por todos os ensinamentos e apoio nessa jornada. Agradeço às professoras que compõem a banca examinadora deste trabalho, Profa. Dra. Patrícia Orfila Barros dos Reis e Profa. Dra. Vera Lucia Suguihiro, pelos apontamentos e colaboração na construção desta pesquisa e por serem inspirações. Por fim agradeço à Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior pelo financiamento desta pesquisa.

RESUMO

ARTUSO, JULIANA. AS CONTRIBUIÇÕES DO AFETO EM CARTOGRAFIAS FEMINISTAS: UM OLHAR PARA AS EXPERIÊNCIAS DAS MULHERES NOS ESPAÇOS PÚBLICOS. 2024. 125 PÁGINAS. DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DO PROGRAMA ASSOCIADO UEM/UEL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO – CENTRO DE TECNOLOGIA E URBANISMO, UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA, 2024.

A presente pesquisa aborda o conceito de afeto do campo da cartografia afetiva e da Teoria Não Representacional, aplicado para estudos cartográficos feministas, área de conhecimento que surge com a Geografia Feminista. A visão deleuziana adotada do afeto distancia-se do conceito de emoção, sendo compreendido como uma variação de potências e forças, de natureza vetorial, pré-consciente e não significativa. Portanto, busca-se, por meio de uma pesquisa qualitativa exploratória, compreender o papel da cartografia afetiva na discussão de estudos cartográficos feministas voltados aos espaços públicos da cidade. Para tal, a pesquisa buscou um amplo espectro de casos para a aplicação do experimento, com diferentes enfoques sobre a relação entre os corpos das mulheres e os espaços públicos, em cidades de portes distintos, em diferentes situações sociais, e ainda, individualmente ou em grupo. Dessa forma, foram eleitas quatro situações no espaço público: (1) as mulheres tomando sol no Parque Minhocão - Elevado João Goulart (SP), (2) as mulheres no baixio do Viaduto João Goulart (Minhocão - SP), (3) o grupo de mulheres na Concha Acústica de Londrina (PR) e (4) as mulheres comerciantes do Calçadão na Avenida Paraná (PR). A coleta de dados foi realizada com o uso dos instrumentos da observação participante, modos de registros com caderno de campo, fotografias e filmagens, entrevistas semiestruturadas e a produção das cartografias afetivas das situações encontradas. Dessa forma, conclui-se que o afeto e a cartografia afetiva revelaram-se importantes instrumentos na leitura de situações não verbais, como expressões corporais e sinais não codificados, assim como para entender o espaço público pela lógica construída no momento de seu uso, envolvendo formas de proteção e territorialização. Além disso, trazem um olhar mais sensível para pequenas situações em microescala, a escala do corpo e do cotidiano, e apontam nuances das relações de poder nas diversas experiências das mulheres nos espaços públicos da cidade.

Palavras-chave: Feminismo; Deleuze; Experiência; Corpo-território; Potência.

ABSTRACT

ARTUSO, JULIANA. THE CONTRIBUTIONS OF AFFECT IN FEMINIST CARTOGRAPHIES: A PERSPECTIVE AT WOMEN'S EXPERIENCES IN PUBLIC SPACES. 2024. 125 PAGES. DISSERTATION FOR MASTER'S DEGREE FROM THE ASSOCIATED UEM/UEL POSTGRADUATE PROGRAM IN ARCHITECTURE AND URBANISM - CENTER FOR TECHNOLOGY AND URBANISM, STATE UNIVERSITY OF LONDRINA, 2024.

This research explores the concept of affect from the field of affective cartography and Non-Representational Theory, applied to feminist cartographic studies, an area of knowledge that emerged with Feminist Geography. The Deleuzian view adopted of affect distances itself from the concept of emotion, being understood as a variation of powers and forces, vectorial, pre-conscious and non-signifying nature. Therefore, the aim of this exploratory qualitative research is to understand the role of affective cartography in the discussion of feminist cartographic studies focused on the city's public spaces. To this end, the research sought a wide range of cases for the experiment, with different approaches to the relationship between women's bodies and public spaces, in cities of different sizes, in different social situations, and also individually or in groups. Four public space situations were chosen: (1) women sunbathing in the Minhocão Park - Elevado João Goulart (SP), (2) women in the lower level of the João Goulart Viaduct (Minhocão - SP), (3) a group of women in the Concha Acústica in Londrina (PR) and (4) women commercial workers in the Calçadão on Avenida Paraná (PR). Data was collected using the tools of participant observation, field notebook records, photographs and filming, semi-structured interviews and the production of affective cartographies of the situations encountered. The conclusion is that affect and affective cartography proved to be important tools for reading non-verbal situations, such as bodily expressions and non-coded signs, as well as for understanding public space through the logic constructed at the time of its use, involving forms of protection and territorialization. In addition, they provide a more sensitive look at small micro-scale situations, the scale of the body and everyday life, and point to nuances of power relations in the various experiences of women in the city's public spaces.

Keywords: Feminism; Deleuze; Experience; Body-territory; Power.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapeando coletivamente a fronteira da Síria. **25**

Figura 2 - Confrontos com o racismo a partir das opiniões das mulheres: Uma cartografia feminista de violações e resistências na zona oeste do Rio de Janeiro. **28**

Figura 3 - Legenda da cartografia feminista proposta pelo coletivo Militiva. **28**

Figura 4 - Collage dos afetos dos entrevistados. **41**

Figura 5 - Segunda collage dos afetos dos entrevistados. **42**

Figura 6 - Cartografia corporal: o corpo-território. **43**

Figura 7 - Mapeando o corpo-território das mulheres. **43**

Figura 8 - Cartografia afetiva do Largo do Paissandu: registros das forças e dos afetos da região. **44**

Figura 9 - Cartografia do Edifício WAP. **45**

Figura 10 - Cartografia dos movimentos do exercício da DMT. **46**

Figura 11 - Delineamento de pesquisa. **50**

Figura 12 - Usos no Minhocão em um sábado nublado. **57**

Figura 13 - Movimentos no Minhocão em um domingo de sol. **58**

Figura 14 - Pessoas sentadas embaixo da sombra da árvore no Minhocão. **59**

Figura 15 - Cartografia preliminar do Minhocão. **60**

Figura 16 - Cartografia de fluxos e movimentos no Minhocão. **61**

Figura 17 - Esquema representativo da ação da mulher que tomava sol no Minhocão. **62**

Figura 18 - Cartografia dos afetos envolvidos na ação de mudar a posição da cadeira. **63**

Figura 19 - Cartografias da experiência da pesquisadora no Minhocão. **64**

Figura 20 - Pessoas passeando e tomando sol em um domingo no Minhocão. **65**

Figura 21 - Diversas pessoas utilizando o Minhocão como um parque urbano em um domingo ensolarado. **67**

Figura 22 - Mulher toma sol em trajes de banho no Minhocão em uma segunda-feira de carnaval. **69**

Figura 23 - Cartografia dos corpos envolvidos na ação no Minhocão. **70**

Figura 24 - Cartografia dos corpos envolvidos na ação no Minhocão. **71**

Figura 25 - Cartografia dos corpos envolvidos na ação no Minhocão. **73**

Figura 26 - População em situação de rua embaixo do Minhocão. **74**

Figura 27 - Cartografia da aproximação do território debaixo do Minhocão. **75**

Figura 28 - Cartografia afetiva da aproximação do baixo do Minhocão. **76**

Figura 29 - Pessoas no Parque Minhocão fechado. **77**

Figura 30 - Percurso pelo baixo do Minhocão. **79**

Figura 31 - Cartografia dos corpos envolvidos na ação. **82**

Figura 32 - Cartografia do processo de sentar-se no chão no baixo do Minhocão. **83**

Figura 33 - Cartografia do encontro com a viatura da Polícia no baixo do Minhocão. **84**

Figura 34 - Mapa de situação e localização da Concha Acústica no centro da cidade de Londrina - PR. **85**

Figura 35 - Mapa com os edifícios no entorno da Concha Acústica de Londrina - PR. **86**

Figura 36 - Vista da Concha Acústica no dia do exercício proposto. **87**

Figura 37 - Edifício Centro Comercial localizado na Praça da Concha Acústica de Londrina - PR. **88**

Figura 38 - Apropriações da oficina de bordado na Concha Acústica, praça histórica no centro de Londrina - PR. **89**

Figura 39 - Esquema gráfico em vista superior dos movimentos do grupo na Concha Acústica. **91**

Figura 40 - Cartografia dos movimentos e afetos na Concha Acústica. **92**

Figura 41 - Mapa de localização do Calçadão da Avenida Paraná no centro de Londrina - PR. **93**

Figura 42 - Mulheres se apropriando do espaço público no Calçadão da Avenida Paraná em Londrina (PR). **94**

Figura 43 - Esquema gráfico dos corpos envolvidos na ação no Calçadão de Londrina. **95**

Figura 44 - Cartografia do corpo-território da mulher e da criança no Calçadão de Londrina. **96**

Figura 45 - Cartografia afetiva da mulher cuidando da filha no Calçadão de Londrina. **98**

Figura 46 - Cartografia afetiva da mulher cuidando da filha no Calçadão de Londrina. **99**

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Síntese dos parâmetros para a elaboração de uma cartografia feminista. **22**

Quadro 2 - Síntese dos conceitos teóricos feministas e sua implementação cartográfica no mapa. **26**

Quadro 3 - Principais demandas da cartografia feminista. **30**

Quadro 4 - Discussão dos resultados e cruzamento com o embasamento teórico. **101**

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 10

1 – UMA BREVE INTRODUÇÃO DA GEOGRAFIA FEMINISTA À CARTOGRAFIA FEMINISTA 15

1.1 A epistemologia feminista: parâmetros para uma cartografia feminista 16

1.1.1 A crítica à leitura universal 16

1.1.2 O corpo e a sexualidade 17

1.1.3 A situacionalidade, posicionalidade e interseccionalidade 18

1.1.4 Poder, diferença e escala 19

1.1.5 Bordas e limites 21

1.1.6 A reflexividade 22

1.2 Uma visão da cartografia feminista por meio da prática 23

1.2.1 Cartografia da fronteira da síria por Kelly 24

1.2.2 Cartografia feminista de violações e resistências na zona oeste do rio de janeiro 27

1.3 Síntese da cartografia feminista 30

2 – EXPLORANDO A CARTOGRAFIA AFETIVA 33

2.1 O afeto 34

2.1.1 Afeto como não cognitivo e sua distinção da emoção 34

2.1.2 O afeto na filosofia e seus desdobramentos 35

2.2 A cartografia afetiva 38

2.2.1 A cartografia pela visão filosófica 38

2.2.2 A cartografia a partir da psicologia 38

2.2.3 A cartografia pela perspectiva geográfica 40

2.3 Resumo das características da cartografia afetiva 40

2.4 Uma visão da cartografia afetiva por meio da prática 41

2.5 Reflexões sobre os casos apresentados 47

3 – METODOLOGIA E O EXPERIMENTO 49

3.1 Delineamento da pesquisa 49

3.2 Contexto do experimento 51

3.3 Delineamento do experimento 52

3.3.1 Apreensão dos fenômenos em campo 52

3.3.2 Inserção da pesquisadora no fenômeno 52

3.3.3 Cartografia afetiva do fenômeno 55

3.3.4 Sobre os riscos 55

4 – RESULTADOS DA PESQUISA 56

4.1 Mulheres tomando sol no Parque Minhocão (SP) 56

4.2 Mulheres em situação de rua no baixio do Minhocão 72

4.3 Mulheres em um grupo de oficina na Concha Acústica (PR) 85

4.4 Mulher trabalhando e cuidando da filha no Calçadão (PR) 93

4.5 Discussão dos resultados 100

5 – CONCLUSÃO 109

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 113

APÊNDICES 123

INTRODUÇÃO

A definição de um mapa como um registro gráfico de informações especializadas do mundo, muitas vezes, assume um caráter naturalizado. Entretanto, com o desenvolvimento da Geografia Humana, a forma de se pensar os mapas foi transformada, de modo a se considerar não somente as posições, mas também as relações humanas no espaço. Assim surge uma abordagem enfatizando relações inter-subjetivas, específicas e sensíveis, logo menos racionalizadas e generalizadas (Kwan, 2002a; Rodó-de-Zárate, 2014).

Nessa conjuntura, os estudos e teorias feministas encontram um ambiente fértil para se manifestar e discutir o papel desses mapeamentos, baseados no ser-humano e nas qualidades emocionais (Crampton, 2011; Harley, 1989). Assim, consolida a relação entre as proposições feministas e a Geografia Emocional. A aproximação ao feminismo era totalmente justificável, já que os mapas não são isentos de juízo de valor e estão inseridos em estruturas de poder que privilegiam e oprimem de diferentes formas (Kelly; Bosse, 2022).

O termo cartografia também passa a ser ressignificado, assim, não mais exatamente como sinônimo de mapa, volta-se para ações dedicadas mais ao processo do que o resultado, além de envolver a própria subjetividade do cartógrafo. Desse modo, a cartografia não poderia mais ser vista separada de seus criadores, pois apresentam uma visão de mundo que se materializa nas relações de poder. Contudo, deve-se observar que em muitos trabalhos tais estruturas de poder são difíceis de serem representadas e não incluem as considerações de poder vinculadas ao próprio cartógrafo (Kelly, 2019; Kelly; Bosse, 2022).

As, então chamadas, cartografias feministas se inserem no campo do conhecimento da Geografia Feminista (GF) que, desde meados da década de 1970, tem questionado determinados modos “tradicionais” do fazer científico, como seus processos e métodos baseados no universalismo e objetivismo (Haraway, 1988; Harding, 1986; Massey, 1994). Para além das críticas, as geógrafas feministas propõem uma epistemologia feminista alternativa, dando luz às histórias das mulheres, antes negligenciadas e marginalizadas, e introduzem novos objetos de estudo como a categoria do gênero, corpo e sexualidade como constituintes da análise geográfica (Bondi, Davidson, 2004; Federici, 2023; Longhurst, 1997; Scott, 1990). Como pontuam Dixon e Jones (2006), a pesquisa das relações patriarcais é complexa pelo reconhecimento do fato que essa estrutura é sempre específica socialmente, historicamente e geograficamente. Portanto, é possível dizer que existe uma pluralidade de Patriarcados, com variações que ocorrem pela forma como essa estrutura se cruza com outros tipos, por exemplo, classes, raças e sexualidades.

Neste contexto o movimento feminista impulsionou importantes mudanças e novos debates em diversos aspectos da Geografia Humana (Dixon; Jones, 2006). Entre as diversas abordagens feministas, existe um enfoque dado à relação espacial frente aos comportamentos sociais, voltado a discutir como as desigualdades de gênero impactam diretamente a vida das mulheres nas cidades (Bondi, 1992; Dyck, 2002; Preston; Ustundag, 2005). Como pontua Kern (2021), as mulheres ainda enfrentam uma série de barreiras físicas, sociais, econômicas e simbólicas na cidade, as quais moldam suas vidas cotidianas de forma profunda, barreiras muitas vezes invisíveis para os homens. Assim, a cidade seria uma produção que facilitaria os papéis tradicionais

do gênero masculino estabelecendo as experiências dos homens como “regra”, sem considerar os diversos bloqueios para as mulheres, gerando o que Kern (2021) chama de “cidade dos homens”.

Estas discussões das teorias feministas geraram possibilidades de olhar para situações específicas e compreender certas nuances das relações patriarcais de poder e dos corpos femininos envolvidos (D’ignazio; Klein, 2016; Pavlovskaya, 2020). Dessa forma, como observa Kelly (2019), o feminismo agregaria uma nova camada de complexidade e de experiência individualizada na construção da cartografia, tornando-se um potente instrumento de investigação de conhecimento e poder (Kelly; Bosse, 2022; Robinson et al, 2017). Assim, no lugar de destacar apenas corpos femininos no espaço, emergia uma preocupação em entender os diversos estratos que compunham estes corpos (classes sociais, raças, sexualidades etc.), como também, como tal informação era lida, ou seja, a posição da cartógrafa. Dessa maneira surgem parâmetros e elementos com a finalidade de reposicionar o pensamento cartográfico, como a reflexividade (Haraway, 1988; Kobayashi, 2003; Rose, 1997), a situacionalidade (Haraway, 1991; Rose, 1997) e a interseccionalidade (Collins, 2015; Crenshaw, 1991).

De modo concomitante, a todo esse movimento de mudança no conhecimento cartográfico, surge uma outra forma muito específica de cartografia, voltada ao afeto e ligada ao acompanhamento de processos e variações de potências. A discussão sobre a cartografia afetiva inicia no pensamento de Gilles Deleuze sobre o afeto, baseado na leitura do filósofo Baruch Espinosa em “Ética” de 1677. Logo, o conceito de afeto adotado está relacionado diretamente à quatro elementos fundamentais: corpos humanos e/ou não humanos; o encontro ou a interação entre

dois ou mais corpos; a ação de um corpo sob o outro, compreendido como o afetar e ser afetado; e por fim, os efeitos que um corpo deixa sob o outro (Deleuze, 1997).

Nesse sentido, não se parece muito diferente das discussões da Geografia Feminista e Emocional, voltadas para o corpo e suas experiências. Entretanto, o afeto se distancia do conceito de emoção, mesmo que compreendidos muitas vezes como sinônimos. Os afetos estão ligados a sensações ainda não nomeadas (pré-cognitivas ou não conscientes) e à relação inter-corpos (não personalizados) (Anderson, 2006; Hutta, 2020; Pile, 2010). Nesse sentido, o afeto precisa ser rastreado indiretamente pelos seus vestígios presentes na materialidade dos corpos (vivos e não vivos) envolvidos por suas formas de expressão, modulações, intensidades e ritmos (Andrews, 2014; Thrift, 2004). Em geral, as discussões sobre a cartografia afetiva levam a investigações que buscam ir além de procedimentos metodológicos delimitados, por exemplo, inserindo a pesquisadora em seu campo de pesquisa, como uma ferramenta importante para investigar o coletivo de forças que compõem a realidade (Costa, 2020; Passos et al, 2009; Romagnoli, 2009).

Assim, a chamada cartografia afetiva emerge, com o objetivo de rastrear, em diversos corpos e situações, as variações de potência que um corpo pode sofrer. Contudo, seu envolvimento com os fenômenos é na esfera do não expresso conscientemente ou codificado em linguagem, assim, evita as leituras prévias ou perguntas objetivas com a ideia de as pessoas poderem não ser honestas com suas próprias emoções (McCormack, 2006). Dessa forma, arrisca um entendimento do funcionamento do poder de modo mais inconsciente. Supõe-se, então, que a cartografia afetiva possa ser um caminho para captar de maneira mais sensível certas nuances

OBJETIVOS DE PESQUISA

O objetivo geral da pesquisa é compreender o papel da cartografia afetiva na discussão de estudos cartográficos feministas voltados aos espaços públicos da cidade. Os objetivos específicos da pesquisa são:

- Levantar e sistematizar, via revisão bibliográfica, um quadro conceitual que reúna as demandas principais da cartografia feminista;
- Estabelecer instrumentos de leitura do afeto entre os encontros dos corpos em áreas abertas públicas;
- Compreender os fatores que afetam e modificam as experiências de mulheres nos espaços públicos.

JUSTIFICATIVA

Apesar da existência da cartografia afetiva persistir no tempo e essa temática estar presente em diferentes áreas como na psicologia, sociologia, geografia e na arquitetura, por exemplo, a verificação da influência das relações físicas do espaço nos encontros dos corpos ainda é um trabalho árduo, como pode ser visto nos trabalhos de Hirao (2020), Muros (2019) e Rocha et al (2017).

Diversos pesquisadores e cartógrafos exploraram metodologicamente as perspectivas feministas na cartografia, entretanto, o registro da diferença e das experiências subjetivas ainda tem sido pouco discutido (Kwan, 2002b; McLafferty, 2002; D'ignazio; Klein, 2016). As teóricas feministas escreveram críticas incisivas à visão “descorporizada” (Kwan, 2002a), como também, a necessidade de o campo da cartografia feminista reconhecer e legitimar o corpo, a experiência subjetiva, o conhecimento

e saberes corporificados (Silva et al, 2017). Deve-se destacar também que os métodos de observação participante, por exemplo os etnológicos, envolvem inserções de longo prazo, nesse sentido, como observam (Blackman & Venn, 2010, p.9), é necessário desenvolver novas formas de estar atento ao material empírico e desenvolver “outras formas de ‘perceber’ e observar dentro dos nossos esforços de investigação”.

Quando se volta para o processo cartográfico afetivo, um outro ponto de dificuldade é a verificação da interferência do pensamento significativo e consciente (Lara, 2020). Há pouca clareza de quais instrumentos podem auxiliar na divisão das relações de aspectos conscientes ligadas às emoções e sentimentos para as de aspectos inconscientes relacionados aos afetos. Além disso, essas duas questões ainda não foram claramente postas frente a referência do quadro teórico da geografia e da cartografia feminista. Nesse sentido, a cartografia afetiva, por não trabalhar com representações nominadas previamente, como as emoções, apresenta grande sensibilidade às multiplicidades, tornando-se atenta a cada experiência e encontro e suas respectivas afecções.

Desse modo, existe a possibilidade que essa cartografia possa ajudar a compreender como nesses encontros entre os corpos são estabelecidas relações de poder ainda não nominadas, até mesmo pela própria pessoa cartografada, algo que justifica a pesquisa. Acredita-se que, com os devidos cruzamentos com as vozes das pessoas cartografadas, é possível responder a crítica de excesso de abstração de Bondi (2005) e, ao mesmo tempo, entender relações estabelecidas de poder ainda não nominadas. Trata-se de uma contribuição para cartografias mais sensíveis às multiplicidades das ações, interações e acontecimentos cotidianos (Anderson; Harrison, 2010).

ou aspectos menos claros das estruturas de poder com foco nas relações sociais. Imagina-se que os afetos produzem pistas para compreender como os encontros entre diferentes tipos de corpos aumentam ou diminuem as suas potências frente ao mundo (Deleuze, 1988, 1997; Thrift, 2004), algo ligado a questões e demandas do feminismo.

Desse modo, a presente pesquisa se debruça na investigação do encontro entre dois tipos de cartografia: feminista e afetiva. Ambas ligadas a discussões políticas sobre estruturas de poder, construção de corpos-território e dados subjetivos. Assim, o trabalho busca compreender as contribuições da cartografia afetiva para demandas e discussões feministas na cidade, em outras palavras, entender quais os tipos de dados que o afeto pode indicar e como essas informações podem ser colocadas em um quadro de discussões do feminismo.

TEMA DE PESQUISA

Nesse cenário, a pesquisa tem como temática as cartografias feministas (D'ignazio, Klein, 2016; Font-Casaseca, 2020; Kelly, Bosse, 2022) e as afetivas baseadas na leitura de Deleuze sobre corpo e afeto (Caquard; Griffin, 2018; Deleuze, 1988; Pile, 2010). A discussão parte do campo da Geografia Feminista (Bondi, 1992; Haraway, 1988; Harding, 1986; McDowell, 1992; Scott, 1990), por ser a principal área disciplinar dedicada ao estudo das cartografias, mas o foco da pesquisa é direcionado à perspectiva da cidade, com ambição de contribuir também para área da Arquitetura e Urbanismo.

A cartografia feminista tem se aproximado das discussões sobre cartografias emocionais e afetivas e à Teoria Não Representacional, formando “um território familiar”, como pontua Cadman (2009), sendo que ambas as

cartografias evitam classificações e universalizações. Entretanto, a própria Cadman, destaca que ainda parece ser um território amplamente desconhecido, ou seja, não se sabe se as cartografias não representacionais podem reconfigurar as compreensões das geografias feministas sobre corpos generificados. Bondi (2005) alerta para o excesso de abstração da cartografia afetiva, e questiona suas ambições “corporificadas” para o feminismo. Pile (2010), em discordância, vê que a abstração trata daquilo que considera ser a linguagem abstrata das emoções, sendo o corpo central para as formas de conhecimento da geografia e da cartografia afetiva.

Imerso nessa discussão a pesquisa visa pensar possíveis contribuições da cartografia afetiva para a perspectiva feminista, mais especificamente suas incursões em cartografia, com atenção aos casos de apropriação das mulheres em espaços públicos da cidade. Como observa a importante feminista McDowell (2007), de forma paradoxal, historicamente os espaços públicos da cidade são locais significativos na fuga das mulheres à dominação masculina, sendo que o próprio anonimato da multidão urbana pode proteger as mulheres, ao mesmo tempo que o perigo é um atrativo para explorar a paisagem da cidade.

QUESTÃO DA PESQUISA

Nesse cenário, a pesquisa visa refletir e reposicionar a visão do afeto de Deleuze inserida no contexto das cartografias feministas urbanas, de modo a perguntar-se: Como o afeto e a cartografia afetiva contribuem com as preocupações da cartografia feminista sobre os espaços públicos?

Por fim, em relação ao corpo da mulher nos espaços públicos, tema dos casos de estudo, a geógrafa McDowell (2007), destaca um conjunto de razões que as mulheres têm sido, e continuam a ser excluídas da igualdade de acesso à arena pública. Dessa forma, a visão das mulheres como dependentes dos homens econômica e moralmente é reforçada, ou como seres inferiores, frágeis ou necessitados de proteção, reduzindo os seus direitos à liberdade (Pateman, 1988, 1989). Contudo, retomando a McDowell (2007, p. 151), é nestes espaços que “a diversidade que constitui ‘o público’ é mais evidente e onde as noções idealizadas de ‘interesse público’ são desafiadas”. Assim, principalmente por essa razão, como também pelas supracitadas, este trabalho se justifica.

METODOLOGIA

A presente pesquisa possui caráter exploratório com abordagem qualitativa interpretativa. A construção metodológica do experimento baseia-se tanto no método fenomenológico pós-intencional (Vagle, 2016; 2018), como também, no método cartográfico afetivo (Deleuze, Guattari, 1995; Passos et al, 2009). Os casos escolhidos para a pesquisa concentram-se em diferentes apropriações de mulheres nos espaços públicos da cidade. Todo o percurso metodológico da pesquisa será detalhado no Capítulo 3 da dissertação.

ESTRUTURA DO DOCUMENTO DE DISSERTAÇÃO

O documento proposto estrutura-se em cinco capítulos, após a introdução ao tema de pesquisa. Os capítulos da dissertação estão divididos em: fundamentação teórica (duas partes), metodologia, experimento com discussão de resultados e conclusão.

O primeiro capítulo da fundamentação teórica volta-se para as cartografias feministas, dedicando-se à sua conceituação. Levanta-se suas necessidades, desafios e principais características, fechando o capítulo com exemplos práticos de cartografias feministas. O segundo capítulo trata da cartografia afetiva, com a definição do termo “afeto” por Deleuze. Aborda também a diferença entre emoções e afetos, e as características fundamentais/princípios que regem a cartografia afetiva.

O terceiro capítulo apresenta todo o percurso metodológico da pesquisa: a lente filosófica da fenomenologia pós-intencional, o delineamento da pesquisa, o desenho do experimento, com quatro fases e os instrumentos e procedimentos utilizados.

O quarto capítulo dedica-se à descrição do experimento realizado e os resultados da pesquisa, com observações empíricas e verificação do fenômeno, a partir de diferentes instrumentos. Exibe-se os dados coletados em campo como imagens fotográficas, registros no diário de campo e entrevistas. Apresenta-se a discussão de resultados realizada por meio da análise qualitativa dos dados coletados no experimento. A discussão parte da interpretação de dados e informações coletados buscando traçar uma relação com questões feministas das mulheres no espaço público.

Com os dados analisados e discutidos, o quinto capítulo conclui o trabalho, buscando responder de forma clara a questão de pesquisa e se os objetivos foram alcançados. Na conclusão da dissertação descreve-se como os dados obtidos contribuem para a construção de conhecimento sobre cartografias feministas, por meio da lente afetiva, além de apontar as limitações encontradas durante o processo de pesquisa.

UMA BREVE INTRODUÇÃO DA GEOGRAFIA FEMINISTA À CARTOGRAFIA FEMINISTA

Desde meados da década de 1970, uma ampla discussão procura interligar o pensamento teórico feminista e as ciências sociais, aproximando-se aos temas do espaço e da cartografia. Nesse sentido, surgem diversos trabalhos científicos, em especial na disciplina da Geografia, explorando o comportamento humano nas cidades e as percepções no ambiente em relação às mulheres, como os artigos de Monk e Hanson (1982) e Zelinsky, Monk e Hanson (1982).

Surge, assim, uma cartografia específica preocupada com a relação das mulheres com o espaço físico, buscando a perspectiva das mulheres, definida como “cartografia feminista” (D’ignazio, Klein, 2016; Font-Casaseca, 2020; Kelly, Bosse, 2022). Para discutir o pensamento cartográfico feminista, ainda que a ênfase seja aqui em Arquitetura e Urbanismo, busca-se na Geografia Feminista (GF), campo onde a cartografia tem sido mais discutida, espaço para selecionar parâmetros claros da cartografia feminista na atualidade.

A GF vem a desafiar os processos chamados masculinistas, que produzem e reproduzem desigualdades entre os gêneros (Bondi; Davidson, 2004), reforçando a visão do sujeito masculino privilegiado dentro de dicotomias binárias como masculino/feminino, cultura/natureza e objeto/sujeito (Moss, 2002). Dessa forma, a crítica da GF nas décadas de 1980 e 1990, refutando às hegemonias positivistas (Nelson; Seager, 2005), reelaboraram conceitos e práticas no processo de criação de conhecimento, discutindo o que pode ser conhecido e o que é valorizado como cognoscível (Harding, 1991; Haraway, 1991).

Para tanto, a GF discute representações cartográficas alternativas, que busquem registrar, em especial, as experiências, vivências e práticas, muitas vezes subjetivas,

das mulheres nas cidades (Kwan, 2002a; Rodó-de-Zárate, 2014). A proposição da GF é refletir sobre a proposição das pessoas não conseguirem ser definidas simplesmente pelas categorias usadas para descrevê-las, mas sim pelas múltiplas dimensões da identidade e da diferença (Crenshaw, 1989; Kelly, 2019; Nagar, 2004). Nesse sentido, a metodologia feminista valoriza compreender a categoria de gênero por meio de conexões transversais e sobrepostas com estruturas dominantes das relações de poder, como classe, raça, etnia, idade, sexualidade, entre outras, traz luz à reflexão crítica do tema investigado e à responsabilidade com estas vozes e vidas (Ornat, 2008).

A GF, em resumo, questiona conceitos, teorias e métodos que possam, de algum modo, mascarar diferenças, desigualdades, dominações e luta contra a universalização do conhecimento (Silva et al, 2017). As cartografias feministas, então, buscam ir além da reconstrução dos conceitos e localizações políticas, desafiando os próprios processos de construção do conhecimento (Bondi; Davidson, 2004, Staeheli et al, 2004), considerando as formas como as relações são moldadas através dos papéis e das relações de gênero em diversos contextos (Staeheli et al, 2004). Assim, na busca de entender as múltiplas dimensões envolvidas, que compreendem sobreposições de categorias e relações, propõe-se discutir alguns parâmetros a seguir.

1.1 A EPISTEMOLOGIA FEMINISTA: PARÂMETROS PARA UMA CARTOGRAFIA FEMINISTA

A epistemologia feminista demarca uma série de parâmetros para pensar a cartografia feminista, com críticas presentes na formação do pensamento cartográfico, como por exemplo: a crítica ao universal (McDowell; Sharp, 1997; Rose, 1993), a reflexividade ou reflexibilidade (Haraway, 1988; Kobayashi, 2003; Rose, 1997), a situacionalidade (Haraway, 1991; Rose, 1997) e a interseccionalidade (Collins, 2015; Crenshaw, 1991). De modo semelhante, alguns elementos são reforçados para análise geográfica, como por exemplo, o corpo (Longhurst, 1997; Silva, Ornat, 2020) e a sexualidade (Cabral, Silva, 2016; Valentine, 1996). Por fim, conceitos centrais, relacionados à constituição do político, tornam-se pontos relevantes na construção e na prática das chamadas cartografias feministas, como por exemplo, poder, diferença, escala, bordas e limites (Kelly, Bosse, 2022; Massey, 1994; Staeheli, Kofman, 2004).

Para ajudar a pensar as cartografias feministas na atualidade, muito além de simples categorizações, na sequência, seguem algumas observações sobre tais elementos, abordagens e conceitos formadores de possíveis parâmetros.

1.1.1 A CRÍTICA À LEITURA UNIVERSAL

As perspectivas feministas contestam o modo masculinista de conhecer o mundo por meio do universalismo e objetividade. Este modo masculinista estaria ligado à ilusão de uma visão que tudo vê, na posição de “olho de Deus” (Haraway, 1988), a partir da qual o mundo pode ser pesquisado em sua totalidade.

Dessa forma, o universalismo e a objetividade estão geralmente associados a práticas que não envolvem os pesquisadores na construção de categorias, nomenclaturas e códigos (Harding, 1986; Rose, 1993; Staeheli et al, 2004), pois negam a parcialidade e influências do próprio pesquisador e apagando as subjetividades envolvidas no processo de construção do conhecimento (Kwan, 2002a). A ideia de universalidade está ligada à generalização do conhecimento, buscando abranger uma totalidade, sem conseguir alcançar as especificidades.

O conhecimento científico, como observa Rose (1993), sempre foi produzido por meio do recorte do gênero, sendo então um conhecimento masculino. Dessa forma, a ciência comumente associada a uma suposta imparcialidade, e a um distanciamento do pesquisador da realidade observada, é tida como neutra, mas para as estudiosas feministas, existe um olhar especificamente masculino sobre a verdade da humanidade (McDowell; Sharp, 1997).

Desse modo, uma importante contribuição do pensamento teórico feminista apresenta-se no reconhecimento de que o universalismo e a objetividade foram associados a categorias masculinas de sentido e razão. Enquanto, o particularismo e a subjetividade, seriam muitas vezes associados ao domínio irracional do feminino e movidos pela sensibilidade, postos de alguma forma como inferiores (Dixon; Jones, 2006).

(A) O CONHECIMENTO PRECISA SER UISTO PELA SUA PARTICULARIDADE.

1.1.2 O CORPO E A SEXUALIDADE

Na cartografia feminista o corpo é considerado um marco (Nelson; Seager, 2005), no entanto, dentro da epistemologia feminista, não existe uma definição amplamente aceita sobre este (Longhurst, 1997; Valentine, 1999). Deste modo, na contemporaneidade, o corpo não tem uma localização ou escala única, é sim um conceito que rompe dicotomias naturalizadas e abrange uma multiplicidade de locais, materiais e símbolos (Nelson; Seager, 2005). O corpo pode ser, como pontua Rich (2003), reconhecido como uma localização geográfica ou uma geografia mais íntima. Ao mesmo tempo, o corpo pode ser compreendido como um “espaço tátil” delimitado, separando o interno do mundo externo (Valentine, 1999). O corpo, para a geógrafa Valentine (1999), pode marcar ainda a fronteira entre o eu e o outro, constituindo-se como um espaço pessoal, um espaço de prazer e dor. Já para a pesquisadora Federici (2023, p. 76), “corpos também são textos sobre os quais regimes de poder escreveram suas prescrições”. Por fim, segundo Pile (1996), os corpos podem ser espaços que negociam com outras escalas, podendo sofrer processos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização.

O mapeamento na perspectiva feminista reconhece, assim, corpos diferenciados e experiências afetivas como instrumentais para a visualização (D’ignazio; Klein, 2016). No geral, as cartografias feministas consideram o corpo como situado (Haraway, 1988; Harding, 1986), legitimando o conhecimento corporificado, isto é, um conhecimento que vem do próprio corpo, da experiência e vivência deste no espaço. É por meio do corpo, então, que se é experienciado as emoções e os afetos.

Logo, a geografia e a cartografia feminista, ancorada no corpo, movem-se por meio da escala, conectando o pessoal e o cotidiano às paisagens culturais urbanas, às lutas etno-nacionalistas e às economias políticas globais (Nelson; Seager, 2005).

Ressalta-se que determinados corpos são marcados como diferentes pelas formas identitária, ou ainda, são postos como marginais, associados a determinados espaços, ao passo que outros, são considerados “normais” e muitas vezes vistos como neutros no discurso dominante (Ornat, 2008). Nesse sentido, o conceito de corpo aqui vai além de uma matéria biológica, mas como um espaço, social, político e geográfico: um corpo-território (Oberhauser, 2003; Ornat, 2008).

Além do corpo, a sexualidade é um importante elemento inserido na Geografia Cultural e que se manifesta também na GF, com a discussão do pensamento queer. Este pensamento acadêmico foi desenvolvido a partir de uma contestação ao movimento social de homens homossexuais norte-americanos, de caráter conservador, que privilegiavam a representação do homem branco homossexual, de classe média alta e excluía a multiplicidade presente no movimento de luta pela liberdade sexual, composto também por não brancos, travestis, lésbicas e transexuais etc. (Silva, 2008). Os pensadores queer compartilham as ideias que a chamada heteronormatividade, isto é, a imposição da orientação sexual hétero como normativa na sociedade, precisam ser questionadas, dando visibilidade a outras realidades.

(B) TAL PARTICULARIDADE PASSA NECESSARIAMENTE PELA IDEIA DE CORPO, QUE VAI ALÉM DO LIMITE BIOLÓGICO.

1.1.3 A SITUACIONALIDADE, POSICIONALIDADE E INTERSECCIONALIDADE

A epistemologia feminista, aqui discutida, prescreve um conhecimento situado, posicionado e interseccionado, de forma que o corpo discutido anteriormente está ligado a um contexto social, político e cultural no qual este conhecimento é produzido (Haraway, 1988; Harding, 1986; Kelly, 2019; Kwan, 2002a; D'Ignazio, Klein, 2016). Ao direcionar a situacionalidade para a cartografia feminista, o leitor deve ser situado tanto no contexto que o cartógrafo está inserido, quanto situar o objeto ou a pessoa cartografada (Kelly, 2019).

A posicionalidade, por outro lado, enfatiza o ponto de vista da identidade como fluida, ao invés de estável e fixa. Este conceito coloca a subjetividade não apenas como múltipla e contraditória, mas também relacional. Portanto, a identidade, vista pelo eixo do gênero, deve ser compreendida, por exemplo, em relação a outros eixos como a sexualidade e a raça (Friedman, 1998). Desse modo, as categorias como as de classe, raça, etnia, religião, nacionalidade, gênero e sexualidade operam de modo relacional, como locais tanto de privilégio quanto de exclusão. O discurso relacional da posicionalidade, como pontua Friedman (1998, p. 22), “sublinha a natureza em constante mudança da identidade, uma vez que é constituída através de diferentes pontos de referência e condições materiais da história”. Desse modo, a posicionalidade está ligada à própria posição e relação do cartógrafo frente ao cartografado.

A interseccionalidade, por fim, um conceito proposto por Kimberlé Crenshaw, no final do século XX, a partir especialmente do feminismo negro e dissidente americano, que busca explicar as sucessivas formas de dominação e opressão que recaem sobre algumas mulheres (González et al, 2021).

Relaciona-se com a noção de opressões cruzadas que um corpo pode sofrer. O termo vem de uma metáfora espacial - intersecção viária - para caracterizar a interconexão ou a união entre as variadas formas de opressão vivenciadas por um grupo específico. Crenshaw (1989), utilizou o termo, em um primeiro momento, para descrever as opressões e violências múltiplas que mulheres afro-americanas enfrentam com racismo, patriarcado e opressão de classe. De modo geral, o conceito de interseccionalidade, como coloca González et al (2021, p. 64):

Refere-se à articulação de traços socioculturais que definem os sujeitos e podem ser estabelecidos como categorias de estratificação social e, portanto, de dominação política. Assim, a atribuição de classe-raça-gênero configura as condições de possibilidade para as diferentes formas de exploração que os sujeitos vivenciam e sobre as quais a sociedade está organizada (...) apontando a impossibilidade de analisar as dimensões da desigualdade isoladamente e/ou como soma de diferentes desigualdades. Pelo contrário, sugere que as desigualdades estão inseridas na vida dos sujeitos e dos grupos de uma forma complexa e que precisamos nos situar nessa complexidade para podermos enfrentá-las.

O conceito busca resistir à homogeneização no feminismo, dessa forma, ampliando e tornando mais complexa a abordagem dos modos de dominação (González et al, 2021). Collins (2019, p. 48) destaca quatro premissas que os praticantes da interseccionalidade geralmente assumem: (1) raça, classe, gênero, sexualidade, nacionalidade, etnicidade, habilidade, idade e sistemas semelhantes de poder como interdependentes e mutuamente construídos; (2) a intersecção das relações de poder produz desigualdades sociais complexas e interdependentes de raça, classe, gênero...;

(3) a localização social de indivíduos e grupos nas relações de poder que se cruzam molda suas experiências dentro do mundo social, como também, suas perspectivas sobre ele; (4) a resolução de problemas sociais acontece dentro de determinado contexto local.

Dessa forma, destaca-se a abordagem relacional característica da interseccionalidade, a partir da articulação entre diferentes eixos de opressão e suas implicações na reprodução de relações e estruturas de poder desiguais. Além disso, a abordagem é situada e corporificada, pois busca-se compreender as experiências específicas de indivíduos ou grupos sociais em seus contextos históricos, geográficos e culturais. A posicionalidade de cada indivíduo fornece, por sua vez, uma perspectiva única da sua experiência e subjetividades.

Enfim, ao reconhecer a interseccionalidade, posicionalidade e situacionalidade; os cartógrafos podem evitar generalizações e categorização de indivíduos, compreendendo as complexidades, subjetividades, experiências e conhecimentos individuais presentes (D'ignazio; Klein, 2016).

**(C) ESTE CORPO NÃO PODE SER UISTO
COMO UNIERSAL, MAS SIM RELACIONAL,
DEPENDENDO DE SUA SITUAÇÃO,
POSIÇÃO E INTERSECÇÃO.**

1.1.4 PODER, DIFERENÇA E ESCALA

A discussão da epistemologia feminista está diretamente relacionada com o conceito de poder, pensado aqui, como a capacidade de fazer certas coisas ou como uma forma de controlar ou moldar um evento, uma pessoa ou um processo (Staeheli; Kofman, 2004).

Portanto, o conceito de poder, de forma geral, está associado ao controle, à autoridade ou à capacidade de governar. Além disso, nesta discussão o poder também tem sido pensado como um atributo ou uma posse ligada a papéis institucionais específicos ou a tipos de indivíduos.

As teóricas sociais feministas expandiram o conceito de poder de diversas maneiras, sendo uma das formas de situar o poder em redes de relações e reconhecer as diferentes fontes de poder inclusive as da esfera privada. Logo, o poder começa a ser compreendido como multifacetado, difuso e relacional. A ênfase se desloca, então, para as relações de poder e não na distribuição ou qualidade do poder em si, reconhecendo que o poder não reside somente em instituições formais (Staeheli; Kofman, 2004). Como resultado, as estudiosas feministas têm-se concentrado cada vez mais na natureza corporificada do poder (Crenshaw, 1989; Harding, 1987; Kelly; Bosse, 2022; Mcdowell, 1992), com interesse no empoderamento ou na luta para reposicionar grupos marginalizados nas redes de poder que formam a sociedade (Staeheli; Kofman, 2004).

As cartógrafas feministas assumiram o compromisso de compreender como o empoderamento, a opressão e a exclusão operam por meio de regimes de diferença, do mesmo modo, entender como o espaço e o lugar estão implicados nos processos estruturais e nas práticas cotidianas que constituem marginalidade e diferença (Nagar, 2004). Essa compreensão levou as geógrafas e cartógrafas feministas a olhar com maior sensibilidade para como as especificidades socioespaciais transformam as estruturas de poder e privilégio, como também, as maneiras que os grupos oprimidos promovem resistência, subversão e mudanças através de políticas de lugar e identidade.

Dessa forma, as representações cartográficas feministas produzem novos métodos, protocolos e instrumentos para que cartógrafos interrompam fluxos “tradicionais” de pesquisa, para então, examinar como o poder influenciaria os processos, produtos e, até mesmo, o próprio cartógrafo (Kelly; Bosse, 2022). Segundo estas autoras, as práticas da reflexividade e da posicionalidade estão associadas diretamente com a reflexão sobre a posição e a relação de poder do cartógrafo e do cartografado.

Sobre a diferença, deve-se destacar que o feminismo nasce de uma preocupação com este conceito, em particular, com a diferença entre as construções sociais dos gêneros (Al-Hindi; Kawabata, 2002). Desse modo, a ideia central da diferença viria de uma crítica anterior ao pressuposto do universalismo já comentado, onde as feministas criticavam as construções do próprio sujeito das ciências sociais modernas posto como neutro, isento de juízo de valor.

A maneira mais fácil e intuitiva de se trabalhar o conceito da diferença na cartografia feminista, em um primeiro momento, seria adotar uma abordagem categórica e definir grupos com base em determinadas características como gênero, raça, sexualidade, nacionalidade, assim por diante. No entanto, tal abordagem possui várias limitações, a ponto que as geógrafas e cartógrafas feministas argumentam que é necessário afastar-se delas (Haraway, 1988). Essas limitações estão relacionadas ao fato de que as pessoas não são definidas simplesmente pelas categorias (usadas para descrevê-las), mas sim pelas múltiplas dimensões da identidade e da diferença interagem.

Essas relações de identidade e diferença são moldadas pelas especificidades do poder e ainda pelas oportunidades políticas (Staeheli; Kofman, 2004). Dessa forma, as cartógrafas feministas dão importância à posicionalidade, à identidade e às estruturas de privilégio e opressão que moldam as experiências de indivíduos e grupos sociais (Crenshaw, 1989; Kelly, 2019; Nagar, 2004).

As cartógrafas feministas também desafiaram a construção geográfica do político em relação a diversas escalas, retrabalhando o conceito de escala para enfatizar a sua relacionalidade e expandir sua gama (Staeheli; Kofman, 2004). Em um primeiro momento, concentrou-se a atenção em três escalas: global, nacional e local. No entanto, as feministas têm ido além, destacando a importância do local, dos espaços específicos e da experiência cotidiana, como também, a relevância da escala do lar e do corpo na construção do político (Massey, 1994), compreendidos como locais tanto de opressão como de resistência.

Para capturar as relações dinâmicas entre ambientes urbanos e gênero, as geógrafas feministas analisaram as condições materiais da vida cotidiana que contribuem para a desigualdade de gênero, concentrando-se nas circunstâncias econômicas (Preston; Ustundag, 2005). Assim, a materialidade do cotidiano tem sido uma preocupação para muitas pesquisadoras feministas, pois é a partir do cotidiano que se experiencia o mundo, compreendendo também a importância da experiência corporal, sendo o corpo o meio pelo qual se atravessam as camadas das relações de poder (Dyck, 2002).

Dessa maneira, a escala e o conceito do corpo têm sido usados para reivindicações políticas, como formas de controle político, símbolo de nacionalidade, resistência entre outros (Staeheli; Kofman, 2004). Esse entendimento amplificado do conceito de escala está ligado à compreensão de processos políticos. Assim diretamente ligado à escala, a espacialidade tem sido fundamental para compreender os fenômenos envolvendo relações de poder (Oberhauser, 2003).

(D) QUE ENVOOLVE UMA IDEIA DE PODER QUE TRANSPÕE OS INSTITUCIONAIS, REFLETINDO POSIÇÕES DO CARTOGRAFADO E CARTÓGRAFO, DENTRO DO COTIDIANO QUE SE EXPERIENCIA O MUNDO – CONHECIMENTO CORPORIFICADO.

1.1.5 BORDAS E LIMITES

Ao se pensar como a diferença e o conflito são construídos, outros importantes conceitos ferramentais, de carga imaginativa e teórica, são destacados para se entender como se vive e se é representado em vários contextos, são eles: bordas, fronteiras e limites (McDowell; Sharp, 2014).

Dentro dessa epistemologia feminista, Wastl-Water e Staeheli (2004) relacionam os conceitos de território e fronteiras com as ideias e práticas da diferença. O território e as fronteiras, com suas bordas e limites, são formas de impor ideias sobre quem e o que pertence a determinados lugares, ou seja, são expressões de poder social (Cresswell, 1996). O território, para Haesbaert (2007), está relacionado ao poder, não apenas ao poder político do Estado, mas também no sentido de sua apropriação, na relação sociedade-espço, mais subjetiva, cultural e simbólica.

Nesse sentido, as questões de identidade e diferença são essenciais para se pensar as formas como o território e as fronteiras são construídos. Ao examinar a construção social e política das bordas, fronteiras, limites e escalas; pesquisadores tentam questionar os significados tomados como certos no discurso dominante e, assim, revelar certas suposições, construções e relações de poder (Hyndman, 2004).

Teóricas e cartógrafas feministas fizeram importantes contribuições para o estudo do território, das fronteiras, das bordas e dos limites; desafiando muitas vezes a compreensão da territorialidade comum na geografia política (Wastl-Water; Staeheli, 2004). Elas demonstraram que o território e as fronteiras, enquanto construções sociopolíticas, dependem de relações de poder de gênero que operam na variedade de locais e escalas. Assim, as mulheres questionam e desafiam os processos de construção de fronteiras, bordas e limites que moldam as sociedades.

(E) QUE DEPENDE DA FORMA COMO OS TERRITÓRIOS SÃO CONSTRUÍDOS, QUE REVELAM FRONTEIRAS NO ESPAÇO E RELAÇÕES DE PODER

1.1.6 A REFLEXIVIDADE

Por fim, um traço importante na pesquisa feminista: reflexividade ou reflexibilidade. Este é frequentemente fundamentado no conhecimento situado (Haraway, 1988), o qual rejeita às construções ocidentais de objetividade e as abordagens universalizantes do mundo, sendo este um consenso entre as mais diversas perspectivas feministas (Haraway, 1988; Harding, 1986; Kelly, 2019; Kwan, 2002a; D'ignazio; Klein, 2016).

Na abordagem feminista o conhecimento situado demonstra parcialidades e subjetividades pessoais, ligadas a contextos sociais, culturais e políticos (Haraway, 1988). A reflexividade dedica-se em tornar “visível” aquilo que se tornou “invisível” no processo tradicional de pesquisa (Staeheli; Lawson, 1995), isto é, direciona os pesquisadores a se localizarem em relação às estruturas de poder que moldam a produção do conhecimento (Rose, 1997).

A reflexividade, portanto, exige uma visão crítica das localidades, privilégios, preconceitos e apagamentos, de modo a reconhecer as influências pessoais, interpessoais, institucionais, emocionais, epistemológicas e ontológicas no processo de pesquisa (England, 1994; Mohanty, 1988, 2003). Em síntese, a reflexividade revela a política e o poder da posição do pesquisador na produção de conhecimento, provocando o pesquisador a refletir e desafiar as estruturas de poder que exigem mudanças para além das ações individuais (Kelly; Bosse, 2022).

Desse modo, para cartografar contextualmente, uma abordagem reflexiva situa ou fundamenta o projeto e enfatiza a integridade do produtor de conhecimento ou cartógrafo (Kelly, 2019). Pesquisadores geralmente incorporam uma declaração de reflexividade ou “posicionalidade” no início de seus trabalhos, no entanto, os cartógrafos são menos propensos a documentar suas

subjetividades e tendências no mapa, como pontua Kelly (2019). Uma pesquisa feminista está comprometida metodologicamente com: a reflexibilidade diante da força da tradição da epistemologia, as fronteiras e os limites teóricos e metodológicos e com as relações e as múltiplas dimensões da localização do pesquisador e suas interações no processo de pesquisa (Ackerly; True, 2010).

Exibe-se, a seguir, uma síntese dos tópicos de cada um dos parâmetros para a elaboração de uma cartografia feminista (Quadro 1).

QUADRO 1

Síntese dos parâmetros para a elaboração de uma cartografia feminista.

(A) O CONHECIMENTO PRECISA SER VISTO PELA SUA PARTICULARIDADE.

(B) ESTA PARTICULARIDADE PASSA NECESSARIAMENTE PELA IDEIA DE CORPO, QUE VAI ALÉM DO LIMITE BIOLÓGICO.

(C) ESTE CORPO NÃO PODE SER VISTO COMO UNIVERSAL, MAS SIM RELACIONAL, DEPENDENDO DE SUA SITUAÇÃO, POSIÇÃO E INTERSECÇÃO.

(D) QUE ENVOLVE UMA IDEIA DE PODER QUE TRANSPÕE OS INSTITUCIONAIS, REFLETINDO POSIÇÕES DO CARTOGRAFADO E CARTÓGRAFO, DENTRO DO COTIDIANO QUE SE EXPERIENCIA O MUNDO – CONHECIMENTO CORPORIFICADO.

(E) QUE DEPENDE DA FORMA COMO OS TERRITÓRIOS SÃO CONSTRUÍDOS, QUE REVELAM FRONTEIRAS NO ESPAÇO E RELAÇÕES DE PODER.

(F) QUE POSICIONA O PESQUISADOR E SUAS INTERAÇÕES, EM BUSCA DE POSSÍVEIS PRIVILÉGIOS E APAGAMENTOS.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

1.2 UMA VISÃO DA CARTOGRAFIA FEMINISTA POR MEIO DA PRÁTICA

A partir da década de 1980, a ascensão das perspectivas feministas no campo das ciências sociais desafiou diretamente os métodos cartográficos convencionais (Harley, 1989; Crampton, 2011). Nesse sentido, novos processos e métodos de produção cartográfica surgem, incluindo alguns conceitos da epistemologia feminista, como o corpo, a sexualidade e a interseccionalidade.

O trabalho das geógrafas feministas pioneiras buscou a inclusão das mulheres e das relações de gênero nos mapas e cartografias, marginalizadas historicamente nos estudos anteriores (Dixon; Jones, 2006). Assim, desafia as representações das mulheres e insistindo na importância da categoria do gênero como eixo de diferenciação e desigualdade social (Hayford, 1974; McDowell, 1992; Monk, Hanson, 1982). Nesse processo tornou-se evidente as deficiências e lacunas nos mapas e em suas técnicas de criação que os geógrafos utilizavam e produziam (Bondi; Davidson, 2004). Como pontuam Kelly e Bosse (2022), os mapas não podem ser separados de seus criadores, pois apresentam uma visão de mundo que se materializa e se concretiza nas visíveis relações de poder.

A teoria e a prática feminista são centrais para as considerações de poder e posição no processo cartográfico e lançaram as bases para o atual Sistema de Informação Geográfico Crítico (Elwood; Leszczynski, 2018). O objetivo dessas práticas cartográficas alternativas é representar o mundo de maneira que questionem ou desestabilizem as representações dominantes (Kwan, 2002a).

Iniciam-se as descrições empíricas das vivências das mulheres, detalhando suas particularidades registradas nas cartografias,

para revelar o modo como se excluía metade da população humana, assumindo a universalidade e homogeneidade de todas as pessoas (Monk; Hanson, 1982, Monk; Garcia Ramon, 1987). Assim algumas geógrafas, como pontua Font-Casaseca (2020), interessaram-se em analisar e representar cartograficamente os espaços e as vivências humanas, a partir do ponto de vista de gênero, como também, em relação à classe, raça, sexualidade e outros eixos.

Os estudos da GF impactaram profundamente as práticas cartográficas, lançando as bases para estudos críticos e qualitativos no combate ao patriarcado e outras hierarquias sociais (D'ignazio; Klein, 2016, Pavlovskaya, 2020). As geógrafas feministas examinaram e subverteram o papel do olhar masculino na formação da cartografia, inscrevendo o mapeamento como não hierárquico e reconstruindo a visão e a cartografia em termos feministas (Pavlovskaya, 2020). A partir da década de 1990, o interesse feminista voltou-se para os Sistemas de Informação Geográfica (SIG), o tema da visualização feminista (Kwan, 2002a; D'ignazio, Klein, 2016) começou a ter como objetivo repensar o uso da cartografia como uma prática possível na pesquisa geográfica feminista.

Com a intenção de impactar diretamente o design de visualizações futuras, D'Ignazio e Klein (2016) apresentam seis princípios na visualização de dados feminista levantando um conjunto de perguntas relacionadas ao processo e ao resultado do design. Apesar do foco ser o design de visualização, a abordagem feminista utilizada exige sua expansão para dar conta da gama de forças sociais e condições materiais que influenciam no

processo de projeto. Os seis princípios básicos na visualização cartográfica feminista seriam:

- (1) REPENSAR A BINARIDADE**
- (2) ABRAÇAR O PLURALISMO**
- (3) EXAMINAR O PODER E ASPIRAR AO EMPODERAMENTO**
- (4) CONSIDERAR O CONTEXTO**
- (5) LEGITIMAR O CONHECIMENTO INCORPORADO E O AFETO**
- (6) TORNAR O TRABALHO VISÍVEL**

Fonte: D'ignazio, Klein (2016).

O primeiro princípio de visualização feminista é repensar os binários, sendo central para a teoria feminista a negação de distinções binárias, não apenas entre as categorias feminino e masculino, mas também entre natureza e cultura (Haraway, 1991), sujeito e objeto (Hekman, 1990), razão e emoção (Llyod, 2002), corpo e mundo (Barad, 2007) entre outros. Ao invés de binaridades, uma abordagem feminista deve enfatizar estratégias de representação baseadas na multiplicidade, e ainda, reconhecer os limites de qualquer visão binarista (Landström, 2007).

Diante das reivindicações de objetividade, neutralidade e universalismo, a teoria feminista enfatiza como o conhecimento é sempre construído dentro do contexto de uma posição de um sujeito específico (Harding, 1986, 1991; Llyod, 2002). No contexto da cartografia feminista, o foco na própria posição do cartógrafo pode auxiliar a expor as decisões, implícitas e explícitas. Portanto, o segundo princípio aborda o pluralismo, dando foco para múltiplas verdades.

O terceiro diz respeito a examinar o poder e suas relações hierárquicas e aspirar o empoderamento de minorias sociais e grupos marginalizados. Uma abordagem feminista para visualização de dados deve considerar como diversos contextos podem influenciar a produção da visualização, sendo este o quarto princípio.

O quinto princípio está ligado à legitimação do conhecimento incorporado e do afeto. A teoria feminista reconhece as experiências corporificadas e a afetivas (experiências ligadas ao corpo), como formas de conhecimento equivalentes a métodos mais quantitativos. As dimensões afetivas da visualização foram pouco exploradas na pesquisa tradicional de visualização (D'ignazio; Klein, 2016). O sexto princípio, o último, busca tornar visível os corpos que realizam o trabalho e todas as etapas do processo de visualização de dados. Apenas com o objetivo de ilustrar, vê-se a seguir algumas cartografias.

1.2.1 CARTOGRAFIA DA FRONTEIRA DA SÍRIA POR KELLY

O trabalho de Kelly (2019), utilizando a teoria feminista como um framework, delineia quatro temas particularmente relevantes: o corpo, interseccionalidade, reflexividade e transformação. Assim, Kelly (2019) desenvolve uma abordagem feminista para cartografar as passagens de fronteira de refugiados sírios, a partir da transposição dos relatos das entrevistas em símbolos cartográficos (Figura 1).

FIGURA 1

Mapeando coletivamente a fronteira da Síria.

Collectively Mapping Borders

Meghan Kelly



Fonte: Kelly (2019).

No quadro abaixo a autora sintetiza como os conceitos teóricos podem ser traduzidos enquanto decisões de design e projeto cartográfico (Quadro 2). Ao focar na interseccionalidade dos refugiados e suas histórias, assim como na reflexividade do cartógrafo, Kelly (2019) aponta que as experiências individuais podem ser priorizadas e separadas da voz do cartógrafo. Por essa perspectiva, a autora navega pelas experiências de fronteiras tradicionais e não tradicionais, incluindo o corpo, repensa e transforma cartograficamente a simbolização de fronteira como uma nova técnica de mapeamento narrativo.

QUADRO 2

Síntese dos conceitos teóricos feministas e sua implementação cartográfica no mapa.

Conceitos Teóricos	Decisões de Projeto Cartográfico
C O R P O	• Incorpore as geografias íntimas de experiências corporais, geografias muitas vezes não mapeadas. • Simbolize as fronteiras corporais (e outras fronteiras não tradicionais) como espaço delimitado usando abstrato (formas quadradas) • Simbolize as fronteiras corporais em termos de intensidade de experiência e porosidade usando uma simbolização bivariada (esquema) • Coloque os indivíduos e suas experiências no centro da página usando a simbolização de borda • Potale as fronteiras com base nas experiências dos indivíduos para incorporar a "linha" • Revele e enfatize corpos individuais marcando um recurso de ponto no painel direito. • Confie na voz do indivíduo na etiquetada borda e no painel direito para transmitir a narrativa
Inter seccio nalidade	• Crie mapas individuais para cada pessoa e tabule as experiências de fronteira, tradicionais e não tradicionais • Ilustre as identidades interseccionais e as diferentes experiências de cada indivíduo, usando a simbolização de linha bivariada, rótulos geométricos e texto narrativo. • Reconheça as semelhanças e diferenças entre os indivíduos usando o esquema de layout e simbolização • Mestre diferenças comuns e experiências de geografias semelhantes por pequenos múltiplos e um agregado emparelhamento de mapas
Trans for ma ção	• Expandir a simbolização da fronteira incorporando níveis adicionais de significado (intensidade de experiência e porosidade) na linha • Estenda a simbolização de borda através de linhas e polígonos • Inclua bordas não tradicionais geralmente silenciadas por técnicas de mapeamento convencionais • Inclua bordas corporais individuais como espaços quadrados abstratos • Coloque rótulos de borda e peças narrativas adicionadas • Abra a conversa e conecte-se pessoalmente no leitor, fornecendo um esquema para guiá-lo pelos mapas e sua interpretação
Refle xivi dade	• Inclua a declaração de posicionamento no texto e o formulário de mapa • Demonstre a reflexividade do próprio mapa por mapeamento iterativo, processo transparente e documentação • Separe a voz do cartógrafo da voz do indivíduo usando estilos de tipo serif e sans serif, respectivamente • Incentive outros cartógrafos a serem reflexivos em seu próprio trabalho

Fonte: Kelly (2019) - tradução da autora.

A práxis de uma cartografia feminista reconhece as subjetividades e possibilidades construídas no design, sendo menos focada em identificar uma solução estreita ou universal (Kelly, 2019).

A cartografia feminista da Kelly (2019) exposta na Figura 1, traz os seis princípios básicos na visualização cartográfica propostos por D'ignazio e Klein (2016).

1.2.2 CARTOGRAFIA FEMINISTA DE VIOLAÇÕES E RESISTÊNCIAS NA ZONA OESTE DO RIO DE JANEIRO

Um grupo de mulheres militantes, moradoras da zona oeste do Rio de Janeiro, se uniu em uma investigação para mapear os conflitos socioambientais e suas alternativas em seus territórios, a partir de suas experiências e práticas, formando o coletivo Militiva Investigativa da Zona Oeste. O projeto surgiu no Instituto Políticas Alternativas para o Cone Sul (PACS), após anos de atuação conjunta com os movimentos sociais da Zona Oeste do Rio de Janeiro, com início no ano de 2015, reunindo cerca de 25 mulheres de diversas organizações em uma construção coletiva por três anos.

A região oeste do Estado do Rio de Janeiro concentra uma extensa área com agrobiodiversidade com rios, florestas, baías, mangues, vilas, comunidades de agricultores, pescadores, marisqueiras, quilombolas, trabalhadores, além de áreas dos povos originários e indígenas. Essa área, que vai da Baía de Sepetiba à Baixada de Jacarepaguá, sofre com ameaças e conflitos ambientais devido aos grandes projetos que tratam o território como um espaço vazio, ou ainda, colocam a população local como um “obstáculo” a ser descartado (Militiva, 2018).

É nesse contexto que surge uma prática política feminista proposta pelo coletivo para construção de conhecimento a partir dos territórios e dos conhecimentos da própria população.

O coletivo Militiva engajou-se nessa disputa territorial com mapas e representações cartográficas oficiais, expondo a leitura política da resistência por meio de uma cartografia desenhada por mulheres residentes e militantes da zona oeste lida como uma força política. Após três anos de trabalho, foi construída coletivamente uma cartografia feminista que revela as violações e negações dos direitos da população, assim como as resistências na Zona Oeste pela ótica das mulheres. Como o próprio grupo descreve: “enfrentamentos aos Racismos pela visão das Mulheres” (Figura 2). Desse modo, o coletivo busca principalmente construir conhecimentos, memórias e histórias ancestrais pela perspectiva das mulheres que constroem resistências e alternativas para uma melhor qualidade de vida.

FIGURA 2

Confrontos com o racismo a partir das opiniões das mulheres: Uma cartografia feminista de violações e resistências na zona oeste do Rio de Janeiro.



Fonte: Militiva (2018).

O coletivo não pretendia realizar uma representação perfeita, acabada e única da região, mas sim algo que considere diferentes perspectivas para pensar e agir sobre a realidade. Todas as definições, nomenclaturas, detalhes dos desenhos e ícones, assim como a escrita coletiva dos textos (Figura 3) da cartografia foram realizadas pelas mulheres do Militiva.

FIGURA 3

Legenda da cartografia feminista proposta pelo coletivo Militiva.



Fonte: Militiva (2018).

Essa cartografia feminista surgiu como um instrumento síntese do coletivo, o qual desenvolve uma forma de organizar as experiências e os conhecimentos imaginados, sentidos e vividos das mulheres. A construção coletiva de interpretações do território contribui para a compreensão das relações de poder entre os conflitos ambientais e os impactos na vida das mulheres. Nesse sentido, o trabalho do coletivo inclui o corpo-território, por meio de excursões ao território, caminhadas, manifestações públicas, oficinas, palestras, escutas e acolhimento (Militiva, 2018).

O coletivo Militiva compreende que a construção compartilhada da pesquisa pode transformá-la em uma ferramenta que contribui para visibilizar a experiência das mulheres, a partir da luta cotidiana. Além disso, o coletivo entende que a sistematização coletiva das experiências e perspectivas sobre as situações vividas de opressão fortalece as redes e territórios de resistência e a construção de alternativas de poder. Esses princípios trabalhados neste exemplo de cartografia feminista - do corpo-território, das relações de poder, do conhecimento incorporado - vão ao encontro com os parâmetros discutidos da epistemologia para a prática cartográfica feminista.

Esta cartografia também levanta os seis pontos de visualização cartográfica de D'ignazio e Klein (2016).

É nesse contexto que surge uma prática política feminista proposta pelo coletivo para construção de conhecimento a partir dos territórios e dos conhecimentos da própria população.

O coletivo Militiva engajou-se nessa disputa territorial com mapas e representações cartográficas oficiais, expondo a leitura política da resistência por meio de uma cartografia desenhada por mulheres residentes e militantes da zona oeste lida como uma força política. Após três anos de trabalho, foi construída coletivamente uma cartografia feminista que revela as violações e negações dos direitos da população, assim como as resistências na Zona Oeste pela ótica das mulheres. Como o próprio grupo descreve: “enfrentamentos aos Racismos pela visão das Mulheres” (Figura 2). Desse modo, o coletivo busca principalmente construir conhecimentos, memórias e histórias ancestrais pela perspectiva das mulheres que constroem resistências e alternativas para uma melhor qualidade de vida.

1.3 SÍNTESE DA CARTOGRAFIA FEMINISTA

Diante do exposto acima destaca-se um quadro síntese com as principais características da prática cartográfica feminista (Quadro 3):

QUADRO 3

Principais demandas da cartografia feminista.

DEMANDAS DA CARTOGRAFIA FEMINISTA			
CRÍTICA AO UNIVERSAL E A GENERALIZAÇÃO	Rejeição às construções ocidentais de objetividade e às abordagens universalizantes (Haraway, 1988; Harding, 1986).	Ligado à ilusão de uma visão que tudo vê, na posição de “olho de Deus” (Haraway, 1988), abrangendo a totalidade, sem olhar para as especificidades.	A suposta neutralidade e a imparcialidade da ciência são compreendidas como um olhar masculino sobre a verdade da humanidade (McDowell; Sharp, 1997).
CORPO	Corpo não tem uma localização ou escala única, mas abrange uma multiplicidade de locais, materiais e símbolos (Nelson; Seager, 2005).	Reconhecem e legitimam corpos e experiências corporificadas e afetivas como formas de conhecimento (D’ignazio; Klein, 2016).	O corpo é considerado como situado (Haraway, 1988; Harding, 1986), demonstrando parcialidades e subjetividades pessoais, ligadas a contextos sociais, culturais e políticos (Haraway, 1988)
REFLEXIVIDADE	A prática da reflexividade está associada diretamente com a reflexão sobre a posição e a relação de poder do cartógrafo e do cartografado (Kelly; Bosse, 2022).	Reconhece as influências pessoais e interpessoais no processo de pesquisa (England, 1994; Mohanty, 1988, 2003).	Cartógrafos são menos propensos a documentar suas subjetividades e tendências no mapa (Kelly, 2019).

POSICIONALIDADE	O poder da posição do pesquisador na produção de conhecimento, provoca o pesquisador a refletir e desafiar as estruturas de poder exigindo mudanças coletivas (Kelly; Bosse, 2022).	Este conceito de posicionalidade coloca a subjetividade como múltipla e contraditória, e como relacional (Friedman, 1998).	A posicionalidade particular de cada indivíduo fornece uma perspectiva única da sua experiência e subjetividades (Haraway, 1988).
INTERSECCIONALIDADE	O conceito de interseccionalidade é a noção de opressões cruzadas, ou que um corpo pode sofrer (Collins, 2015; Crenshaw, 1989).	Raça, classe, gênero e sistemas semelhantes de poder são interdependentes e mutuamente construídos (Collins, 2019).	A intersecção das relações de poder produz desigualdades sociais complexas e interdependentes de raça, classe, gênero, sexualidade, nacionalidade, etnicidade, habilidade e idade, entre outros (Collins, 2019).
PODER	A espacialidade, diretamente ligada à escala, tem sido fundamental para compreender os fenômenos envolvendo relações de poder, (Oberhauser, 2003).	Cartógrafas feministas dão importância à posicionalidade, à identidade e às estruturas de privilégio e opressão que moldam as experiências de indivíduos e grupos sociais (Crenshaw, 1989; Kelly, 2019; Nagar, 2004).	Os mapas não podem ser separados de seus criadores, pois apresentam uma visão de mundo que se materializa e se concretiza nas visíveis relações de poder (Kelly; Bosse, 2022).

DIFERENÇA	Compreender como o empoderamento, a opressão e a exclusão operam por meio de regimes de diferença e entender como o espaço e o lugar estão implicados nos processos estruturais e nas práticas cotidianas que constituem marginalidade e diferença (Nagar, 2004).	Afastar-se de abordagens categóricas e definições de grupos com base em determinadas características como gênero, raça, sexualidade e nacionalidade. Buscar olhar para os indivíduos pela interação das múltiplas dimensões da identidade e da diferença (Haraway, 1988).	Relações de identidade e diferença são moldadas pelas especificidades do poder e ainda pelas oportunidades políticas (Staeheli; Kofman, 2004).
ESCALA	Destaca importância do local, dos espaços específicos e da experiência cotidiana, como também, a relevância da escala do lar e do corpo na construção do político (Massey, 1994).	Afasta-se das ideias masculinistas e do nível macro de análise para considerar as formas como as relações políticas são moldadas através dos papéis e das relações de gênero em diversos contextos (Staeheli et al, 2004).	A escala e o conceito do corpo têm sido usados para reivindicações políticas, como formas de controle político, símbolo de nacionalidade, resistência entre outros (Staeheli; Kofman, 2004).
BORDA E LIMITE	Desafiam a compreensão da territorialidade comum na geografia política (Wastl-Water; Staeheli, 2004).	Demonstraram que o território e as fronteiras, enquanto construções sociopolíticas, dependem de relações de poder de gênero que operam na variedade de locais e escalas (Wastl-Water; Staeheli, 2004).	O território está relacionado ao poder, não apenas ao poder político do Estado, mas também no sentido de sua apropriação, na relação sociedade-espço, mais subjetiva, cultural e simbólica (Haesbaert, 2007).

2 EXPLORANDO A CARTOGRAFIA AFETIVA

A investigação temática da cartografia afetiva é um tema em construção e emergente em um campo marcadamente interdisciplinar. Nas últimas décadas essa abordagem cartográfica tem sido encontrada em áreas como na geografia (Anderson, Harrison, 2010; Pile, 2010; Thrift, 2004), psicologia (Mairesse 2003; Passos et al, 2009; Romagnoli, 2009), educação (Chicon, 2011; Cooper, 1982), filosofia (Deleuze, 1997, 2002; Massumi, 2002), saúde (Silva et al, 2012; Streppel, Palombini, 2011) entre outras. Mais recentemente, surgiu um olhar para o campo da arquitetura e urbanismo (Castro, Obniski, 2018; Hirao et al, 2022; Lopes et al, 2019; Schenk, Lima, 2019), sendo o método cartográfico afetivo uma potente estratégia de investigação no processo de leitura das relações de poder e dinâmicas da cidade.

Nesta pesquisa, o entendimento de cartografia afetiva inicia no pensamento de Gilles Deleuze sobre o afeto, conceituado basilarmente pelo filósofo Baruch Espinosa em “Ética” de 1677 (2009). Neste entendimento de cartografia, parte-se das discussões realizadas por Deleuze e Guattari (1995), baseadas na imagem de pensamento do rizoma, entre as linhas duras de segmentação e as flexíveis linhas de fuga. Uma cartografia com a característica de ser aberta, conectável, desmontável, reversível e suscetível de receber modificações constantemente. Contudo, aproxima-se aqui também à Teoria Não Representacional (Andrews, 2014; Cadman, 2009; Thrift, 2004) e a discussão na psicologia (Passos et al, 2009; Escóssia; Tedesco, 2009).

Estas discussões sobre a cartografia afetiva, em geral, levam a investigações que buscam ir além de procedimentos metodológicos delimitados, por exemplo, inserindo a

pesquisadora em seu campo de pesquisa, em prol de tornar-se uma importante ferramenta para investigar o coletivo de forças que compõem a realidade (Costa, 2020; Passos et al, 2009; Romagnoli, 2009). Essa visão metodológica acaba por ambicionar reverter o sentido tradicional de método, na qual a pesquisa deve ser guiada para alcançar metas pré-estabelecidas, como confirmar ou refutar hipóteses, posicionando-se assumidamente como um método em construção, no qual não há regras gerais nem um modelo de investigação, somente pistas sobre como praticá-la, construída caso a caso (Passos et al, 2009).

Na perspectiva desta cartografia, o trajeto da pesquisa transforma-se na própria meta, apostando na experimentação do pensamento, tornando-se um método não para ser aplicado, mas para ser experimentado (Passos et al, 2009). Ao mesmo tempo, não se trata de ações sem direção, pois a cartografia não descarta qualquer orientação de percurso. As metas e objetivos são móveis e flexíveis, ligados aos caminhos que se desdobram no próprio processo de pesquisa. Desse modo, valoriza-se o processo de pesquisa, a própria experiência do caminhar da pesquisa. O método e a prática cartográficos, portanto, exigem que a escuta e o olhar se ampliem, incluindo a dimensão processual da experiência (Tedesco et al, 2014).

Desse modo deve-se ressaltar alguns desafios que envolvem a investigação das metodologias afetivas, concentrando-se em três dificuldades: (i) de fazer perguntas de pesquisa sobre o afeto; (ii) de como gerar “dados incorporados” para pesquisa qualitativa do afeto e, por fim; (iii) de como identificar traços afetivos de processos em material empírico.

Eles defendem que o desenvolvimento de metodologias afetivas deve ser visto como uma zona de inventividade, que permite gerar novos tipos de material empírico e ainda a possibilidade de coletar material que foi era tido como banal ou pouco sofisticado, como comentários online ou notas e relatos dos estados corporais do pesquisador (Knudsen; Stage, 2015). Assim, antes de se aprofundar mais em tal cartografia, cabe a explicação sobre o conceito de afeto.

2.1 O AFETO

O afeto não é um conceito de fácil e único entendimento, mas aqui ele será definido por ser não cognitivo e não representável, assim, ligado diretamente à quatro elementos fundamentais: corpos humanos e/ou não humanos; o encontro, que é a interação entre dois ou mais corpos; a ação de um corpo sob o outro, compreendido como o afetar e ser afetado; e por fim, os efeitos ou signos que um corpo deixa sob o outro (Deleuze, 1997). Logo, para prosseguir, é necessário antes distinguir o afeto da emoção, compreendidos muitas vezes como sinônimos, para posteriormente definir o conceito de afeto a partir da visão de Deleuze.

2.1.1 AFETO COMO NÃO COGNITIVO E SUA DISTINÇÃO DA EMOÇÃO

Os termos “emoção” e “afeto” são vistos muitas vezes como sinônimos na vida cotidiana, contudo, nas discussões Geografia Humanista (Pile, 2010; Anderson, Harrison, 2006), como também, na neurociência (Stubblefield, 2018; Leys, 2011), como em outros campos, têm-se produzido distinções.

Em linhas gerais, a emoção está associada ao consciente e a termos nomeados, já determinados (Caquard; Griffin, 2018), por outro lado, o afeto trata de aspectos não conscientes (Pile, 2010). Desse modo, se as emoções são nomeadas mais facilmente, como raiva e alegria, os afetos são inexprimíveis, não podendo ser representados (Caquard; Griffin, 2018).

Pile (2010), em sua análise das diferenças entre as geografias emocionais e afetivas, propõe o registro como um modo de pensar a distinção entre elas, no qual a diferença dependeria da representabilidade. A abordagem pelas emoções valorizaria a capacidade de se encontrar relatos emocionalmente comoventes e poderosos, privilegiando as experiências emocionais expressas pelas pessoas, por meio de relatos abertos, honestos e genuínos. Por outro lado, a abordagem pelos afetos os entende como uma qualidade de vida além da cognição, inexprimível, ou seja, incapaz de ser representada (Pile, 2010).

Dessa forma, os métodos de investigação afetiva baseiam-se em não perguntar como as pessoas se sentem, pois, segundo McCormack (2003), pedir às pessoas que comuniquem os seus sentimentos apenas solicitará uma espécie de falsa consciência afetiva. Por outro lado, o afeto se mostra sempre em relações inter-corpos, no sentido que não se trata de uma expressão pessoal e subjetiva sobre algo. Teóricos do afeto contemporâneos como Massumi (2002), Thrift (2004), Brennan (2004) e Clough (2004), pensam o afeto mais como um estímulo externo, que atinge primeiro o corpo e depois o aparelho cognitivo. Knudsen e Stage (2015) argumentam que, embora haja divergências entre os teóricos e pesquisadores do afeto, a maioria concorda que o afeto

“viaja” entre corpos, humanos e não humanos, e é experimentado subjetivamente, e muitas vezes é percebido como surpreendente, de alguma forma, além da vontade e da intencionalidade consciente do corpo afetado.

Contudo, as duas formas de cartografias sofrem críticas. As voltadas à emoção, por exemplo, são questionadas por suas dificuldades de se expressar (Harrison 2007; McCormack 2003; Pile 2010), também por serem ingênuas, devido a ideia que as pessoas são abertas e honestas com suas emoções, ou ainda, que sejam capacitadas a compreender profundamente o seu sentido de subjetividade (Anderson, Harrison, 2006; McCormack, 2006). Nessa direção, Pile (2010) observa que essa abordagem parece não conseguir fornecer um antídoto político para a manipulação da vida emocional contemporânea. Por outro lado, as dedicadas ao afeto sofrem as críticas ligadas ao alto nível de abstração, tornando-se distantes e pouco sentida pela forma como as pessoas dão sentido às suas vidas, e até mesmo desencarnadas (Bondi, 2005), além da necessidade de maior exploração de instrumentos que sejam capazes de capturar o irrepresentável (Knudsen & Stage, 2015).

Por outro lado, a discussão do afeto e da emoção no campo neurocientífico vem ocorrendo desde a década de 1980, onde os estudos sugerem que os processos conscientes de tomada de decisão estão subordinados a afetos mais profundos (Stubblefield, 2018). Leys (2011), ainda que crítica a essa visão, pontua que muitos teóricos do afeto na neurociência o colocam como anteriores às intenções, significados, razões e crenças. Tanto para os teóricos do afeto quanto para alguns estudiosos da neurociência o afeto é, segundo Leys (2011, p. 11):

“uma questão de respostas autônomas que ocorrem abaixo do limiar da consciência e da cognição e estão enraizadas no corpo”. Portanto, nessa perspectiva, os afetos são tidos como processos ou estados não-cognitivos, não conscientes e corporais. Entretanto, a própria Leys (2011) mostra outros estudos em contraposição, de modo que a discussão entre os neurocientistas sobre os processos conscientes de tomada de decisão e a afeto se mostra ampla e complexa.

2.1.2 O AFETO NA FILOSOFIA E SEUS DESDOBRAMENTOS

O interesse pelo afeto na contemporaneidade inicia como um projeto que almejava estar além da representação, da linguagem e da atividade consciente (Lara, 2020). Essa compreensão levanta um movimento teórico contra o privilégio da linguagem e da representação, privilégios estes que resultaram no esquecimento do corpo e das questões da materialidade (Clough, 2004; Lara, 2020). O foco não estaria mais na representação da realidade, e sim a realidade sem representação (Lara, 2020), nas atuações dos corpos e suas capacidades de afetar e serem afetados.

Essa leitura sobre o afeto vem da filosofia de Baruch Espinosa do séc. XVII, que mais recentemente, nos anos de 1980, o filósofo Gilles Deleuze revisitaria, reposicionando suas discussões para a época atual. Deleuze (2002) destaca as naturezas distintas de afeto (*affectus*) e afecção (*affectio*), onde as afecções (*affectio*) seriam as imagens ou marcas corporais e suas ideias, englobando simultaneamente a natureza do corpo afetado e do corpo exterior afetante, dessa forma, referidas diretamente ao corpo.

Os afetos (*affectus*), por sua vez, remetem à transição de um estado a outro, ligado ao espírito, algo experimentado e não representacional. É uma duração vivida que diz respeito à diferença entre dois estados'. “A *affectio* remete a um estado do corpo afetado e implica a presença do corpo atenuante, ao passo que o *affectus* remete à transição de um estado a outro leva em conta a variação correlativa dos corpos afetantes” (Deleuze, 2002, p. 56). Os dois conceitos estão interligados, sendo a *afecção* o estado momentâneo do corpo, e o *afeto* a transição, a passagem de um estado para o outro.

Nesse sentido, a concepção de *afeto* trabalhada aqui está ligada a uma forma de pensar (Lange, 2012) a variação de potência por meio das sensações e percepções:

Conhecemos nossas *afecções* pelas ideias que temos, sensações ou percepções, sensações de calor, de cor, percepção de forma e de distância. [...] A *afecção*, pois, não só é o efeito instantâneo de um corpo sobre o meu, mas tem também um efeito sobre minha própria duração, prazer ou dor, alegria ou tristeza. São passagens, devires, ascensões e quedas, variações contínuas de potência que vão de um estado a outro: serão chamados *afetos* (Deleuze, 1997, p. 156-157).

Cromby (2015) aponta que em oposição ao seu resíduo “capturado” (a emoção), o *afeto* é uma força indomada, não é individual nem especificamente humana, mas sim uma propriedade geral das coisas vivas. Dessa forma, os *afetos* são compreendidos como passagens ou efeitos, de natureza vetorial e tratam da variação da potência de um corpo agir ou sua força de existir (Deleuze, 1997, 2002; Pile, 2010; Thrift, 2004). O aumento ou diminuição desta potência significaria a expansão ou a restrição das capacidades de um corpo agir (Deleuze, 1997).

Por essa razão, os *afetos* inibitórios podem estar relacionados com exercícios de poder, diminuindo a potência de agir (Deleuze, 1988).

Afetar e ser afetado, segundo Anderson (2006), vêm de uma lógica processual de transições que acontecem durante encontros no espaço e no tempo. Assim, o enfoque está nas relações entre as diversas coletividades de humanos e não-humanos que produzem a “ascensão e queda, variações contínuas de poder (...) sinais de aumento e diminuição, sinais que são vetoriais (do tipo alegria e tristeza) e não mais escalar como as *afecções*, sensações ou percepções” (Deleuze, 1998, p. 139). Nessa proposta *afetiva* os encontros assumem grande importância, como uma interação geradora de *afetos* dentro e entre os corpos, logo, quando os corpos se encontram, os *afetos* os transformam (Conradson; Latham, 2007; Buser, 2014). Assim sendo, investigar o *afeto* pode colaborar no entendimento do funcionamento das formas de poder (Anderson, 2006; Hutta, 2020; Pile, 2010), em outras palavras, o *afeto* é político (Thrift, 2004). Logo, o *afeto* seria um aspecto importante dentro da perspectiva feminista para investigar estruturas e relações de poder.

Os estudos de teóricos do *afeto*, como Anderson (2006), McCormack (2003), Thrift (2004) e Massumi (2002) podem ser resumidos brevemente, como feito por Pile (2010), com as seguintes características:

1. O AFETO ESTÁ LIGADO À PRODUÇÃO DE CAPACIDADE DE UM CORPO, A SUA POTÊNCIA DE ATUAÇÃO.

2. NÃO É PESSOAL OU INTERPESSOAL, O AFETO É TRANSPESSOAL, ELE NÃO RESIDE EM UM SUJEITO, CORPO OU SIGNO, O AFETO ESTÁ ENTRE OS CORPOS, FLUINDO ENTRE ELES, CONECTANDO E APROXIMANDO CORPOS.

3. O AFETO É NÃO-COGNITIVO OU PRÉ-COGNITIVO, PRÉ-CONSCIENTE, OU SEJA, É TEMPORALMENTE ANTERIOR À TRADUÇÃO REPRESENTACIONAL DE UM AFETO EM UMA EMOÇÃO CONHECIDA.

4. A DEFINIÇÃO DO AFETO ESTÁ EM OPOSIÇÃO A: COGNIÇÃO, REFLEXIVIDADE, CONSCIÊNCIA E HUMANIDADE.

5. O AFETO CONECTA CORPOS.

6. O AFETO TEM POTÊNCIA.

7. A ABERTURA DO AFETO IMPLICA EM RELAÇÕES ÉTICAS ENTRE OS CORPOS.

8. AS REPRESENTAÇÕES DO AFETO FALHAM EM REPRESENTÁ-LO, OU SEJA, É PRECISO SUSPEITAR E EVITAR REPRESENTAÇÕES DE EMOÇÕES. LOGO, O AFETO É POSTO COMO NÃO REPRESENTACIONAL.

9. OS AFETOS PODEM SER MANIPULADOS, LOGO, FERRAMENTAS POLÍTICAS.

2.2 A CARTOGRAFIA AFETIVA

O afeto, por não ser representável, exige uma precaução em seu registro, de forma que é utilizado o termo “cartografia” para evitar qualquer leitura de representação mais convencional. O afeto precisa ser rastreado indiretamente pelos seus efeitos ou vestígios presentes na materialidade dos corpos envolvidos, suas afecções, por suas formas de expressão, reações e ritmos (Andrews, 2014; Thrift, 2004). As afecções, então, são signos ou vestígios que um corpo deixa sobre outro em um encontro (Deleuze, 1997).

Essa parte da fundamentação teórica apresenta as características mínimas da cartografia afetiva, instrumento multidisciplinar voltado na presente pesquisa para o campo da arquitetura e do urbanismo. Assim, busca-se compreender as premissas básicas que compõem a cartografia afetiva, por meio de diferentes visões, entre elas, a da filosofia, psicologia e geografia.

2.2.1 A CARTOGRAFIA PELA VISÃO FILOSÓFICA

O termo cartografia aqui se apoia no trabalhado por Deleuze e Guattari, “Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia” (1995). Os autores partem do rizoma, um tipo de imagem de pensamento, para pensar a cartografia, um dos princípios dessa forma de pensar:

5º e 6º do Rizoma - Princípio de cartografia e de decalcomania: um rizoma não pode ser justificado por nenhum modelo estrutural ou gerativo. Ele é estranho a qualquer ideia de eixo genético ou de estrutura profunda (Deleuze; Guattari, 1995, p. 21).

Neste princípio, a ideia de rizoma não segue um modelo, uma estrutura ou um decalque guiado pela lógica da reprodução.

O rizoma é uma cartografia que se opõe ao decalque, a mera cópia e a reprodução de algo, voltando-se inteiramente para a experimentação ancorada no real (Deleuze; Guattari, 1995).

Esta cartografia apresenta-se como um método que “desencadeia um processo de desterritorialização no campo da ciência, para inaugurar uma nova forma de produzir o conhecimento, um modo que envolve a criação, a arte, a implicação do autor, artista, pesquisador, cartógrafo” (Mairesse, 2003, p. 259). Portanto, a cartografia seria um registro do processo da experiência, a qual capta a realidade por meio das sensações, opondo-se a um modelo a copiar, para ir em direção à criação e ao novo. Arelada ao rizoma, tal cartografia se relaciona com múltiplas entradas, sem um fim nem um começo, mas sempre um entre.

Ela é pensada por meio de linhas ou vetores que indicam uma tensão, uma diferença de potência, ou seja, a variação (aumento ou diminuição) de forças. Dessa forma, a cartografia se preocupa com as linhas e as forças, mas não com as formas ou com os contornos físicos dos objetos no mundo, ao invés disso ela busca um olhar para as potências dos corpos (Romagnoli, 2009).

2.2.2 A CARTOGRAFIA A PARTIR DA PSICOLOGIA

Na psicologia, a cartografia é pensada aqui como um método para acompanhar processos e não representar um objeto, trata-se de um caminho não linear de investigar subjetividades (Kastrup, 2015). Segundo Barros e Kastrup (2009), a cartografia é um método de pesquisa-intervenção, pois é tanto um processo de produção de conhecimento,

que traça os movimentos dos objetos do mundo, quanto uma prática de intervenção no espaço. Nessa abordagem, é preciso destacar o entendimento que, ao lado dos contornos estáveis – objetos, formas ou sujeitos; coexiste um plano de forças que os produzem. Dessa forma a prática cartográfica seria um modo de registro deste plano coletivo de forças. Os planos, das formas e das forças, não são opostos, mas se constroem por meio de relações de reciprocidade com cruzamentos múltiplos (Escóssia; Tedesco, 2009), evitando cair nas formas previamente categorizadas (Passos et al, 2009).

Nesse sentido, a cartografia se dá no acompanhamento dos movimentos dos corpos, das subjetividades e da construção de territórios. Este método, como pontua Mairesse (2003), não tem um caminho melhor ou mais correto, nem o verdadeiro ou falso, mas se inicia pelos desvios, pelas linhas mal ou bem traçadas do desejo, potencializando vidas em territórios complexos e heterogêneos que se envolvem umas com as outras em um jogo de poder e afeto.

Essa abordagem lança algumas questões importantes em relação a entrada do cartógrafo no campo de pesquisa, tais como: onde pousar sua atenção? Como selecionar o elemento de atenção dentre as multiplicidades e variedades que atingem os sentidos e o pensamento? Como prosseguir com o funcionamento atencional após o ato seletivo? Essas perguntas postas sobre o antes e o depois da seleção indicam “a complexidade da chamada ‘coleta de dados’ sublinhando a dimensão temporal da atenção do cartógrafo” (Kastrup, 2009, p. 35). A psicóloga Kastrup (2009), a partir do conceito de “atenção flutuante” de Sigmund Freud e “reconhecimento atento” de Henri Bergson, argumenta que existe um tipo de funcionamento da atenção que auxilia a cartógrafa no trabalho de campo.

A atenção flutuante, ainda segundo a psicóloga, sugeriria um tipo de atenção aberta que se mantém “uniformemente suspensa”, sem uma focalização específica. Esta atenção contribui para a discussão do cartógrafo em campo, pois há uma suspensão de inclinações e expectativas do ‘eu’, que fariam uma seleção prévia, levando ao predomínio da reconhecimento. Kastrup (2009) define quatro variedades do funcionamento atencional que fazem parte do trabalho do cartógrafo. A pesquisa adota estes recursos instrumentais cartográficos - o rastreio, o toque, o pouso e o reconhecimento atento.

O caminhar no espaço é, então, guiado pela ideia do rastreio, percorrendo a cidade à deriva (Debord, 1958), a ideia é se deixar levar pelas solicitações do terreno e indo em direção aos encontros, acompanhando as relações estabelecidas no espaço, como as mudanças de posição, velocidade, aceleração e ritmo. Em seguida, o toque entra em ação no processo de seleção da atenção, com maior atenção às sensações. Após o toque, a atenção faz, como coloca Kastrup (2009, p. 35): “uma parada no movimento”, mudando a escala atencional, para então voltar a percepção para o reconhecimento atento, destacando as singularidades do território. Portanto, se distingue o reconhecimento automático do atento. Um exemplo citado por Kastrup (2009), é o deslocamento por uma cidade já conhecida, em que se transita sem prestar atenção ao caminho percorrido. Na cartografia afetiva trata-se de produzir um conhecimento ao longo de um percurso de pesquisa, envolvendo a atenção e a criação de um território de observação.

Esse tipo de cartografia busca, assim, expandir o olhar além da representação e das formas reconhecidas (Passos et al, 2009), algo que a aproxima da Teoria Não-Representacional, a qual questiona as

cartografias representacionais, agregando uma nova base para seu conhecimento disciplinar e aproximando-se da perspectiva geográfica.

2.2.3 A CARTOGRAFIA PELA PERSPECTIVA GEOGRÁFICA

No cenário da chamada “Virada afetiva”, muito influenciado pelas interpretações de Massumi (2002) do pensamento de Deleuze, emerge as discussões sobre a cartografia afetiva (Anderson, 2014; Caquard, Griffin, 2018; Pile, 2010), ligada à Teoria Não Representacional (Andrews, 2014; Cadman, 2009; Thrift, 2004).

A cartografia, na Teoria Não-Representacional (TNR), passa a defender a experimentação ativa e corporificada, como um meio pelo qual se conhece o plano material, o de significados e o “de forças”, da imaterialidade e das intensidades (Costa; Amorim, 2019; Costa, 2020). Desse modo, uma contribuição desta cartografia para o feminismo poderia ser voltada para o entendimento de como o poder atua através da vida dos afetos (Anderson, 2014; Pile, 2010). As cartografias, antes reduzidas a tecnologia representacional (Cartwright et al, 2008), passaram a ser assimiladas como práticas envolvidas por ações e afetos entre os corpos (Perkins, 2009). Em suma, toma-se aqui o corpo, o encontro e as ações como foco para pensar em como entender o conhecimento incorporado.

Assim, se na abordagem filosófica a preocupação aparece mais sobre uma “imagem de pensamento”, com uma atenção aos posicionamentos deleuzianos sobre modulação e vetores, ou mesmo, na abordagem psicológica a atenção seria para as subjetividades, principalmente do pesquisador, a discussão na TNR volta-se, ainda que

prementemente para a discussão política, para a tecnologia representacional. Como apontam seus autores, o afeto precisaria ser rastreado indiretamente pelos seus efeitos ou vestígios presentes na materialidade dos corpos envolvidos, suas afecções, por suas formas de expressão, reações e ritmos (Andrews, 2014; Thrift, 2004). A TNR volta sua atenção às ideologias, questões de poder em discursos e nas próprias representações do espaço, defendendo que o mundo está em constante movimento e transformação.

2.3 RESUMO DAS CARACTERÍSTICAS DA CARTOGRAFIA AFETIVA

Diante do exposto acima, destaca-se a seguir as características mínimas ou princípios que marcam uma cartografia afetiva:

1. A CARTOGRAFIA RASTREIA RELAÇÕES, PROCESSOS, MOVIMENTOS, INTENSIDADES, SUBJETIVIDADES, MUDANÇAS DE POSIÇÃO E VELOCIDADES POR MEIO DOS VESTÍGIOS E RASTROS EM FORMAS DE EXPRESSÃO, REAÇÕES E RITMOS QUE UM CORPO DEIXA SOBRE OUTRO EM UM ENCONTRO.

2. A CARTOGRAFIA SURGE DO RIZOMA, PORTANTO ESTÁ LIGADA AO RASTREIO POR MEIO DE LINHAS E DAS FORÇAS, SUA NATUREZA É VETORIAL.

3. NÃO EXISTE UM MODELO A SER SEGUIDO OU UMA IMAGEM A SER COPIADA. A CARTOGRAFIA SE OPÕE À IDEIA DE DECALQUE.

4. É UM MÉTODO DE PESQUISA-INTERVENÇÃO, PRODUZ CONHECIMENTO E INTERVÉM NO ESPAÇO.

5. ELA VALORIZA A INTER-RELAÇÃO DE CORPOS FRENTE À EXPRESSÃO INDIVIDUAL (TRANSPESSOAL).

6. A CARTOGRAFIA PROCURA A DIMENSÃO MÚLTIPLA DAS AÇÕES, INTERAÇÕES E ACONTECIMENTOS COTIDIANOS AO INUÉS DA DIMENSÃO REPRESENTACIONAL E SIGNIFICATIVA DOMINANTE.

2.4 UMA VISÃO DA CARTOGRAFIA AFETIVA POR MEIO DA PRÁTICA

(A) O PARQUE ITAIMBÉ (RS – BRASIL)

O primeiro exemplo de cartografia afetiva é um resultado parcial do projeto de extensão chamado “Afetos”, publicado por Guma, Vargas, Falcão e Alcântara (2023).

O trabalho tem como objetivo mapear e construir a história do Parque Itaimbé, em Santa Maria, no Rio Grande do Sul, a partir dos relatos das histórias dos moradores do entorno e frequentadores do parque em entrevistas abertas.

A cartografia é produzida por meio de colagens como uma alternativa para a representação subjetiva das memórias narradas pelos moradores da região, trabalhando questões de identidade e pertencimento com o local. A partir das percepções dos entrevistados, são resgatados usos, apropriações e afetos antes não registrados na história oficial do parque, por meio de relatos (ligados à consciência) e registros orais.

As histórias são transmutadas em imagens coladas em uma base que retrata simbolicamente o território do Parque Itaimbé. Desse modo, as colagens resultam dessa relação entre os registros orais das entrevistas e as imagens dos afetos, expressando visualmente as lembranças, memórias e histórias dos entrevistados, reais ou imaginadas, racionais ou irracionais (Figuras 4 e 5).



FIGURA 4

Collage dos afetos dos entrevistados.

FIGURA 5

Segunda collage dos afetos dos entrevistados.



Fonte: Guma et al, (2023).

O material produzido na pesquisa se transforma em uma nova camada que constrói a história da cidade de Santa Maria (RS). Os fragmentos de imagem encontrados nos discursos dos frequentadores do parque se encontram, se misturam como pedaços das histórias de vida, sendo ressignificados. Estas cartografias seguem as seguintes características listadas anteriormente:

(1) A CARTOGRAFIA RASTREIA RELAÇÕES, PROCESSOS, MOVIMENTOS, INTENSIDADES, SUBJETIVIDADES, RITMOS E VELOCIDADES POR MEIO DOS VESTÍGIOS EM FORMAS DE EXPRESSÃO.

(4) UM MÉTODO DE PESQUISA-INTERVENÇÃO, PRODUZ CONHECIMENTO E INTERVÉM NO ESPAÇO.

(5) VALORIZA A INTER-RELAÇÃO TRANSPESSOAL DE CORPOS FRENTE À EXPRESSÃO INDIVIDUAL.

(B) CORPO, TERRITÓRIO E FEMINISMO PELO COLETIVO MIRADAS CRÍTICAS DEL TERRITORIO DESDE EL FEMINISMO (EQUADOR, MÉXICO, ESPANHA, BRASIL E URUGUAI)

O segundo exemplo é proposto pelo coletivo feminista Miradas Críticas del Territorio desde el Feminismo que busca conscientizar e politizar mulheres sobre a relação intrínseca entre corpo e território. No trabalho intitulado “Guia Metodológico para mulheres que defendem seus territórios”, publicado por Cruz, Vásquez, Ruales, Bayón e Garcia-Torres (2017), compreendem o corpo como o primeiro território, e as ações e os acontecimentos nos territórios como impressões no corpo. O coletivo levanta uma relação direta entre o feminismo, o ambientalismo, a natureza e o território, revelando um olhar mais completo e sensível do mundo.

Uma das metodologias de trabalho do coletivo é a cartografia corporal, uma metodologia de mapeamento do corpo como território, colocada em prática em 2013, em um intercâmbio de alunos do México e do Equador. Nesta metodologia, após uma roda de conversa com os alunos sobre o papel e o lugar dos corpos das mulheres e seus territórios, são desenhadas as silhuetas dos corpos em um papel e transformado em um território. Partindo de uma reflexão sobre como as mulheres vivenciam e sentem em seus corpos as diversas violências exercidas em seus territórios, é solicitado às participantes para desenharem em seus corpos-territórios, pensando cada parte do corpo enquanto um local (Figuras 6 e 7).

FIGURA 6

Cartografia corporal: o corpo-território.



FIGURA 7

Mapeando o corpo-território das mulheres.



Fonte: Cruz, Vásquez, Ruales, Bayón e Garcia-Torres (2017).

Neste corpo-território foram desenhados alguns espaços que fazem parte do cotidiano dessas mulheres, suas casas, comunidades, espaços de lazer e descanso, caminhos que percorrem, parques, praças, um rio ou uma rua. A proposta é desenhar todos os locais que são considerados importantes ou necessários na vida das participantes, tornando visível no mapa o território que elas habitam.

Posteriormente, é proposto às participantes que destaquem e desenhem de forma livre nesses mapas do corpo-território os lugares que elas menos gostam, ou seja, lugares que se sentem inseguras, onde sentem violência, dor, raiva. O coletivo levanta algumas questões para reflexão se existem conflitos no território que as afetam todos os dias e como eles afetam os seus corpos. Por fim, as mulheres relatam os motivos da escolha de cada local, reconhecendo nesse corpo-território os lugares onde se encontram as suas lutas e suas resistências. Estas cartografias seguem as características:

(1) A CARTOGRAFIA RASTREIA RELAÇÕES, PROCESSOS, MOVIMENTOS, INTENSIDADES, SUBJETIVIDADES, RITMOS E VELOCIDADES POR MEIO DOS VESTÍGIOS EM FORMAS DE EXPRESSÃO.

(2) A CARTOGRAFIA, LIGADA AO RIZOMA, BUSCA O RASTREIO POR MEIO DE LINHAS, FORÇAS E NATUREZA VEGETAL.

(4) UM MÉTODO DE PESQUISA-INTERVENÇÃO, PRODUZ CONHECIMENTO E INTERVÉM NO ESPAÇO.

(6) A CARTOGRAFIA PROCURA A DIMENSÃO MÚLTIPLA DAS AÇÕES, INTERAÇÕES E ACONTECIMENTOS COTIDIANOS AO INVÉS DA DIMENSÃO REPRESENTACIONAL E SIGNIFICATIVA DOMINANTE.

(C) O EDIFÍCIO WILTON PAES DE ALMEIDA (WAP) NA CIDADE DE SÃO PAULO (SP – BRASIL)

No trabalho de Belondi e Hirao (2020), aborda a questão da preservação do patrimônio arquitetônico e urbano, por meio de práticas de experimentação espacial, mais especificamente, sobre o edifício modernista Wilton Paes De Almeida (WAP), no centro da cidade de São Paulo, destruído por colapso em um incêndio em maio de 2018. O edifício WAP, que já foi sede de um conglomerado de empresas e órgãos públicos, foi abandonado pelo poder público e ocupado por movimentos

sociais de luta por moradia antes de sua destruição.

A pesquisa parte de práticas de apreensão espacial por meio do caminhar (Careri, 2013), da deriva (Debord, 1958) e da construção de cartografias da tessitura das relações de afeto das pessoas com o espaço urbano, a pesquisa buscou potencializar a valorização e preservação do patrimônio arquitetônico. As cartografias afetivas produzidas reconhecem as relações desses territórios singulares, promovendo ou afastando as sensações de pertencimento com o edifício, patrimônio arquitetônico, que está ausente na forma material e presente na memória das pessoas (Figuras 8 e 9).

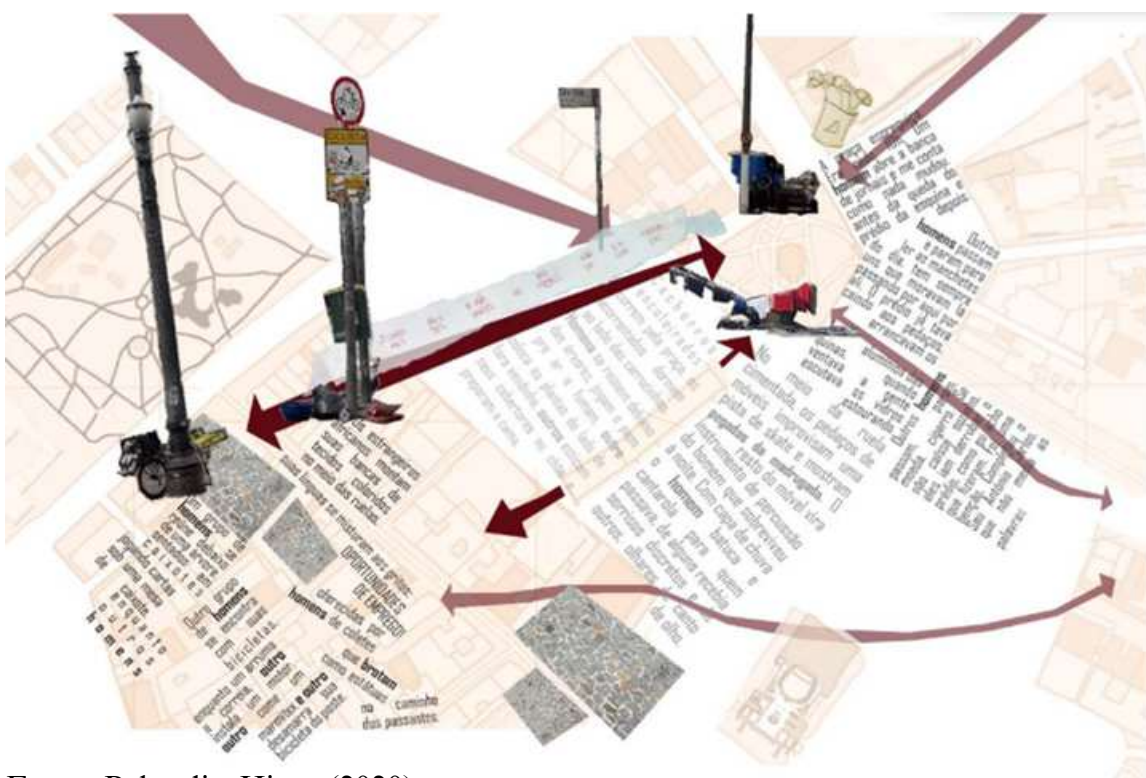


FIGURA 8

Cartografia afetiva do Largo do Paissandu: registros das forças e dos afetos da região.

FIGURA 9

Cartografia do Edifício WAP.



Fonte: Belondi e Hirao (2020).

Os registros cartográficos experimentaram as ruas e o território do centro da cidade de São Paulo, repletos de fluxos, conflitos e movimentos, levantando as diferentes significâncias e experiências das pessoas afetadas por esse território. Como os autores colocam, a transformação do olhar afeta a sensação de ser e estar na rua, na cidade, no território, transbordando os afetos que reverberam dos encontros entres os corpos (Belondi; Hirao, 2020).

A cartografia de Belondi e Hirao (2020) segue todas as características listadas anteriormente.

(D) RELATO-TESTEMUNHO (CANADÁ)

No trabalho de Andrews (2014), relacionado à área da geografia da saúde não representacional, o enfoque está em como o bem-estar pode surgir por meio do afeto, emergindo de um ambiente afetivo. Em sua pesquisa, Andrews (2014), registra três pessoas pelo método de testemunho, isto é, por uma cartografia experienciada e realizada pela mesma pessoa (Pile, 2010, Dewsbury, 2003). A investigação se deu por meio da escrita e da fotografia, com 20 registros no total. A cartografia destacada abaixo é um relato testemunho do pesquisador experienciando o espaço em um momento específico.

Estou com febre alta e dor de garganta. Eu me sinto quente, vago e finto. Estou em uma pequena sala de 20 por 20 pés, sem janelas, sem luz natural, ar espesso, forrada de parede a parede com cadeiras de plástico baratas (cada uma com uma pessoa doente sentada nela). Algumas pessoas estão tossindo, crianças sentadas no chão, uma chorando outra sendo abraçada. Os sons da recepção podem ser ouvidos, os computadores apitando e os administradores conversando; um deles discutindo ao telefone. Olhares tensos e fugazes são trocados de paciente para paciente, nenhum sorrindo ou feliz. Retribuo os olhares e depois volto o olhar para o chão ou para o relógio que parece não se mexer. O suor escorre do meu nariz e cai no chão. Esta situação está

piorando meus sintomas e me sinto mais quente, mais vagamente sinto, minhas pernas e braços pesados - está me esgotando. Quarenta e cinco minutos se passam com essa situação se repetindo, sentindo-se pior, o tempo parado a cada minuto se estendendo, parecendo cinco. Então de repente 'glória' meu nome é chamado. "Gavin Andrews", sinaliza a minha libertação deste inferno da sala de espera e até abro um sorriso. Apenas um nome chamado, e já me sinto um pouco mais animado ao me levantar e passar pelos outros pacientes que ainda esperam sua vez. Entro na sala do médico, que é quieto, privado, mais frio, e me sinto um pouco melhor (Andrews, 2014, p. 217).

O momento de bem-estar vivenciado pelo pesquisador pode ser interpretado quando o seu nome é chamado e ele é liberto da sala de espera "infernai", espaço em que ele passa por momentos de agonia e mal-estar. A cartografia escrita em forma de relato-testemunho apresentada acima, diverge das demais apresentadas anteriormente que exploraram fortemente a linguagem visual.

Este exemplo de cartografia registrado por meio da escrita acompanha o processo de espera e de mal-estar do corpo do homem, suas relações com o espaço, as sensações experimentadas com o tempo parado e a repetição de eventos, expressando a agonia e mal-estar que atravessa seu corpo, fazendo com que o leitor se aproxime e até mesmo sinta parte de sua experiência. Nesse sentido, pode-se apontar que a cartografia relatada em forma de testemunho revela aspectos e características da relação estabelecida entre o corpo de Gavin e o corpo da sala de espera, destacando também suas variações de potência e de força de atuação, em momentos de agonia diminuindo sua potência e momentos de alívio, aumentando sua potência. Dessa forma, pode-se apontar que a última cartografia exibida demonstra características afetivas. A cartografia relatada também apresenta todas as características de uma cartografia afetiva listada.

(E) TERAPIA DO MOVIMENTO DA DANÇA (REINO UNIDO)

Já a pesquisa de McCormack (2003), a partir de um encontro participativo de 18 meses, estuda as relações de afeto na chamada Dance Movement Therapy (DMT), uma prática terapêutica corporal específica, baseada na relação entre movimento e emoção. Os estudiosos dessa prática têm a seguinte premissa: quanto mais se explora um vocabulário variado de movimentos experimentados maior a possibilidade de se tornar uma pessoa mais equilibrada, espontânea e adaptável (Payne, 1992).

A atividade da DMT preocupa-se com os aspectos criativos do inconsciente, com a expressão simbólica das emoções por meio do movimento e imagens que surgem do inconsciente do paciente. O pesquisador McCormack (2003) voltou sua atenção para a forma como a capacidade afetiva das práticas nas sessões de DMT foram mais do que uma experiência pessoal ou mesmo interpessoal.

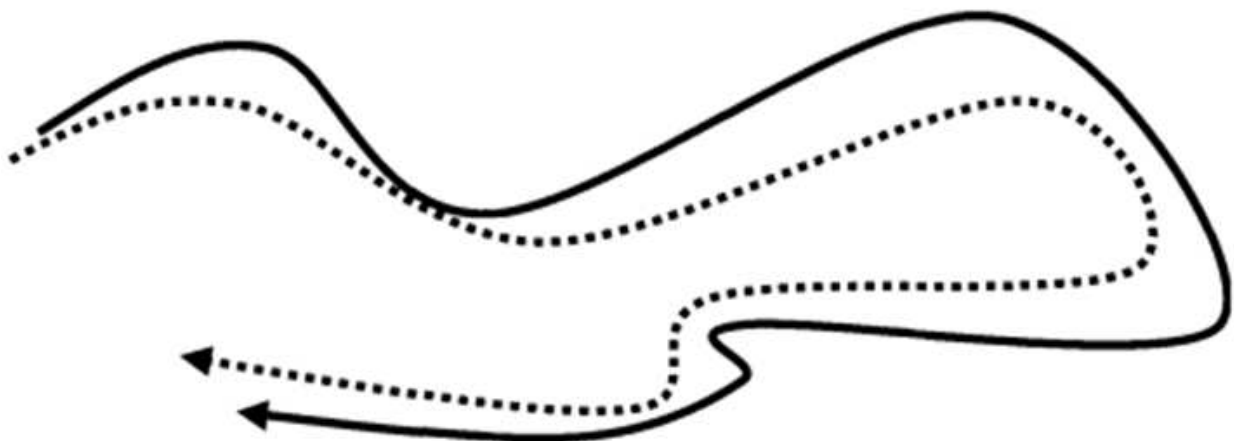
Ele exemplifica um dos exercícios realizados em uma sessão: formam-se pares, onde uma pessoa de cada par deve conduzir o outro que está com os olhos fechados pela sala. O propósito do exercício é ser não-verbal. De mãos dadas, um vai guiando o outro e, com o passar do tempo, o contato entre as mãos se torna o lugar mais importante da sala, o que ele chama de "superfície móvel de orientação". O ato de guiar torna-se mais do que a mente da pessoa de olhos abertos, o que move e guia nesse momento é a superfície de orientação, o entre das mãos que se tocam. O terapeuta presente no exercício introduz

alguns objetos na sala, para gerar encontros do toque com as formas e as texturas dos materiais.

Segundo McCormack (2003), o exemplo, cartografado na figura abaixo (Figura 10) sugere que a atividade proposta pela Terapia do Movimento da Dança depende não somente de prestar muita atenção ao movimento, mas também de se fazer presente por meio do movimento. Uma gama de movimentos modifica a experiência de estar ali, como o movimento de uma mudança sutil na postura, o movimento da intensidade da luz ou o movimento das mãos incomodadas pelo toque do outro. A cartografia da DMT também segue as características listadas.

FIGURA 10

Cartografia dos movimentos do exercício da DMT.



Fonte: McCormack (2003).

2.5 REFLEXÕES SOBRE OS CASOS APRESENTADOS

Os exemplos aqui selecionados possuem justificativas diversas, seja por terem relação com o tema feminista ou com a cidade, seja por serem considerados seminais na Geografia Afetiva. De qualquer modo, evidencia a grande variedade de atuações e modos de registro cartográfico, algo que

reforça a ideia de que não há regras gerais nem um modelo de investigação, somente pistas sobre como praticá-la, construída caso a caso (Passos et al, 2009).

Nessa direção fica clara a utilização de imagens representacionais, com maior ou menor inserção, junto a rastros considerados mais afetivos. Por exemplo, a inserção de imagens representacionais de árvores ou pessoas nas cartografias do Parque Itaimbé, ou mesmo, o edifício WAP na cidade de São Paulo.

Algo que também reforça a visão de Deleuze e Guattari que, se por um lado é necessário o princípio de ruptura a-significante, por outro como dizem os autores:

Entretanto será que nós não restauramos um simples dualismo opondo os mapas aos decalques, como um bom e um mau lado? (...) Não é próprio de um rizoma cruzar as raízes, confundir-se às vezes com elas? (...) é preciso sempre projetar o decalque sobre o mapa (Deleuze & Guattari, 1995, p.21).

A importância, contudo, em qualquer situação deverá ser captar os afetos estabelecidos nas relações entre corpos, como no caso dos corpos-territórios das mulheres pelas Miradas Críticas, que por trás das imagens estereotipadas de corpo, uma intensidade de linhas e manchas expressando algo que não tem forma reconhecida.

Assim, emerge a relação interligada de diferentes corpos: o corpo da mulher, o corpo casa, o corpo cidade. Por outro lado, algumas vezes as relações entre corpos não estão totalmente presentes, abreviadas em recortes e colagens, que não conseguem expressar as multiplicidades de ações e interações.

Entretanto, do mesmo modo, por de trás dessa estratégia se encontra a tensão entre figuras, muitas vezes, o emprego de vetores e linhas que precisam ser pensados como tentativas de transmitir as afecções e afetos. Até mesmo o emprego de texto, linguagem claramente representacional, que visa por meio de outros recursos implícitos extrapolar a representação genérica e consciente em prol de uma abordagem mais voltada à experiência vivida.

A proposição desses exemplos é destacar a dificuldade, como também, o tanto que se tem por construir nessa área. Do mesmo modo, a cartografia que esta pesquisa apresenta não consegue extrapolar tal realidade, se posiciona como um método em construção.

3 METODOLOGIA E O EXPERIMENTO

Esta investigação possui caráter exploratório e qualitativo, com a ambição de aprofundar a compreensão da complexidade do fenômeno destacado. A lente dessa pesquisa é fenomenológica, mais especificamente, a fenomenologia pós-intencional (Vagle, 2016; 2018). Em linhas gerais, a fenomenologia é uma abordagem filosófica do estudo da experiência (Smith et al, 2009), logo se interessa na forma como os sujeitos experimentam as suas tomadas de decisões, no lugar do porquê tomam tais decisões. Contudo, a visão pós-intencional rejeita a ideia de experiência pura, ou de uma representação de experiência sistemática, além disso, nega o uso de posições binárias (Vagle, 2018), em concordância com o pensamento feminista.

Em outras palavras, o conceito da intencionalidade, e sua intrínseca relação com a consciência, divergiria em certos aspectos do conceito de afeto (Caquard; Griffin, 2018; Deleuze, 1997; Pile, 2010). De qualquer modo, como observa Moran (2002), fica uma essência da fenomenologia, que é evitar todas as interpretações realizadas de forma antecipada à experiência, valorizando a relatividade, a provisoriedade e a mutabilidade das coisas (Souza; Francisco, 2019).

Somada à abordagem fenomenológica, a pesquisa se aproxima às discussões sobre o método afetivo, baseado nas reflexões Knudsen e Stage (2015), e nas proposições sobre a cartografia afetiva (Deleuze; Guattari, 1995; Kastrup, 2009). Em relação às reflexões sobre o método afetivo, destaca-se a preocupação em repensar as ferramentas tradicionais de trabalho de campo, como observações e notas de campo. Knudsen e

Stage (2015) ressaltam a importância de trazer o “corpo-pesquisador” como um recurso valioso para apreender as qualidades afetivas de um tema. Eles explicam que o interesse pelo “situacional” é mais que um modo de aproximação aos afetos da vida real, para senti-los e detectá-los, mas também pelo interesse na produção de conhecimento que transcende relatos exclusivamente subjetivos de afeto (Knudsen; Stage, 2015).

Em oposição às notas de campo mais estruturadas, Punch (2012) sublinha o diário de campo pessoal como uma valiosa fonte de conhecimento. Se o afeto é entendido por meio de um estado corporal, então o desafio é recolher material sobre como esse estado é expresso ou documentado e como descrever sua afetividade em relação ao material, que vai de ritmos a linguagens corporais (Knudsen; Stage, 2015). Com essas preocupações, segue a descrição do experimento.

3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA

O delineamento da pesquisa está dividido em 9 etapas: (1) Revisão bibliográfica; (2) confronto e análise dos quadros teóricos; (3) construção do problema de pesquisa; (4) desenho do experimento; (5) pré-teste; (6) revisão e (7) aplicação do experimento; (8) discussão dos dados obtidos e (9) conclusão, conforme ilustrado na imagem a seguir (Figura 11).

FIGURA 11

Delineamento da pesquisa.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

GEOGRAFIA E
CARTOGRAFIA FEMINISTA

AFETO E CORPO

MÉTODO DA CARTOGRAFIA

CONSTRUÇÃO DO
PROBLEMA DE PESQUISA

APROPRIAÇÃO DAS MULHERES EM ESPAÇOS PÚBLICOS

QUESTÃO DE PESQUISA

COMO O AFETO E A CARTOGRAFIA AFETIVA CONTRIBUEM
COM AS PREOCUPAÇÕES DA CARTOGRAFIA FEMINISTA
SOBRE OS ESPAÇOS PÚBLICOS?

DESENHO DO EXPERIMENTO

PRÉ-TESTE

REVISÃO

APLICAÇÃO

MULHERES TOMANDO SOL NO PARQUE MINHOCÃO - ELEUADO JOÃO GOULART (SP)

MULHERES NO BAIHIO DO UIADUTO JOÃO GOULART (MINHOCÃO - SP)

GRUPO DE MULHERES NA CONCHA ACÚSTICA DE LONDRINA (PR)

MULHERES COMERCIANTES DO CALÇADÃO NA AVENIDA PARANÁ (PR)

DISCUSSÃO DE RESULTADOS

CONCLUSÃO

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

3.2 CONTEXTO DO EXPERIMENTO

Frequentemente as investigações feministas sobre os espaços públicos concentram-se nos problemas e perigos que as mulheres vivenciam “lá fora”, com pesquisas sobre o medo ou a sensação de insegurança, ligada às emoções e frente à liberdade que os homens experienciam diariamente. Pois, estes espaços públicos, de forma paradoxal, historicamente são locais de fuga das mulheres à dominação masculina, valendo de uma possível proteção advinda do próprio anonimato da multidão urbana, ao mesmo tempo que vivencia perigos diários, de forma ser um cenário atrativo para explorar a paisagem da cidade (McDowell, 2007). Dessa forma, a presente pesquisa destaca relações cotidianas das mulheres nos espaços públicos urbanos, a partir da ótica feminista e afetiva.

Os espaços públicos da cidade são importantes, ainda segundo McDowell (2007, p. 151), pois é neles que “a diversidade que constitui ‘o público’ é mais evidente e onde as noções idealizadas de ‘interesse público’ são desafiadas.” Assim, a ocupação múltipla dos espaços urbanos levanta questões difíceis sobre como decidir entre noções conflitantes de acesso e uso apropriados.

Diante disso, buscou-se um amplo espectro de casos para a aplicação do experimento, com diferentes enfoques sobre a relação entre o corpo feminino e o espaço público, por exemplo, em relação ao lazer ou trabalho, em cidades de portes distintos, em diferentes situações sociais, e ainda, individualmente ou em grupo. Dessa forma foram eleitas quatro situações/ambientes no espaço público: (1) as mulheres tomando sol no Parque Minhocão - Elevado João Goulart (SP), (2) as mulheres no baixo do Viaduto João Goulart (Minhocão - SP), (3) o grupo de mulheres na Concha Acústica de Londrina (PR) e (4) as mulheres comerciantes do Calçadão na Avenida Paraná (PR).

Esses espaços públicos apresentam certos aspectos em comum, são espaços abertos e fluídos de circulação, a ponto de conectar com outros espaços da cidade e com diferentes fluxos de pessoas. Contudo, destaca-se a heterogeneidade de ambiências e atmosferas dentro desses espaços, visto a multiplicidade de corpos e apropriações que podem ocorrer em um espaço público urbano, por exemplo, com eventos festivos ou então relações mais cotidianas.

O primeiro e segundo caso ocorrem nos ambientes superior e inferior do Elevado João Goulart, conhecido como Minhocão, na região central da cidade de São Paulo (SP). O espaço de cima do Elevado, quando aberto à população, torna-se um parque urbano (aberto à noite durante a semana e o dia todo nos finais de semana e feriados), com bastante movimento, fluxo de pessoas e exposição diante dos edifícios muito próximos do seu entorno. Já o seu espaço debaixo do viaduto é um local com alto fluxo de automóveis, ciclistas e pedestres, e ao mesmo, com movimento e permanências de pessoas em situação de rua, tornando-se também um espaço invisibilizado.

O terceiro e quarto caso estão localizados na cidade de Londrina (PR), em espaços públicos centrais e históricos da cidade. A Concha Acústica de Londrina é um espaço voltado para usos culturais e de lazer com baixo a médio fluxo e movimento de pessoas durante a semana, recebendo eventos festivos semanais como a feira gastronômica central. E por fim, o espaço do Calçadão na Avenida Paraná, centro financeiro e comercial da cidade, entre as ruas Prefeito Hugo Cabral e Minas Gerais com cinco quadras de extensão, que apresenta um alto fluxo de pessoas com uma multiplicidade de corpos e eventos, sendo um espaço consolidado de expressão cultural e interação social.

3.3 DELINEAMENTO DO EXPERIMENTO

O experimento aqui não se restringe a procedimentos metodológicos delimitados, assim sendo, não segue um modelo pronto e rígido (Kastrup, 2009). Dessa forma, o percurso investigativo não segue um método acabado a ser aplicado, mas sim a ser experimentado no próprio espaço (Passos et al, 2009). Assim, o experimento, mesmo com suas diferenças, pode ser delineado em breves linhas da seguinte forma:

3.3.1 APREENSÃO DOS FENÔMENOS EM CAMPO

Essa ação inicial do experimento consiste em uma primeira apreensão do espaço para captar os fenômenos, a partir das vivências das mulheres no espaço público da cidade, destacando as relações dos corpos das mulheres com o seu meio. Portanto, os fenômenos em si não são pré-estabelecidos, mas sim apreendidos em cada um desses espaços e em diferentes situações em que as mulheres se encontram.

A apreensão destes segue um exercício de leitura cartográfica a partir da metodologia definida por Kastrup (2009), a partir de quatro passos ou variedades de atenção, são eles: (a) rastreio, (b) toque, (c) pouso e (d) reconhecimento atento.

O caminhar é guiado pela ideia do rastreio, isto é, um andar “deixando-se levar”, percebendo e acompanhando as relações estabelecidas em campo, tais como, as mudanças de posição, velocidade, aceleração e ritmo. Parte-se de uma postura em campo descrita por Magnani et al (2023, p. 120) como “um estado de disposição para um encontro”, mantendo uma atenção constante aos estímulos no entorno e buscando as situações sociais, isto é, as apropriações das mulheres nos espaços públicos.

Assume-se a condição “modo-campo” (Fiori, 2018), que significa estar imersa e atenta às situações e dinâmicas, as quais a pesquisadora não dedicaria atenção em sua vida cotidiana, fora do contexto etnográfico e fenomenológico. Portanto, a atenção nessa primeira fase rastreia uma espécie de alvo ou meta móvel (Kastrup, 2009).

Em seguida entra o toque com o processo de seleção, com um olhar mais atento às sensações, podendo assumir diferentes graus de intensidade e levar um tempo para acontecer. Após o toque, a atenção realiza o movimento de pouso, “uma parada no movimento”, como pontua Kastrup (2009, p. 35), indicando uma mudança de escala de atenção. E por fim, a percepção volta-se para o reconhecimento com uma atenção atenta, buscando destacar as singularidades do fenômeno apreendido.

Esse processo de apreensão do fenômeno está relacionado com a definição da área de recorte dos casos. Com o trajeto realizado, parte-se para o registro de cartografias preliminares, revelando as potencialidades dos lugares mais interessantes para a pesquisa e as relações com maior potência para serem exploradas na segunda etapa.

3.3.2 INSERÇÃO DA PESQUISADORA NO FENÔMENO

A segunda etapa do experimento compreende a inserção da pesquisadora em campo e sua aproximação ao fenômeno. Essa ação se relaciona com a coleta e produção de dados por meio do uso dos seguintes instrumentos: observação participante, modos de registros e entrevistas semiestruturadas.

A – OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

A observação e a participação, segundo Magnani et al (2023), influenciam-se mutuamente, revelando respostas inesperadas bem como descobrindo novas perguntas. Estar em “modo-campo” (Fiori, 2018), é estar aberta aos encontros e ao imprevisível, como pontua Magnani et al (2023, p. 123): “Essa imprevisibilidade não deve ser vista como um problema, mas como uma parte fundamental do processo de entrar em contato com outras maneiras de estar no mundo e aprender a pensar a partir de seus termos.”

A finalidade do uso da observação participante é de obter uma compreensão profunda do evento, a partir dos significados atribuídos ao fenômeno pelas mulheres que se apropriam e experimentam os espaços públicos. A pesquisadora vai a campo informada pelas teorias e hipóteses, contudo a observação participante exige uma entrega a realidades mais complexas do que se esperava (Magnani et al, 2023). Desse modo, o corpo da pesquisadora torna-se mais um corpo atuante no espaço.

A orientação da pesquisa é olhar para as apropriações das mulheres nos espaços públicos, observando as relações estabelecidas a partir da posição de seus corpos com o meio. Dessa forma, busca-se revelar suas potencialidades, vulnerabilidades e como o afeto (Deleuze, 1997) pode ser utilizado e compreendido dentro do recorte das cartografias feministas.

Assim com o uso deste instrumento são observados em campo os movimentos dos corpos e as relações que se estabelecem entre as pessoas, isto é, as mudanças de posição, velocidade, aceleração e ritmo (intensidades) que diversos corpos realizam em relação às mulheres nos espaços públicos do Minhocão (SP), da Concha Acústica (PR) e do Calçadão de Londrina (PR), buscando sempre o registro dessas experiências e processos.

São observados corpos que se aproximam ou que se distanciam das mulheres, com um olhar atento às ações e reações destas, pois fornecem pistas sobre o que as afetaram. Desse modo, a observação levará em conta quatro variáveis: (1) caracterização dos corpos - pessoas ou objetos; (2) quantidade dos corpos; (3) proximidade dos corpos em relação à mulher e (4) comportamento dos corpos em relação à mulher, para verificar se existem determinados movimentos que aumentam ou diminuem a potência das mulheres no espaço público, tornando-as mais ou menos encorajadas e estimuladas. Também são observados os movimentos e gestos das mulheres, visando verificar possíveis afetos e intensidades.

O trabalho de campo se define pelo tipo de relação estabelecida entre os corpos que vivenciam o espaço. Desse modo, o corpo da pesquisadora no espaço é afetado pelas pessoas ali presentes ao mesmo tempo afeta e modifica a experiência dos outros corpos nos recortes espaciais. A observação participante passa pelo próprio corpo da pesquisadora no espaço, com os seus marcadores sociais que carrega. Portanto, é preciso considerar as relações de poder e hierarquias que se manifestam de diferentes formas de acordo com gênero, classe social, raça, sexualidade, religião, geração, entre outros marcadores (Magnani et al, 2023; Nascimento, 2019).

Como pontua Nascimento (2019), estar em campo e escrever a partir dele é colocar em evidência o próprio corpo e lidar com sua visibilidade material e simbólica, descrevendo, por exemplo, seus movimentos, suas linguagens próprias que expressa marcas de gênero, sexualidade, geração, raça, região, nacionalidade etc. Os corpos marcados tornam-se materialmente visíveis, sendo que “essa visibilidade corpórea reverbera uma

determinada localidade ou contexto, que pode ler o corpo do outro a partir do seu” (Nascimento, 2019, p. 460).

Nesse sentido, um ponto relevante do afetar e ser afetado é a própria natureza intersubjetiva, entre a pesquisadora e os outros corpos. Na qual a subjetividade não deve ser escondida, mas sim apresentada no processo de descrição do campo (Cardoso, 2011; Magnani, 2023), pois no decorrer deste processo em campo ocorrem transformações mútuas, isto é, afecções. Por outro lado, é importante a interessoalidade, de modo que os entendimentos de mundos só são possíveis pelo “exercício de deslocamento e descentramento” (Magnani, 2023, p. 131).

B – MODOS DE REGISTRO DO FENÔMENO

Os registros em campo estão relacionados com a produção visual e escrita no diário de campo da pesquisadora e o emprego da filmagem, ocorrendo de modo encoberto em um primeiro momento, pois trata-se de uma pesquisa encoberta. Esse tipo de investigação segue a Resolução CNS nº 674, de 06 de maio de 2022, no art. 2º, item xviii, no qual pontua que a etapa de recrutamento das participantes ocorre posteriormente a uma fase de observação para não influenciar os movimentos e ações em campo.

As anotações colaboram para a produção de dados de uma pesquisa, além de transformar observações e frases captadas na experiência de campo em conhecimento (Barros; Kastrup, 2009) de modo “situacional” (Knudsen; Stage, 2015). Os relatos no diário ou caderno de campo reúnem as primeiras impressões, primeiros “choques”, associações que surgem no encontro com o campo e, até mesmo, possíveis atritos que surgem entre diferentes visões de mundo.

Uma outra forma de registro em campo está ligada a filmagem do fenômeno observado para registro e análise dos dados coletados, com única e exclusiva finalidade de estudo e publicações acadêmicas, garantido formas de manutenção do anonimato e a proteção da imagem. Com o uso deste instrumento de coleta de dados serão observados em campo os movimentos dos corpos e as relações que se estabelecem entre as pessoas, isto é, serão observadas as mudanças de posição, velocidade, aceleração e ritmo (intensidades) que diversos corpos realizam em relação à mulher no espaço público, buscando sempre o registro dessas experiências e processos.

C – ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

O instrumento da entrevista, enquanto procedimento cartográfico, considera a inseparabilidade de dois planos da experiência: a vivida e a pré-refletida ou ontológica (Eirado et al, 2010). O primeiro plano das “experiências vivida” vem da reflexão do sujeito sobre suas vivências e inclui seus relatos sobre suas histórias, emoções e motivações. Já o segundo plano, da experiência pré-refletida, refere-se à processualidade, o plano comum, o coletivo de forças, do qual vem todos os conteúdos representacionais.

Nesse sentido, a entrevista na cartografia não tem enfoque na informação, isto é, o conteúdo dito, mas sim visa o acesso à experiência em suas duas dimensões: de forma e forças (Tedesco et al, 2014). Portanto, a entrevista não visa à fala “sobre” a experiência, e sim à experiência “na” fala. O material coletado, assim, visa validar os dados, para as participantes revisitarem, no nível consciente, seus atos e afetos que ocorrem no nível pré-consciente.

Estima-se o tempo de duração de meia hora de entrevista. As entrevistas semiestruturadas com as participantes ocorrem de forma individual e presencial, com o consentimento da participante para ser realizada in loco com o áudio gravado, sendo assegurado a segurança dos dados coletados. O instrumento da entrevista só é aplicado após o recebimento das devidas instruções, com o consentimento das participantes e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), no apêndice do trabalho. O TCLE é entregue as participantes contendo todas as informações sobre os procedimentos e cuidados éticos da pesquisa. Apresenta-se, no apêndice da dissertação, a estrutura básica das perguntas norteadoras da entrevista semiestruturada. Além de abordar tópicos gerais sobre o perfil da participante, dados como idade, identidade de gênero, sexualidade, ocupação.

3.3.3 CARTOGRAFIA AFETIVA DO FENÔMENO

A terceira e última etapa do experimento diz respeito a produção cartográfica afetiva pela pesquisadora das relações estabelecidas entre o corpo da mulher e os outros corpos no espaço público urbano. A cartografia dos afetos busca registrar, portanto, as relações e os movimentos desses corpos, destacando as subjetividades das mulheres experienciadas no espaço. O registro do afeto se dá por meio dos vestígios e rastros que um corpo deixa sobre outro nos chamados encontros. Destaca-se que a cartografia afetiva não segue um modelo ou uma imagem pronta para ser copiada, pois é um método em construção. Após a elaboração das cartografias, parte-se para a discussão dos resultados da pesquisa em relação ao encontrado na revisão bibliográfica.

3.3.4 SOBRE OS RISCOS

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa Envolvendo Seres-humanos (CEP), via Plataforma Brasil, sob CAAE nº 75903523.0.0000.5231, (parecer nº 6.552.925), onde é possível encontrar os riscos, critérios de exclusão e medidas de prevenção. Os resultados da pesquisa se tornarão públicos, por meio da divulgação científica e da disposição do documento da dissertação.

4 RESULTADOS DA PESQUISA

Esta etapa do trabalho dedica-se à apresentação dos resultados da pesquisa: a aplicação do experimento e as cartografias afetivas produzidas sobre os processos apreendidos em campo.

Os eventos investigados no experimento foram estruturados em quatro situações distintas envolvendo mulheres nos espaços públicos, individualmente ou de forma coletiva, em situação de trabalho ou lazer, e ainda, em situação de vulnerabilidade ou mais protegidas socialmente. Estes eventos foram explorados, com objetivo de alcançar duas escalas diferentes de cidade, em três ambientes públicos: Elevado Presidente João Goulart em São Paulo (SP), a Concha Acústica de Londrina (PR) e o Calçadão da Avenida Paraná em Londrina (PR).

Todas as aplicações do experimento seguem a ordem: atenção flutuante; recorte da ação e dos corpos envolvidos; a observação-participante; e leitura dos vestígios de mudanças de potência. Apresenta-se neste capítulo a aplicação do experimento relatada detalhadamente em primeira pessoa, pois trata da experiência incorporada e subjetiva da pesquisadora em campo.

Para aplicação do experimento foram destacados, a partir das variações de situações encontradas em campo, quatro eventos/ações:

- (1) mulheres tomando sol no Parque Minhocão (SP);
- (2) mulheres em situação de rua no baixio do Minhocão;
- (3) grupo de mulheres em oficina na Concha Acústica; e
- (4) mulher trabalhando e cuidando da filha no Calçadão.

4.1 MULHERES TOMANDO SOL NO PARQUE MINHOCÃO (SP)

A via do Elevado Presidente João Goulart, que desde 1989 é aberta à população em dias e períodos específicos, ganha o status de parque em 2013, quando foi criada oficialmente a Associação Parque Minhocão. Em seus momentos fechados aos carros, recebe pessoas para diversas atividades de lazer, tais como caminhadas, passeios de bicicleta, skate, corridas e muitas outras. Entre estas atividades destaquei aqui como evento/ação o ato das mulheres de tomar banho de sol no parque, uma atividade que me marcou por ser inusitada, pois é um uso não pensado e projetado que surgiu de forma espontânea. A seguir detalha-se a descrição do evento.

SÁBADO, DIA 13 DE JANEIRO DE 2024

- Posicionalidade da pesquisadora:

Para a aplicação do experimento utilizei os seguintes instrumentos: trabalho de campo, observação participante, modos de registros e entrevistas semiestruturadas. Dessa forma, separei todo o material necessário, meu caderno, os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido e as questões norteadoras da entrevista para levar a campo. Estava animada, ansiosa e um pouco receosa com o que iria acontecer. Já conhecia o Minhocão anteriormente, pois foi objeto da minha iniciação científica, contudo nunca havia praticado ali a ação de tomar sol em trajes de banho.

Entretanto, neste dia o tempo estava fechado, então, neste primeiro momento fui ao Minhocão com um guarda-chuva e sem roupas de banho. Busquei em todos os percursos em campo me manter aberta aos encontros, ao novo e inesperado, mas sempre respeitando meus limites e nunca colocando meu corpo em uma situação potencialmente perigosa.

- Descrição do ambiente em “atenção flutuante”:

O céu estava bem nublado neste dia com período de garoa ao longo do dia. A condição do tempo é um fator fundamental na aplicação deste experimento voltado a mulheres tomando banho de sol. Naquele momento, o Elevado estava relativamente vazio, como é possível observar na imagem abaixo (Figura 12).

FIGURA 12

Usos no Minhocão em um sábado nublado.



Fonte: Acervo da autora (2024).

DOMINGO, DIA 14 DE JANEIRO DE 2024

- Posicionalidade da pesquisadora:

Este segundo momento de campo, fui mais animada e curiosa do que no primeiro dia, pois o tempo estava aberto, bem ensolarado e muito quente. Fui vestida com a parte de cima da roupa de banho com objetivo de me incluir no grupo de mulheres que tomam sol no Minhocão. Ao subir a rampa de acesso do Elevado, já suando com o sol quente do verão, tirei a blusa e fui caminhando de biquíni no Minhocão. Foi um movimento, em um primeiro instante, que poderia não parecer natural, no entanto o calor era tão intenso que depois dessa primeira estranheza,

foi a ação mais lógica a se fazer. Também vi outras mulheres usando top ou a parte de cima do biquíni o que me deixou mais a vontade para realizar tal ato.

- Descrição do ambiente em “atenção flutuante”:

Dessa vez o Elevado estava lotado, sendo domingo o dia mais frequentado e movimentado pela população. Havia muitas pessoas praticando exercício físico, correndo, passeando com cachorro, andando de bicicleta, patins e skate, e muitas mulheres fazendo diversas atividades em trajes de banho (Figura 13).

FIGURA 13

Movimentos no Minhocão em um domingo de sol.





Fonte: Acervo da autora (2024).

Notei pessoas fugindo do sol e do calor, a procura por uma sombra, sentadas embaixo das sombras das árvores e dos guarda-sóis, como também, algumas pessoas sentadas no mobiliário de madeira, pois sem uma sombra ali os bancos de concreto ficavam muito quentes (Figura 14).

FIGURA 14

Pessoas sentadas embaixo da sombra da árvore no Minhocão.

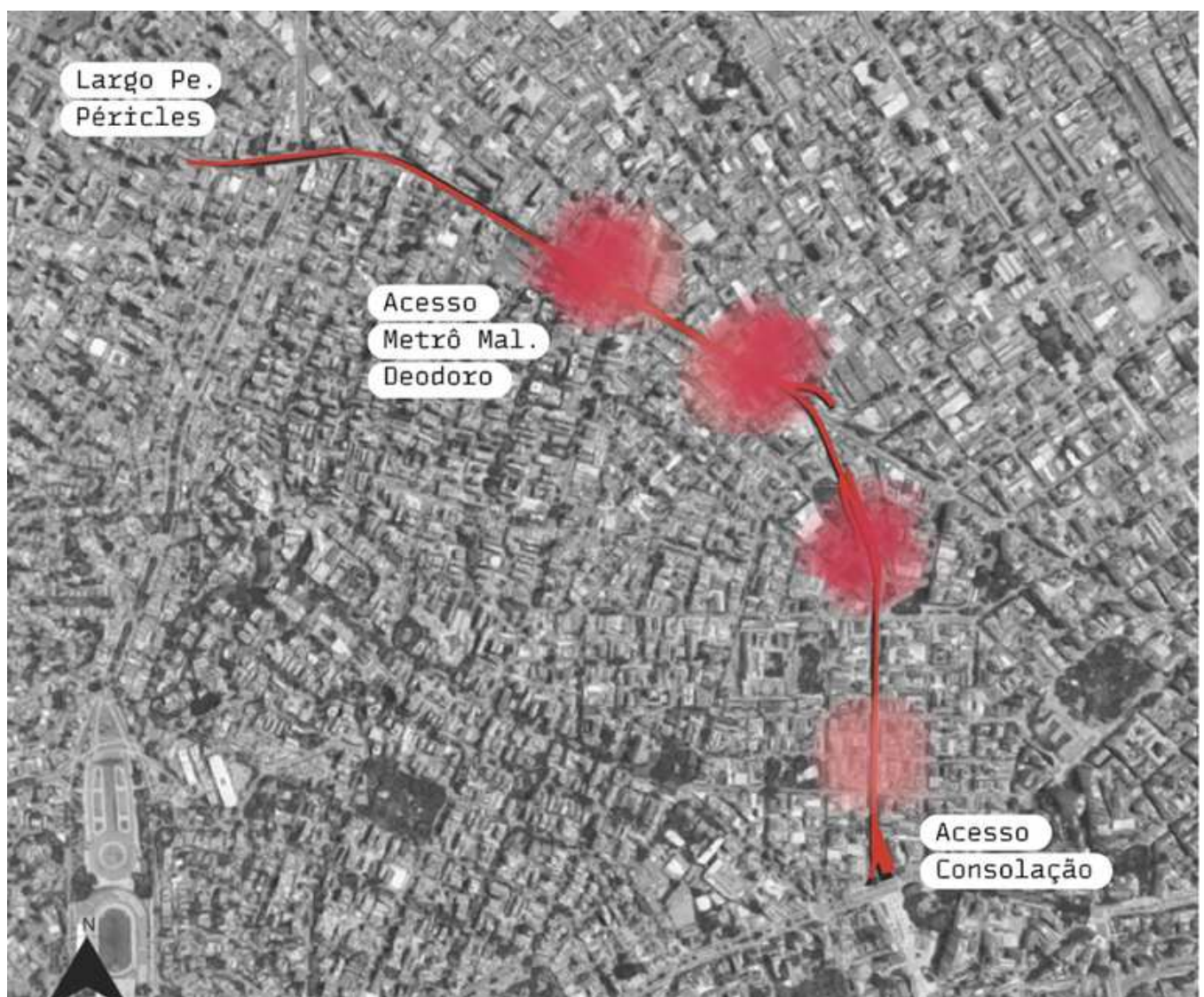


Fonte: Acervo da autora (2024).

Percebi que os pontos de maior potência para a permanência das pessoas, em especial, das mulheres são os locais com mobiliário urbano, dotados de puffs, almofadas, cadeiras de praia, guarda-sóis, lixeiras e banheiros químicos – estrutura disposta por incentivo da Prefeitura da cidade de São Paulo, assim como, os locais mais próximos aos acessos do Elevado. Dessa forma, apresento a primeira apreensão cartográfica, com uma leitura preliminar da parte de cima do Minhocão, na qual destaco os pontos mais relevantes para a aplicação do experimento (Figura 15).

FIGURA 15

Cartografia preliminar do Minhocão.



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

- Recorte da ação e dos corpos envolvidos:

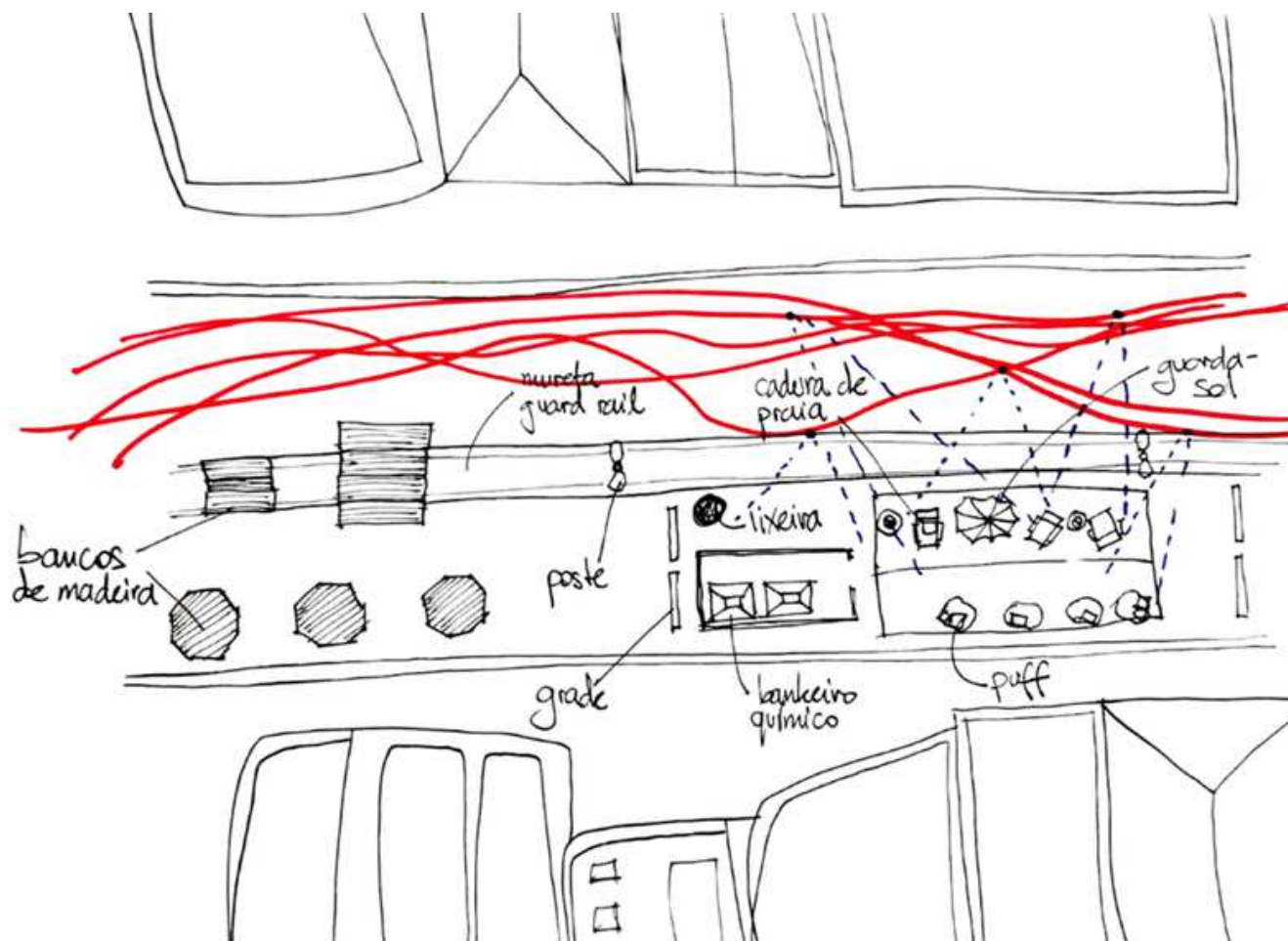
Com as áreas do estudo definidas, a etapa da observação participante ocorreu nos pontos do Minhocão onde estava localizado o mobiliário urbano. Ali encontrei uma mulher sentada na cadeira de praia que tomava sol em trajes de banho. Ela estava próxima a um guarda-sol, virada de frente para o movimento do Minhocão.

Na ação da mulher (1) que tomava sol estavam envolvidos os seguintes corpos: a mulher, o sol, a cadeira de praia, o guarda-sol e a sua sombra, as outras pessoas sentadas naquele espaço, o poste, a mureta guard rail, toda a estrutura do espaço: puffs, lixeiras, banheiros químicos, guarda-sóis, cadeiras de

praia e as pessoas trabalhando no espaço. Além disso, há também os corpos das pessoas que passavam por ali (Figura 16).

FIGURA 16

Cartografia de fluxos e movimentos no Minhocão.



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Destaca-se nessa primeira cartografia, dois diferentes movimentos: na cor vermelha, os fluxos e as intensidades das pessoas que passavam do lado oposto ao espaço com o mobiliário; e na cor azul escuro com a linha pontilhada, os olhares das pessoas que passavam.

- Descrição da observação-participante e mudanças de potência, rastreando o afeto a partir dos vestígios:

Sentei-me na cadeira de praia vazia que estava do lado da mulher 1, de onde a observei e logo interagimos.

Vi que ela estava com o traje de banho completo, de óculos de sol e sem usar, neste primeiro momento o guarda-sol. Seu corpo estava aparentemente relaxado, descansado realizando a aquela ação. Estávamos próximas de outras pessoas sentadas ali e as cadeiras estavam viradas para o movimento do Minhocão.

Nossa troca fluiu facilmente, até chegamos a dividir a sombra de um guarda-sol e ela me emprestou seu protetor solar, pois o sol estava muito forte. Dessa forma, fui observando seus movimentos, suas ações e suas falas.

Até que um movimento que ela fez chamou minha atenção. As cadeiras que estávamos sentadas estavam viradas para o lado das passagens e movimentos no Minhocão, de frente para a mureta que divide a via em duas partes. Em um momento, ela se levantou e virou a cadeira de praia para o outro lado, ficando de costas para esse movimento e de frente para um edifício. Seu corpo agora estava voltado para os edifícios que ficam bem próximos ao Minhocão.

Ao realizar a ação de virar a cadeira, a mulher 1 voltou seu olhar aos edifícios do

entorno, ficando de costas para os movimentos e os olhares das pessoas que caminhavam do outro lado da via elevada.

Essa pequena ação foi escolhida para ser cartografada. A imagem, a seguir, é um esquema gráfico representativo da ação da mulher que tomava sol no Minhocão (Figura 17), e a segunda imagem é uma cartografia afetiva visando compreender as nuances envolvidas nesse movimento, como uma forma de rastrear os afetos presentes no espaço que geraram tal ação (Figura 18).

FIGURA 17

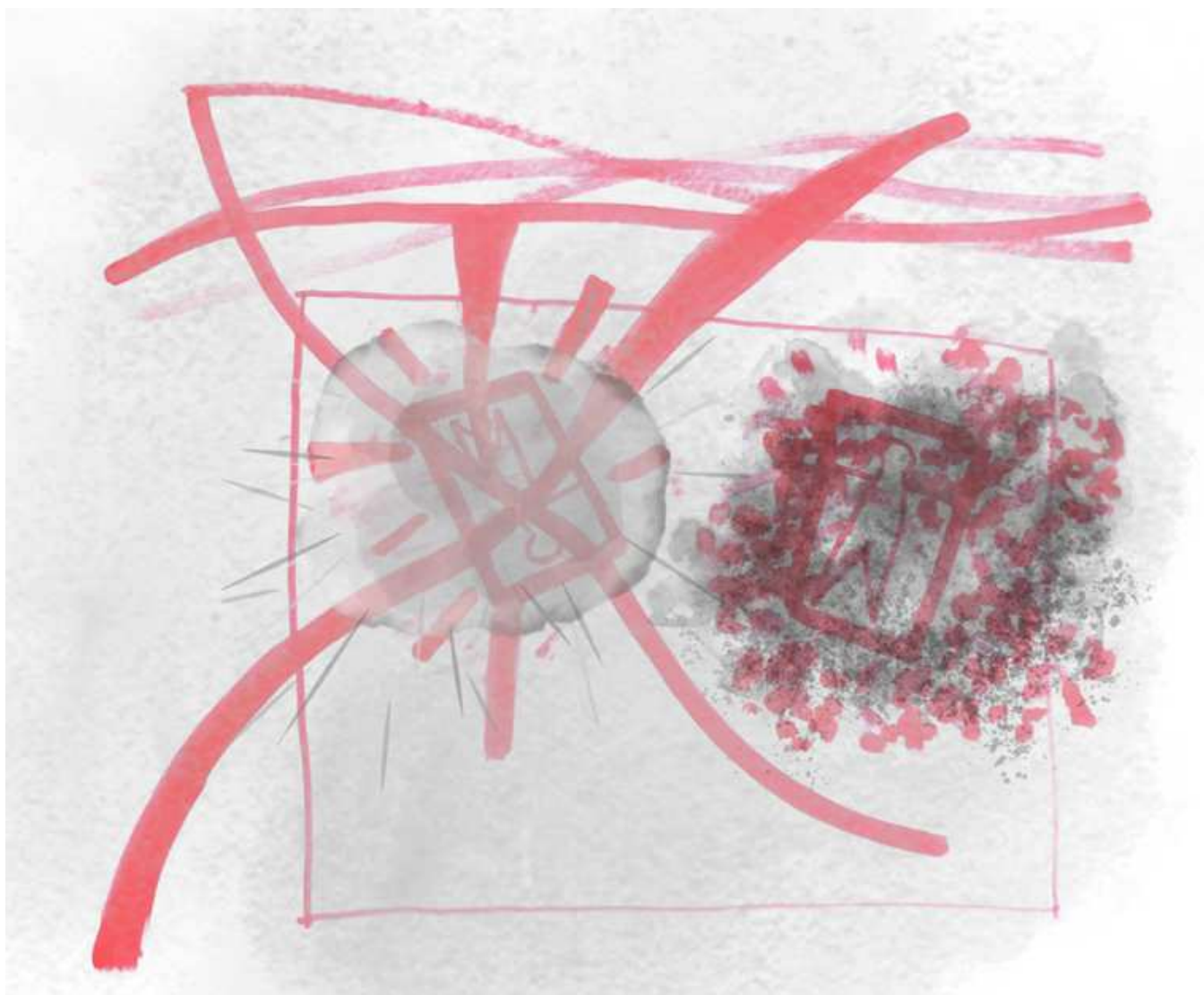
Esquema representativo da ação da mulher que tomava sol no Minhocão.



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

FIGURA 18

Cartografia dos afetos envolvidos na ação de mudar a posição da cadeira.



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Desse modo, durante a conversa com a mulher 1, observei que uma vez ou outra ela dirigia o olhar para as pessoas que passavam pelo local. O seu olhar não era exatamente de alerta, parecia apenas curiosa com as pessoas que por ali circulavam. Seu posicionamento na cadeira era pouco modificado, mas era perceptível um certo relaxamento. Entretanto, como em um movimento mais brusco, a mulher 1 se levantou. Não entendi de imediato tal reação, mas sua feição facial era outra, não olhava mais para as pessoas circulando, mas sim para baixo.

Tomou a cadeira e a girou, parece em segundos ter escolhido a posição da cadeira, não relacionada com o sol ou vistas, apenas cessar a comunicação com as pessoas que passavam, e dar as costas para elas.

Nesse sentido, a cartografia se preocupou em expressar essa alteração de potência experienciada pela mulher que tomava sol, a partir da minha observação em campo. A cartografia afetiva foi trabalhada a partir de manchas e linhas, sobreposta a um decalque de uma vista superior da ação destacada na cor vermelha.

Já o instrumento da observação participante inseriu meu corpo como pesquisadora e como mulher vivenciando o espaço, assim minha experiência de tomar sol no Minhocão reverberou em meu corpo, o transformando a partir dos diversos afetos, os quais buscou-se registrar e captar nas cartografias abaixo (Figura 19). As seguintes cartografias empenham-se em expressar os afetos, isto é, as alterações de potências experienciadas através da materialidade do corpo, por meio dos vestígios deixados nos encontros entre os diferentes corpos no Minhocão.

FIGURA 19

Cartografias da experiência da pesquisadora no Minhocão.



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Após a fase da observação participante, foi apresentada a pesquisa para a participante junto ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Com seu aceite no experimento da pesquisa, foi realizada uma entrevista semiestruturada com a participante ali mesmo no Elevado.

Ela me relatou que já tinha realizado essa ação de tomar sol em trajes de banho outras vezes no Minhocão e que gostava muito. Além disso, contou-me que se sentia bem, feliz e realizada de poder tomar sol ali naquele espaço público. Ao perguntar sobre como essa ação a deixava, ela disse que se sentia sim mais encorajada e empoderada de certa forma. Essa ação para ela parecia ser algo normal, como se estivesse na praia mesmo e “que ninguém olha”, prossegue: “eu tiro minha roupa, fico de biquíni, sem problema nenhum, ninguém nunca me falou nada, normal, estou na praia aqui em São Paulo”. Era sua terceira vez que ia no Minhocão, e a segunda vez de biquíni completo. Na primeira vez que tomou sol no Minhocão ela usou somente a parte de cima

do biquíni e a debaixo não, usando shorts e depois na segunda vez já “teve coragem”.

Durante a entrevista ela reafirmou que essa ação era normal, e que às vezes era até melhor do que estar na praia, porque ali ninguém olha mesmo. No entanto, o movimento que captei ao observá-la, de voltar seu corpo para os edifícios do entorno, demonstrou ser contraditório de certa forma com seu discurso na entrevista, pois sua ação de girar a cadeira foi um modo encontrado, possivelmente pré-reflexivo, para gerar algum tipo de proteção a possíveis olhares e assédios.

Retornei em um segundo momento do dia por volta das 16h, o Minhocão ainda estava bastante movimentado, com muitas atividades acontecendo: pessoas andando de bicicleta, se exercitando, tomando sol em trajes de banho e até um ensaio de uma bateria para o carnaval embaixo do Minhocão. Neste novo percurso encontrei uma segunda mulher (2) que também tomava sol naquele dia, deitada em um banco de madeira, como pode ser observado abaixo (Figura 20).

FIGURA 20

Pessoas passeando e tomando sol em um domingo no Minhocão.





Fonte: Acervo da autora (2024).

- Descrição da observação-participante:

A mulher 2 estava sozinha deitada de bruços em um banco de madeira próximo à grade do Minhocão na borda da via. Perto dela, nos bancos de madeira na mureta guard-rail, havia um rapaz sentado e atrás dele tinha um outro homem deitado tomando sol também em trajes de banho. Além disso, ela estava situada perto de uma escada de metal, um dos acessos construídos ao Elevado.

Permaneci por um tempo sentada no banco no meio da via e a observei dali. Percebi que a moça estava com fones de ouvido, posicionada com a sua face para a via, e estava cobrindo seu rosto com algo, se protegendo do sol quente. Ela permaneceu assim, fechada, sem tirar o pano do rosto por um tempo. Não aconteceu nenhum tipo de contato nem mesmo visual, a mulher não ofertava caminhos de comunicação. Assim, seu corpo não parecia desejar comunicar-se

com o local, posicionada de bruços e com fones, porém ainda que de olhos tampados, parecia de uma certa forma ligada ao seu entorno, pois seu rosto estava virado para a via elevada.

Contudo, de forma geral, seu corpo pouco me mostrava reativo às ações e movimentos do Minhocão, como se estivesse pouco afetada. Uma questão que me veio à mente foi a processo de escolha do lugar para realizar a ação, pois a mulher 2 estava próxima as escadas, um dos acessos a entrada e saída do Parque Minhocão, e deitada em um banco de madeira situado mais na borda da via.

- Mudanças de potência, rastreando o afeto a partir dos vestígios:

Dessa forma, a posição do corpo da mulher 2, sua linguagem corporal e não verbal, seus gestos e expressões pareciam formar um tipo de território, com limites que a protegiam, de certa forma, de ser incomodada ou até mesmo

assediada. Seu corpo parecia estar fechado em seu próprio mundo, demonstrando não estar aberta a interações.

Levando em consideração a disposição entre os diferentes corpos no evento: o banco, o guarda-corpo, as outras pessoas ali sentadas, a distância da mulher em relação as outras pessoas e as relações de poder estabelecidas ali, e ainda o modo como a situação ocorreu inibiu minha aproximação e abordagem para a observação participante. Assim, como dado mais objetivo, o fato de cessar comunicação, ao final, pareceu efetivo, pois me senti desencorajada a buscar uma interação com a mulher. Logo, este encontro com a mulher 2 me afetou de alguma forma, diminuindo minha potência na realização do experimento.

SÁBADO, DIA 20 JANEIRO DE 2024

Neste dia o tempo estava nublado com muitas nuvens e havia diversas pessoas no Elevado, realizando suas atividades matinais, percebi muitas pessoas passeando com seus cachorros. Em um momento, duas mulheres estavam sentadas conversando em cadeiras de

praia e uma mulher brincando com seus filhos naquele espaço, as crianças brincavam de “estar na praia”. No entanto, não presenciei mulheres sentadas ou deitadas tomando sol em trajes de banho neste dia. O decorrer do dia foi de períodos nublados e de muita chuva o que impossibilitou as apropriações e o trabalho de campo. Algo que pode ajudar a pensar como sol é uma fonte importante de afetos no uso urbano e na construção de atmosferas.

DOMINGO, 21 DE JANEIRO DE 2024

Neste domingo o tempo estava mais aberto com períodos de sol e algumas nuvens. Como já havia percebido, aos domingos o Parque Minhocão é mais lotado, com apropriações e usos da população.

Notei a presença de mulheres fazendo atividades físicas, correndo, andando de bicicleta, usando top ou somente a parte de cima do biquíni, por conta do calor forte, mas naquele momento não percebi a presença de mulheres praticando o ato de tomar sol sentadas ou deitadas no Minhocão (Figura 21).

FIGURA 21

Diversas pessoas utilizando o Minhocão como um parque urbano em um domingo ensolarado.





Fonte: Acervo da autora (2024).

Voltei ao Minhocão no período da tarde e, mesmo com o céu fechado, ainda tinham muitas pessoas no Elevado. O tempo se fechou rapidamente, de forma que caminhei até a saída do Minhocão debaixo de muita chuva. Infelizmente, o decorrer do dia foi muito chuvoso impossibilitando as apropriações no Minhocão.

- Recorte da ação e dos corpos envolvidos:

O Elevado neste dia estava bem vazio, com poucas apropriações e usos, quase não havia movimento, o que dificultou a observação. No entanto, encontrei a mulher 3, tomando sol no espaço com as cadeiras de praia e guarda-sol, deitada próxima as pessoas que trabalhavam ali (Figura 22).

SEGUNDA DE CARNAVAL, DIA 12 DE FEVEREIRO DE 2024

- Posicionalidade da pesquisadora:

Fui novamente a campo durante o feriado de carnaval, desta vez acompanhada. Neste novo campo, estava animada, ansiosa e um pouco mais nervosa, pois já tinha ido algumas vezes ao Minhocão e me deparado com climas nublados e chuvosos, ou ainda, sem apropriações de mulheres no Parque.

FIGURA 22

Mulher toma sol em trajes de banho no Minhocão em uma segunda-feira de carnaval.

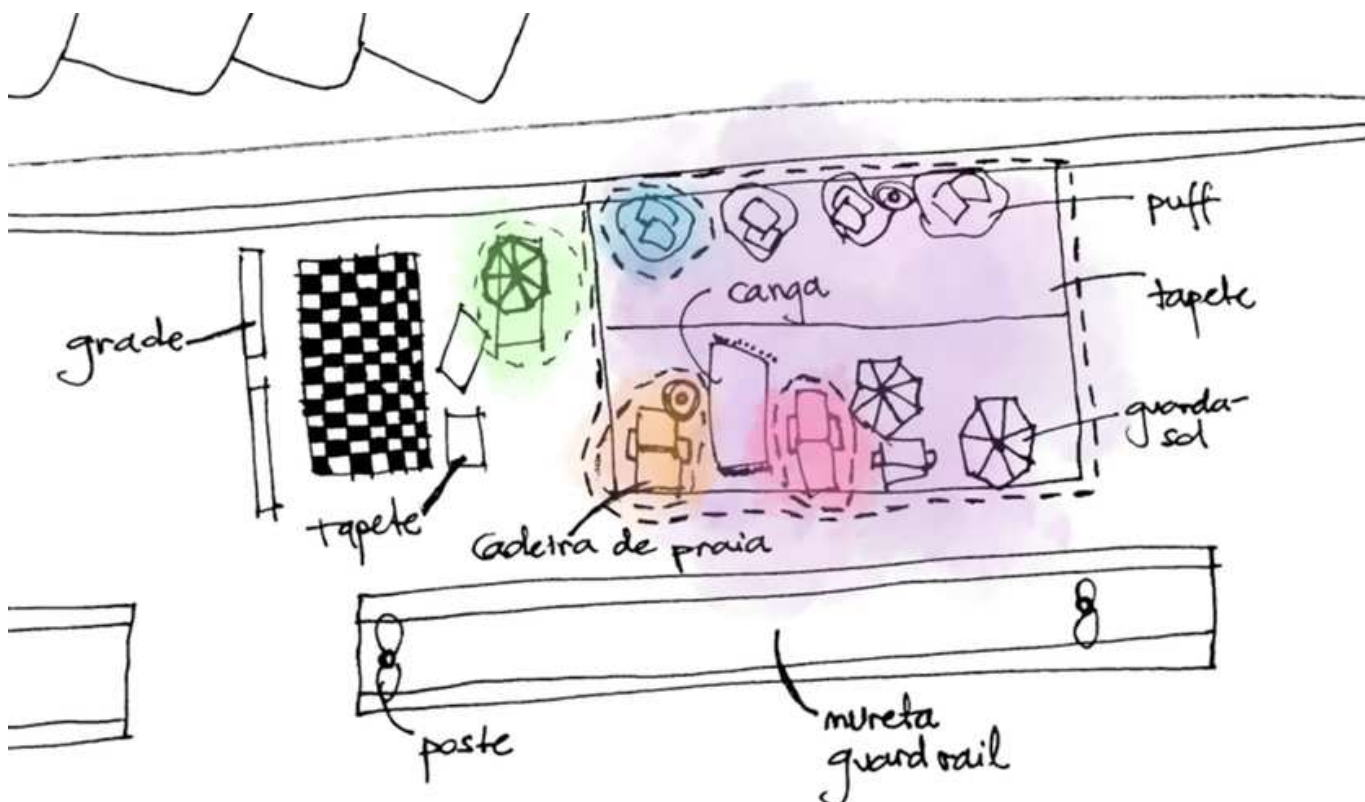


Fonte: Acervo da autora (2024).

Neste evento estavam envolvidos os seguintes corpos: a mulher deitada, sua canga, as pessoas em pé trabalhando no espaço, o tapete verde de grama artificial, as cadeiras de praia e os guarda-sóis (Figura 23).

FIGURA 23

Cartografia dos corpos envolvidos na ação no Minhocão.



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

- Descrição da observação-participante e mudanças de potência, rastreando o afeto a partir dos vestígios:

Nesta etapa do experimento, me sentei em uma cadeira de praia, permanecendo próxima a mulher 3, que se situava em um espaço marcado por um tapete de grama verde, formando uma espécie de sala dentro do espaço público. Ela estava deitada de bruços em uma canga postada no chão, com seu corpo posicionado de frente para a mureta da via, ao seu lado tinha uma cadeira de praia, formando uma espécie de barreira de proteção. Ela permaneceu bem próxima dos trabalhadores do espaço que estavam em pé, conversando embaixo do guarda-sol.

Quando percebi a mulher 3, também estava com fones de ouvido, lendo um livro como se estivesse em sua “sala” em pleno espaço público e, dessa forma, não houve nenhum contato visual com ela. Pareceu-me que a sua posição e linguagem corporal, com seu olhar voltado ao livro, reforçavam a ideia de estar dentro de um mundo próprio - assim como a mulher 2 - demonstrando não querer ser incomodada. Sua linguagem corporal e não verbal gerou um tipo de corpo-território com bordas e limites para sua proteção ao mundo externo (Figura 24).

FIGURA 24

Cartografia do corpo-território na ação no Minhocão.



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Essa situação me inibiu de realizar uma aproximação, gerando uma alteração na minha potência, com um afeto sentido em meu corpo que não viu formas de tentar uma abordagem e uma conversa com a mulher 3. Aquele cenário me atingiu e me afetou negativamente, gerando um incômodo, um nervosismo e uma ansiedade em meu corpo, pois senti uma barreira muito forte nessa aproximação e precisava quebrá-la para dar continuidade ao experimento.

Assim, novamente me mostrou ser efetivo o mecanismo territorial ali construído, composto pela disposição dos mobiliários (cadeiras, guarda-sóis e tapete em forma de “sala”), a proximidade de pessoas em diálogo (compondo um evento fechado) e a mulher 3 voltada a mundos próprios (com o livro e fones de ouvido).

4.2 MULHERES EM SITUAÇÃO DE RUA NO BAIXIO DO MINHOCÃO (SP)

SEXTA-FEIRA, DIA 31 DE MAIO DE 2024

- Posicionalidade da pesquisadora:

Neste outro percurso, voltei minha atenção para a parte debaixo do Elevado. Pensei previamente em ir com uma roupa leve e confortável para caminhar no Minhocão. Como estaria sozinha, optei por usar uma calça ao invés de um shorts, apesar do calor que fazia no dia. Com uma mistura de sensações, estava ansiosa, nervosa, curiosa e receosa com o que iria encontrar. Nesta ida a campo foram utilizados os instrumentos da observação participante, os registros e a entrevista, que ocorreu em forma de uma conversa informal.

- Descrição do ambiente em “atenção flutuante”:

Em uma sexta-feira quente com bastante sol, no período da tarde, fui caminhando à deriva, me deixando levar, no entorno do baixio do Minhocão. Neste novo ambiente existiam muitos movimentos diferentes não tão reconhecíveis na parte de cima do Elevado, como: o fluxo constante dos automóveis pelas avenidas, os movimentos na ciclovia, os pedestres caminhando de forma apressada e nervosa, pessoas em situação de rua com suas barracas e pertences permanecendo entre as pilastras do Elevado e as inúmeras atividades comerciais da região central da cidade. Tudo isso me reforçou a sensação de privilégio da parte superior do Parque Minhocão.

Nesse ambiente, também tinham alguns elementos visuais que chamaram a minha atenção, especialmente, os diversos grafites e expressões urbanas como pichações, lambe-

lambe, adesivos e cartazes, pintados nas pilastras do Minhocão e nas edificações do entorno. Além disso, com os sentidos abertos, me atentei aos diferentes sons da cidade: as obras dos edifícios, os cachorros latindo, o escapamento da moto, uma flauta soando, que se misturam com os diversos cheiros do local: o forte odor de urina, com a fumaça dos automóveis e os perfumes das lojas com o cheiro de plástico e o cheiro de comida no Largo do Arouche.

- Recorte da ação e dos corpos envolvidos:

Observei a marquise do Elevado com uma certa distância (cinco metros aproximadamente), permanecendo na calçada de um dos lados da Avenida São João. O caminhar neste outro espaço do Elevado não foi para mim uma tarefa fácil, pois o meio do Minhocão entre as pilastras mostrou-me um espaço ocupado por muitas pessoas em situação de rua, parecendo-me, naquele momento, um lugar hostil. Nessa ação de caminhar e adentrar esse território estavam envolvidos os seguintes corpos: o meu próprio corpo, a calçada, as pessoas em situação de rua, os pedestres, os ciclistas, as pilastras do Minhocão, e o sol (produzindo o território sombreado embaixo da projeção do viaduto).

- Descrição da observação-participante e mudanças de potência, rastreando o afeto a partir dos vestígios:

Caminhei atenta com o olhar vigilante aos movimentos dos pedestres, ciclistas e das pessoas em situação de rua embaixo do Minhocão pela extensão do Elevado na calçada ao lado da via. Ali notei muitas famílias em situação de rua, vivendo em suas tendas e barracas, com suas carroças cheias de

papelão ou dormindo no chão entre as pilastras do Minhocão (Figura 25).

FIGURA 25

Pessoas iluminadas em cima no Parque Minhocão e pessoas a sombra no baixio do Minhocão.



Fonte: Acervo da autora (2024).

Circundei por fora o Minhocão por mais ou menos 30 metros. Durante esse trajeto eu fui com o olhar voltado para o ambiente embaixo do viaduto, procurando algo que me convidasse a entrar. Meu caminhar variou de intensidade, às vezes com uma velocidade mais lenta, às vezes mais rápida, conforme avistava algo que pudesse me colocar em risco, por exemplo, de ser assaltada ou até mesmo assediada. Vez ou outra eu direcionei meu corpo para entrar no ambiente, mas algo dentro de mim me fez regressar. Não consegui identificar, do meu ponto de visão, alguma mulher embaixo do viaduto devido as imagens difíceis de decifrar com muitas informações visuais: uma grande quantidade de lixo espalhado no local, com um forte odor que me afetava e dificultava ainda mais a minha aproximação, a presença de pessoas, colchões, barracas e alguns animais (Figura 26).

FIGURA 26

População em situação de rua embaixo do Minhocão.



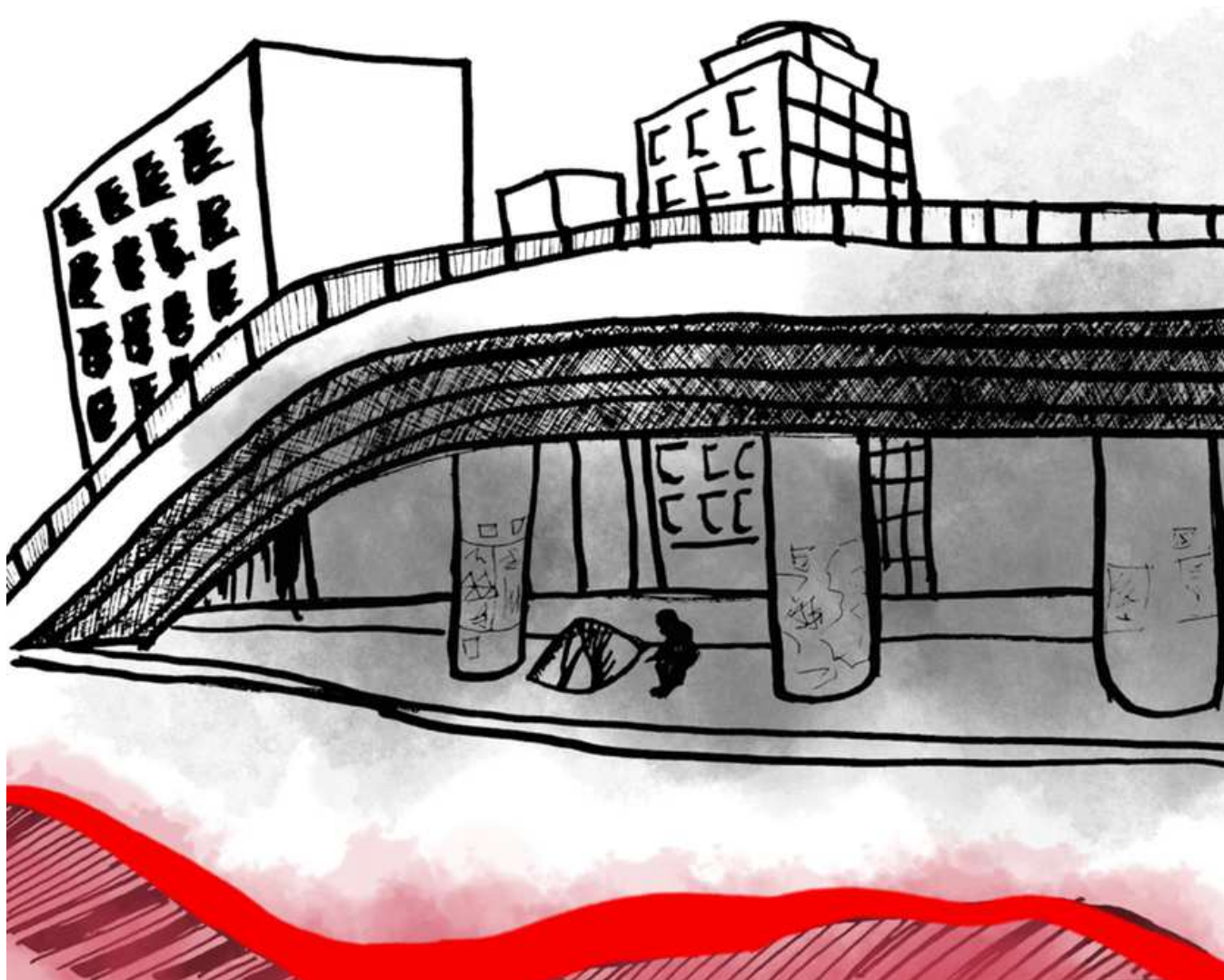
Fonte: Acervo da autora (2024).

No percurso percebi o elemento das pilastras formando um tipo de barreira, pois, junto com a sombra projetada pelo viaduto, potencialmente poderiam esconder muitas coisas, o que influenciou e afetou meu corpo impedindo a aplicação do experimento. Senti que meu corpo ficava fraco, sem ação, enquanto meu coração acelerava. Por mais que quisesse adentrar e atravessar o Minhocão por baixo, apesar de estar caminhando em plena luz do dia, percebi que não seria naquele momento que conseguiria.

Não me senti pertencente àquele ambiente, sendo a diferença social um fator que me impactou, e fiquei receosa pelas possíveis reações que precisaria enfrentar. Como estava sozinha, e com celular em mãos, a sensação de perigo foi algo que afetou o meu percurso. A tentativa sem sucesso de adentrar esse espaço na parte debaixo do Minhocão afetou meu corpo negativamente, percebi que havia uma barreira muito forte de um outro território formado ali. O meu sentimento era inegavelmente de tristeza, mesmo que já vivenciando a realidade de São Paulo quase que cotidianamente, em nenhum momento minha atenção estava tão voltada para aquela população. Esse processo de aproximação a esse território foi cartografado (Figura 27 e 28).

FIGURA 27

Cartografia da aproximação do território debaixo do Minhocão.



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

FIGURA 28

Cartografia afetiva da aproximação do baixio do Minhocão.



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Para chegar no Parque Minhocão, nos dias que caminhei sobre o Elevado, houve inevitavelmente um contato com essa realidade. Na verdade, todas as pessoas que frequentam o Minhocão, ao subir para caminhar à luz do sol possivelmente veem as pessoas em situação de rua na parte debaixo da via. Entretanto, estando na parte de cima vendo o céu e os edifícios, de alguma maneira, acabei me esquecendo da outra realidade logo ali embaixo, um tipo de apagamento, como se estivesse anestesiada ou alienada. Agora descendo a rampa e estando frente a frente, simplesmente não consegui quebrar esse bloqueio e alcançar as mulheres que estavam debaixo do Minhocão.

DOMINGO, DIA 18 DE AGOSTO DE 2024

- Posicionalidade da pesquisadora:

No dia anterior a essa nova ida à campo, no sábado dia 17 de agosto, participei de uma oficina chamada “Cartografias do cotidiano: corpos (sob) (sobre) o elevado” proposta pelo Estúdio Ceda el Paso do arquiteto Ricardo Luis Silva e da antropóloga urbana Jéssica de Souza Andrade. A programação contava com uma atividade de leituras cartográfico-etnográficas em grupo pelo Minhocão de manhã e à tarde foi feita uma cartografia coletiva da oficina.

Destaco essa experiência antes de iniciar meu relato do segundo percurso na parte debaixo do Minhocão, pois a oficina foi uma experiência importante para mim enquanto mulher e pesquisadora. O caminhar solo em um espaço da cidade aparentemente hostil não foi uma tarefa fácil para mim enquanto mulher, mas a caminhada em grupo foi o que possibilitou percorrer ali sozinha no dia seguinte. Essa ação coletiva alterou a minha potência, me afetando de forma positiva.

Um ponto importante na oficina foi o contato com a antropóloga urbana, que ao ouvir sobre minha dificuldade de acessar as mulheres na parte debaixo do Minhocão, sugeriu a ação de entregar algum item de higiene pessoal, por exemplo absorventes, como gancho para aproximar-me dessas mulheres.

- Descrição do ambiente em “atenção flutuante”:

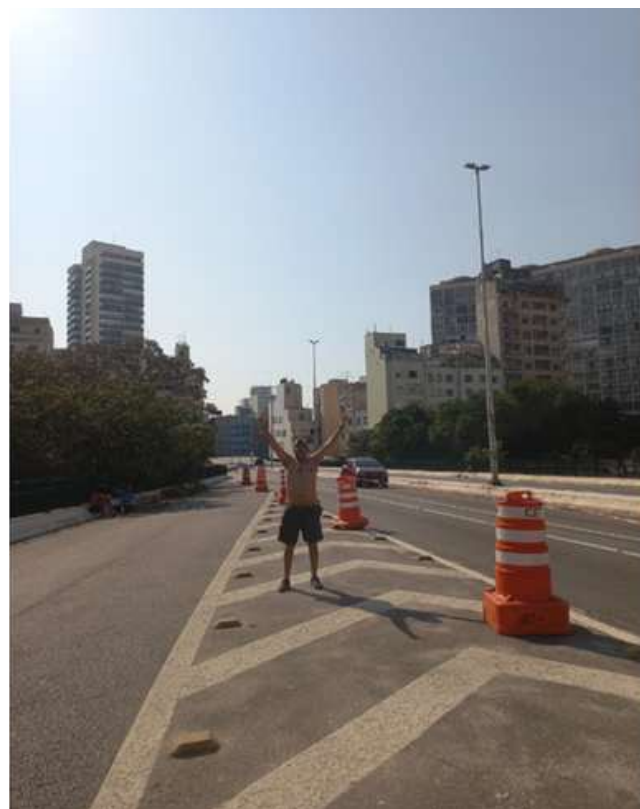
Desci na estação Santa Cecília, caminhei em direção ao Minhocão e me deparei com a feira no Largo da Santa Cecília. Subi a rampa de acesso ao Minhocão que estava aberta pela rua Ana Cintra, no entanto, encontrei um carro descendo a via e já estranhei a situação. Uma outra moça que também estava subindo a rua me falou para encostar e tomar cuidado,

porque os carros estavam passando muito rápido, conversei rapidamente com ela para entender o que acontecia. Descobrimos que o Parque Minhocão naquele domingo estava aberto para os automóveis e fechado para as pessoas.

Atravessei a via expressa e segui caminhando em cima do guard-rail até encontrar um homem que acenava para mim do outro lado da via. O homem estava em uma outra rampa de acesso fechada, com cones e faixas, me explicou que naquele dia o prefeito Ricardo Nunes havia decidido abrir para os automóveis vias como o Minhocão e a Avenida Paulista devido a aplicação do Concurso Nacional Unificado. Havia também outras pessoas ali, dois rapazes estavam sentados na sombra da árvore próximo aos cones e um homem deitado ali no asfalto do Minhocão (Figura 29).

FIGURA 29

Pessoas no Parque Minhocão fechado.



Fonte: Acervo da autora (2024).

Enquanto conversava com o homem, chegaram duas mulheres de bicicleta que queriam pedalar no Elevado e se depararam com os automóveis em alta velocidade nas pistas. Conversamos sobre o que estava acontecendo, todos estavam indignados com aquela situação, pois todo domingo o Minhocão é aberto para as pessoas sendo o dia mais utilizado.

Desci a rampa e sai no meio da feira no Largo Santa Cecília, aproveitei para comprar uma água de coco já que o dia estava muito quente. Depois passei na farmácia próxima ao Largo do Arouche para comprar alguns absorventes para entregar às mulheres no Minhocão. Ao retornar e percorrer a parte debaixo do Minhocão, permaneci atenta aos movimentos do espaço, apesar do comércio fechado, havia muitas pessoas, ônibus, automóveis e ciclistas que passavam por ali.

Sentia-me atenta e curiosa, procurando pelas mulheres, pois em um primeiro momento ao caminhar no meio do Minhocão encontrei muitos homens vivendo em situação de rua e não tinha visto nenhuma mulher. Meu olhar estava vigilante caminhando embaixo do viaduto, tentei me despir das preconceções e adentrar aquele território de maneira leve e aberta à experiência.

- Recorte da ação e dos corpos envolvidos:

Caminhando pelo baixo do viaduto, no sentido Consolação, encontrei com uma mulher 4 do outro lado da rua do Minhocão. Atravessei a rua, caminhando em sua direção. Observei que ela estava sentada na mureta de um pequeno jardim na esquina da Rua Amaral Gurgel com a Rua General Jardim, ao lado de um edifício que estava sendo ocupado. Seu corpo estava ao lado da parede do edifício, posicionado de frente para a R. General Jardim. Na frente da ocupação havia crianças brincando e andando de bicicleta.

Então usando da sugestão da Jéssica perguntei a ela se precisava de um absorvente, sendo este meu gancho para uma conversa. Ela me contou que vivia naquela ocupação, mas que logo seria retirada dali. Nossa conversa foi rápida e logo segui caminhando sentido metrô Marechal Deodoro.

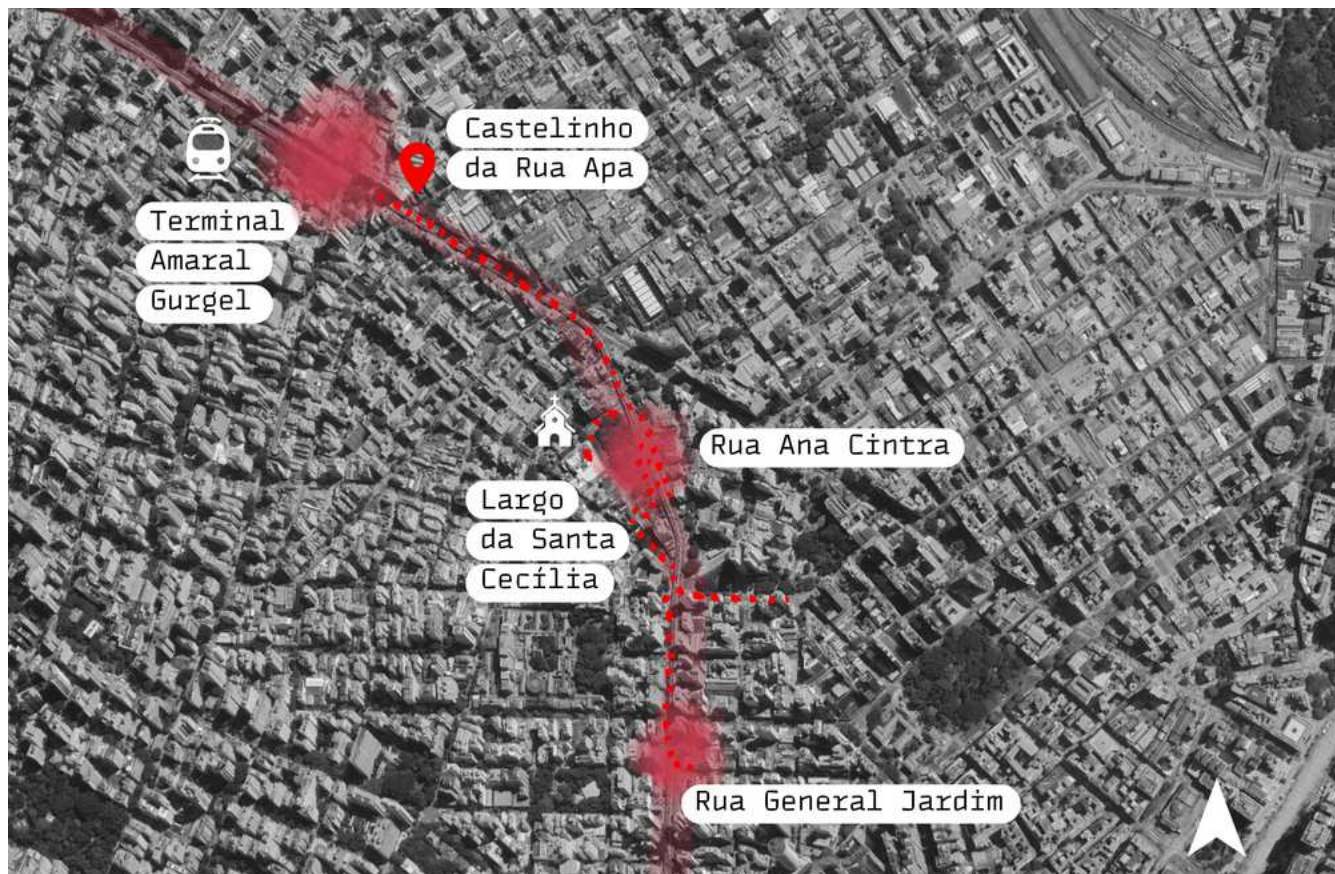
Meu segundo contato foi com a mulher 5, que estava sentada em uma cadeira próxima à sua barraca com o seu esposo no Largo da Santa Cecília no entorno da Rua Ana Cintra. Nossa troca ocorreu de forma rápida, pois ela não se demonstrou aberta e não esboçou muitas reações à minha interação, consegui conversar um pouco mais com seu marido que se demonstrou mais receptivo. Eles estavam de costas para uma grade, que dava para uma praça do idoso, situados próximo a um dos acessos do Terminal Amaral Gurgel. O homem estava em pé arrumando algo em sua carroça enquanto a mulher estava sentada. Ao conversar com o homem, fui observando um pouco mais as feições da mulher 5, notei que sua cabeça estava baixa com o olhar voltado para o chão, abatido e seu corpo parecia cansado. Devido a postura de recolhimento da mulher, a interação se deu de forma breve e pouco efetiva.

Continuei o trajeto à procura das mulheres no Minhocão, quando passando por uma pilastra encontrei com a mulher 6, já próxima ao Castelinho da Rua Apa. Neste encontro com a mulher 6 tive uma abertura maior e a troca fluíu facilmente. Diante disso, neste cenário estavam envolvidos os seguintes corpos: a mulher 6 e sua amiga, a mulher 7, cinco rapazes ali deitados, o cachorro, o colchão e o papelão, as pilastras do Minhocão, a cobertura feita pela via, os ciclistas, os pedestres, os ônibus e os automóveis. Ao todo o experimento nesta situação elencada durou em torno de uma hora.

Todo o meu percurso e os encontros com as mulheres pelo baixio do Minhocão foram cartografados (Figura 30).

FIGURA 30

Percurso pelo baixio do Minhocão.



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

- Descrição da observação-participante e mudanças de potência, rastreando o afeto a partir dos vestígios:

Eles estavam na calçada do baixio do Elevado entre as suas pilastras voltados para a Praça Marechal Deodoro. A mulher 6 estava sentada na ponta de um colchão depositado no chão, com as pernas cruzadas e os joelhos dobrados junto ao seu marido que estava deitado de lado, virado para ela descansando. Ao lado deles estavam aproximadamente quatro rapazes deitados em suas camas.

Aproximei-me dela, oferecendo o pacote de absorventes, logo contei que estava pesquisando sobre as mulheres no Minhocão. Nesse momento a troca e a conversa fluíram, perguntei quanto tempo estava em situação de rua e o que achava do Minhocão, buscando sempre observar seu corpo, seus comportamentos e reações. Observei também os demais rapazes que estavam ali deitados em suas camas, eles brincavam com um cachorro, e pouco tempo depois, o cachorro se deitou no chão bem próximo a faixa da ciclovia, ficando no meio do fluxo de bicicletas que passavam ali.

Um dos rapazes demonstrou estar curioso com a minha presença no espaço, chegou a me perguntar se eu era advogada, e ao me aproximar da mulher 6, interrompeu algumas vezes minha conversa com ela. Ele estava querendo minha atenção, mas meu foco estava voltado para a mulher.

A mulher sentiu uma abertura comigo e acabou me contando muitas histórias, nesse momento senti que ela precisava de alguém que a ouvisse, que parasse e prestasse atenção nela. Ela contou que estava há cinco ou seis meses em situação de rua e que estava grávida de gêmeos. Relatou ainda que buscavam sempre manter o espaço limpo, varrendo a calçada do Minhocão, no entanto, havia muitos ratos bem ali na frente, na estátua da Praça Marechal Deodoro.

Em alguns momentos, ela tossia muito e tomava um gole de água para se hidratar, disse que quase todos os seus amigos dali estavam com problemas respiratórios como bronquite e asma, devido ao intenso fluxo de automóveis que ali passam. A mulher 7 chegou algum tempo depois, foi quando a mulher 6 comentou que eu estava estudando sobre aquele espaço, assim, perguntei para ela o que achava dali, respondendo que o Minhocão era um refúgio, principalmente da chuva.

Perguntei se ela já tinha acessado a parte de cima do Minhocão, respondeu-me que já tentou subir e que sua experiência não foi muito agradável, a olharam feio e falaram que não deveria estar ali. Comentei sobre as mulheres que iam tomar sol no Minhocão e ela não viu muito sentido nessa ação. Ela e a mulher 7 já utilizaram os banheiros químicos da parte de cima do Minhocão, mas em dias como naquele domingo, em que o espaço de cima estava fechado para as pessoas e aberto para os automóveis, elas não tinham mais acesso a essa infraestrutura.

A mulher 6, que era bastante magra, estava sentada com o corpo bem curvado, como se estivesse voltado para o chão. Do mesmo modo, o seu olhar, que em alguns momentos me fitava rapidamente, voltava-se para baixo ou ainda para frente, perdido. Ela estava sentada no colchão, com as costas curvadas para frente, parecendo estar cansada. O lugar que nos encontrávamos formava um ambiente, com o colchão, a ocupação e a pilastra do viaduto, contudo, ainda que fosse possível sentir um ambiente, era totalmente atravessado pela visão de todos, já que era totalmente aberto. Assim, na conversa, não sentia que a mulher 6 tentava se proteger ou esconder em nenhum lugar, como se ela estivesse já devastada.

Em uma leitura de sua postura e linguagem corporal, seus gestos e olhares expressavam que seus encontros com outros corpos diminuíram muito sua potência e força de existir, sendo os afetos sentidos em seu corpo extremamente negativos. Seu corpo refletia todos os encontros violentos e opressores que ela vivenciou e experimentou, suas costas e ombros estavam curvados para frente, sua cabeça estava quase sempre baixa, olhando para o chão. Ela comentou que vive com medo de estar ali vulnerável e que se sente muito oprimida.

Logo no início da troca me agachei para ouvir melhor, porque o intenso movimento dos ônibus e automóveis geravam um ruído muito alto. Em alguns momentos, cansada de permanecer agachada me levantava e continuava a conversa. Voltava a me agachar para ouvir a mulher e após um tempo, tomei a decisão de me sentar ali no chão, de frente para ela, do mesmo modo que ela estava com as pernas cruzadas. Essa minha ação refletiu como uma forma de adentrar em um território antes desconhecido e até mesmo temido por mim.

Um território urbano complexo marcado fisicamente por uma série de elementos como colchões, cobertores, papelões, muitas vezes com a presença de barracas (nesse cenário não havia barracas pois lhes foram roubadas no dia anterior em uma ação truculenta da polícia) e os pertences das pessoas guardados em sacolas e caixas. A formação desse território se dá, por um lado, por meio de limites e bordas construídos socialmente, de uma população deixada a margem na sociedade formando barreiras invisíveis, e por outro pela presença desses elementos físicos. Ali no espaço havia colchões, caixas de papelão, sacolas, cobertores e pertences das pessoas (Figura 31).

FIGURA 31

Cartografia dos corpos envolvidos na ação.



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

O ato de me sentar ali junto dela foi um processo difícil, pois envolvia estar sentada no chão sujo da calçada e de costas para o movimento da rua. Contudo, senti ser uma ação necessária para tomar a mesma posição dela frente aquele espaço público. Com esse movimento, busquei me aproximar ainda mais da mulher, tentando quebrar qualquer tipo de relação de poder que havia entre nós duas. Permaneci de frente para ela sentada no chão com as pernas e joelhos dobrados e de costas para a rua. Neste momento, percebi que nos conectamos de uma maneira mais profunda. Notei que ela e as outras pessoas ao nosso redor perceberam que eu não estava fazendo julgamentos sobre a situação deles, mas sim ouvindo atentamente o que estavam vivendo. Diante disso, o processo desse movimento foi escolhido para ser cartografado (Figura 32).

FIGURA 32

Cartografia do processo de sentar-se no chão no baixio do Minhocão.



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Uma outra situação que experienciei no baixio do Minhocão foi o momento em que a viatura da Polícia Militar passou, de modo bem devagar na frente do grupo, quase parando, encarando todos com um olhar frio e ríspido. O grupo permaneceu imóvel diante desse movimento e em silêncio, olhando de volta para os policiais. Eles comentaram que isso acontecia sempre e que era um abuso de poder. Um dos rapazes comentou que os policiais iriam achar que eu estava ali para comprar alguma droga e me disse: “se eles baterem na gente você filma”, um outro ainda comentou que aquilo “é pior que preconceito”. Senti-me muito incomodada e incrédula com aquele acontecimento, esse encontro com a viatura policial demonstrou ser uma força muito opressora que diminuiu a potência de todos ali, que permaneceram atônitos e sem reação. Essa experiência também foi cartografada. (Figura 33).

FIGURA 33

Cartografia do encontro com a viatura da Polícia no baixio do Minhocão.



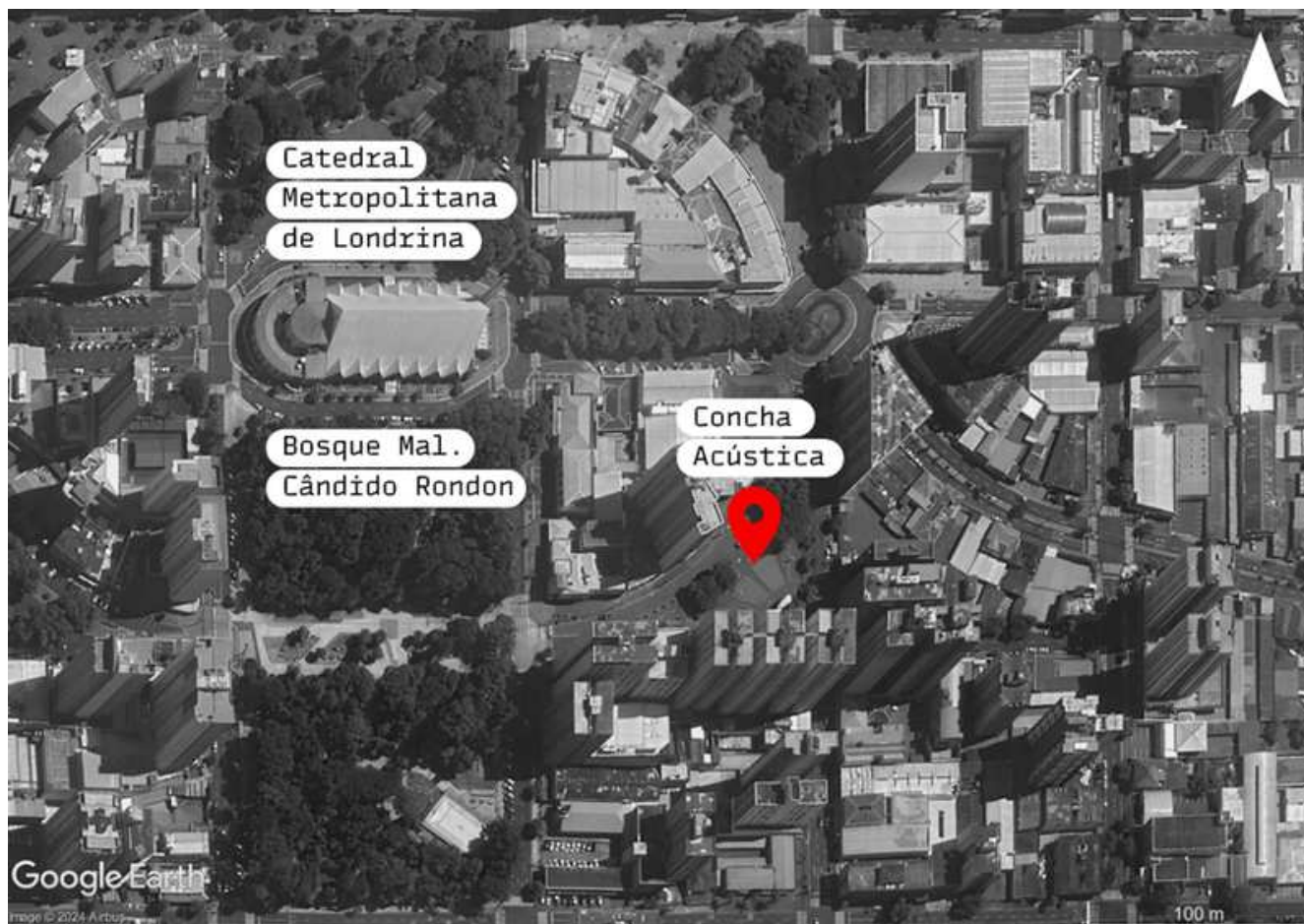
Fonte: Elaborado pela autora (2024).

4.3 MULHERES EM UM GRUPO DE OFICINA NA CONCHA ACÚSTICA (PR)

A terceira situação escolhida para aplicar o experimento diz respeito a uma apropriação de um pequeno grupo de mulheres em uma oficina de bordado realizada na Concha Acústica, um monumento público localizado no cruzamento da Rua Piauí com a Rua Souza Neves no centro histórico da cidade de Londrina (Figura 34).

FIGURA 34

Mapa de situação e localização da Concha Acústica no centro da cidade de Londrina - PR.



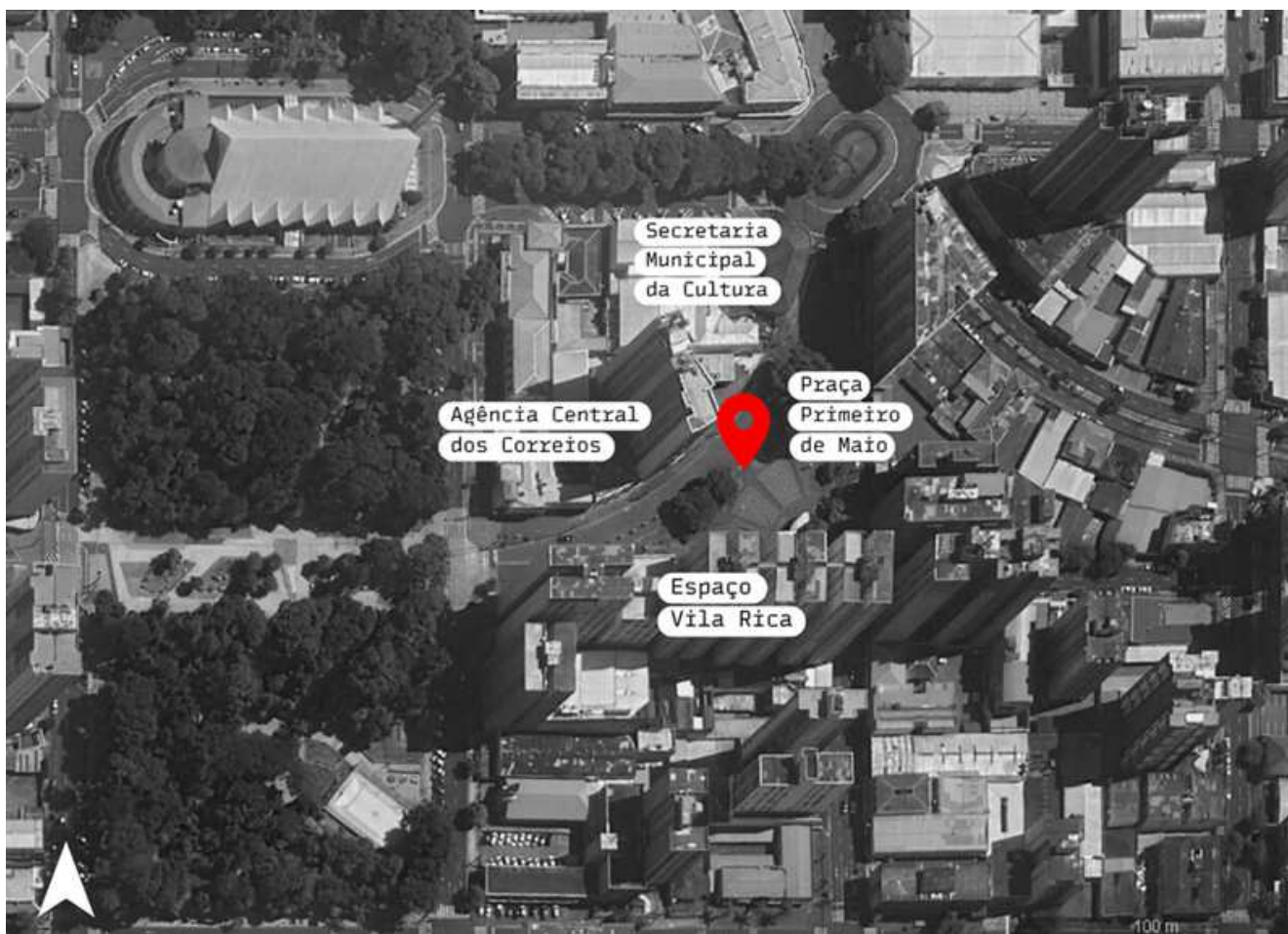
Fonte: Google Earth. Editado pela autora (2024).

O espaço da Concha Acústica é historicamente um ponto de referência para manifestações políticas e sociais, que desde a década de 1970, estudantes ocuparam a praça manifestando-se contra a Ditadura Civil Militar (1964-1985). No tempo mais atual, o espaço algumas vezes tem sido ocupado por populações marginalizadas da sociedade, pessoas em situação de rua, profissionais do sexo e usuários de droga.

Esse espaço público histórico, inaugurado em 1957, situado na praça Primeiro de Maio é rodeado por diversos patrimônios da cidade, como o Centro Comercial, a Agência Central dos Correios e Telégrafos, e a antiga Casa da Criança (atual Secretaria Municipal da Cultura) (Figura 35). Atualmente a Concha Acústica, dentro da Praça Primeiro de Maio, é um espaço público aberto voltada para usos cotidianos, culturais e de lazer.

FIGURA 35

Mapa com os edifícios no entorno da Concha Acústica de Londrina - PR.



Fonte: Google Earth. Editado pela autora (2024).

Apresenta-se, a seguir, a aplicação do experimento e a experiência incorporada da pesquisadora descritos em primeira pessoa.

QUARTA-FEIRA, DIA 13 DE MARÇO DE 2024

- Posicionalidade da pesquisadora:

Para a realização do experimento na Concha preparei o material da atividade, meu caderno de campo, os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido e as questões da entrevista semiestruturada. Fui acompanhada de dois amigos que se dispuseram a dar a oficina e realizar a filmagem do experimento. Sentia-me animada e curiosa para ver o desenrolar da atividade. Eu já conhecia e frequentava o espaço da Concha antes da aplicação do

experimento, no entanto, descobri que era desconhecido pelas participantes da oficina.

- Descrição do ambiente em “atenção flutuante” e recorte da ação e dos corpos envolvidos:

O dia estava ensolarado e muito quente, chegando a altas temperaturas com a sensação térmica passando dos 40°C. O espaço da Concha Acústica neste dia estava relativamente vazio, provavelmente por causa da alta temperatura, com poucas apropriações e usos, sem muitos movimentos (Figura 36).

FIGURA 36

Vista da Concha Acústica no dia do exercício proposto.



Fonte: Acervo da autora (2024).

Na ação estavam presentes os seguintes corpos: as duas participantes da oficina, a oficiante de bordado, o operador da filmagem (em um apartamento do edifício Centro Comercial localizado na Concha Acústica), os bancos da Praça, as árvores com suas sombras, a luz do sol e o guarda-corpo da praça. O grupo de mulheres na oficina era em partes homogêneo, composto por quatro mulheres jovens (média de 25 anos), brancas e de classe média. O experimento iniciou por volta da uma da tarde, durou em torno de uma hora e meia, com a proposta de verificar se essa ação conseguiria chamar a atenção das pessoas que passavam pelo espaço.

- Descrição da observação-participante:

Foi explicada a atividade às participantes e posteriormente apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Já a filmagem do experimento foi realizada a partir do acesso a uma das torres do edifício Centro Comercial, sinalizada na cor vermelha, com a ajuda essencial de um dos moradores do edifício (Figura 37). As participantes tinham conhecimento de que estavam sendo gravadas, entretanto, se viram tão envolvidas na oficina do bordado que não foi identificada nenhuma interferência.

FIGURA 37

Edifício Centro Comercial localizado na Praça da Concha Acústica de Londrina - PR.



Fonte: Google Earth. Editado pela autora (2024).

O primeiro movimento observado do grupo de mulheres foi a procura de uma sombra, pois o dia estava muito quente e ensolarado. O ambiente da Concha possui algumas árvores com sombras, mas pela forte sensação de calor, o grupo seguiu em direção a sombra mais próxima com alguns bancos na praça.

Apesar da aparente ausência de pessoas no espaço, havia a presença de dois homens sentados nos bancos de concreto, perto do local onde o grupo estava, além disso, uma mulher se aproximou do grupo e jogou comida para os pombos da praça, bem perto de onde estávamos.

Pouco tempo depois, os homens que estavam sentados se levantaram e foram embora, de modo que o grupo decidiu sentar-se no mesmo lugar que eles estavam. A escolha do local se deu pois, além de ter uma sombra agradável, tinha uma distribuição favorável dos bancos

da Concha para a ação da oficina, permanecendo uma de frente para outra, criando uma espécie de roda de conversa. E ainda o local era próximo de onde estávamos, sendo um pequeno percurso para uma das participantes que estava usando muletas para andar.

O grupo pareceu mais relaxado nesse novo ambiente, ainda que no primeiro tivesse mais visão do entorno imediato. Este novo espaço gerou um ambiente em plena praça. Foi perceptível que o grupo se entretinha mais com a oficina, fluindo facilmente as atividades. Os olhares do grupo voltaram-se muito mais para o bordado, sem olhares dispersos ou mais alertas com possíveis perigos. Essa sequência de movimentos é apresentada nas imagens, a seguir, retiradas da gravação de vídeo (Figura 38).

FIGURA 38

Apropriações da oficina de bordado na Concha Acústica, praça histórica no centro de Londrina - PR.





Fonte: Acervo da autora (2024).

Dessa forma, a partir da gravação em vídeo do experimento visto de cima, foi possível apresentar as participantes as situações que ocorreram durante o evento na entrevista, buscando apreender os afetos pré-conscientes da experiência vivida expressado em suas falas já conscientes.

- Mudanças de potência, rastreando o afeto a partir dos vestígios:

Dentro desse cenário, a alteração de potência captada durante a observação participante na oficina na Concha Acústica está relacionada à variação de atenção das participantes da oficina. Em um primeiro momento, os olhares das participantes ao chegarem no local estavam atentos a cada movimento da praça. Antes de iniciar a oficina do bordado, seus corpos ficaram mais agitados, especialmente com a aproximação de uma mulher que jogou comida para os pombos bem próximos do grupo.

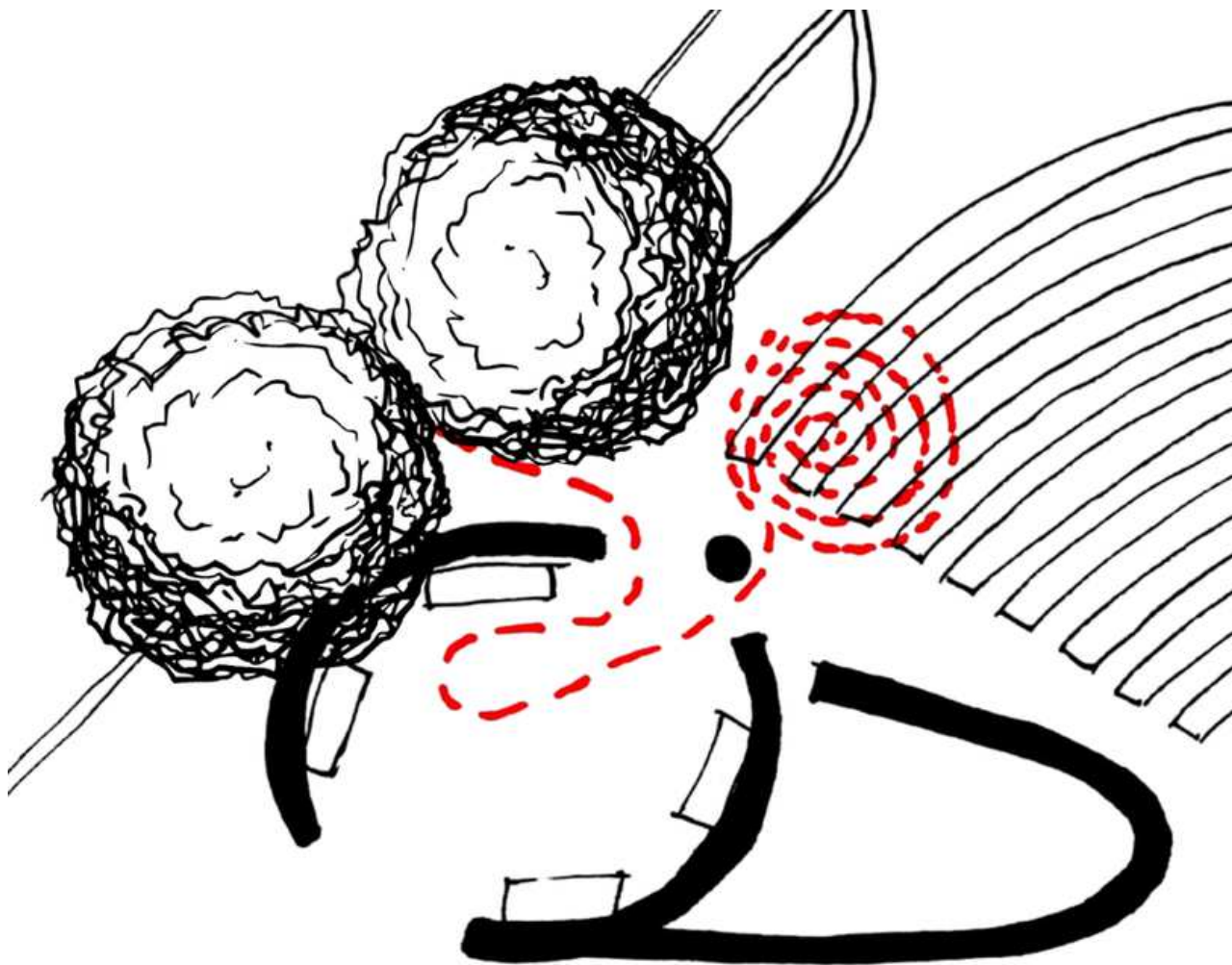
Como explicado anteriormente, esse fato levou a uma mudança do local para iniciar a oficina, assim, as participantes sentaram-se uma do lado da outra e de costas para o movimento de uma das ruas mais próximas, permanecendo de frente para a Concha Acústica. Já em um segundo momento, seus corpos estavam mais calmos com os olhares mais atentos e curiosos para a atividade do bordado. O processo dessa alteração de potência, isto é, desse afeto foi cartografado.

A partir do relato das participantes durante a entrevista, apresentou-se, em uma informação já consciente e nominada, que houve um desconforto e um sentimento de insegurança no início da atividade, associado ao fato de estarem em um espaço desconhecido, com pessoas no entorno próximo em situação de rua, e por conta do calor intenso que fazia, além de um certo receio inicial com a atividade de bordado proposta.

Essa apreensão dos vestígios dos afetos em seus corpos está em concordância com os relatos conscientes das participantes na entrevista. Esses movimentos dos corpos no espaço da Concha Acústica foram registrados por meio do esquema gráfico de uma vista em planta (Figura 39) e, a partir disso, foi produzida uma cartografia afetiva, visando rastrear os afetos que ali ocorreram através dos vestígios deixados nos encontros dos corpos (Figura 40).

FIGURA 39

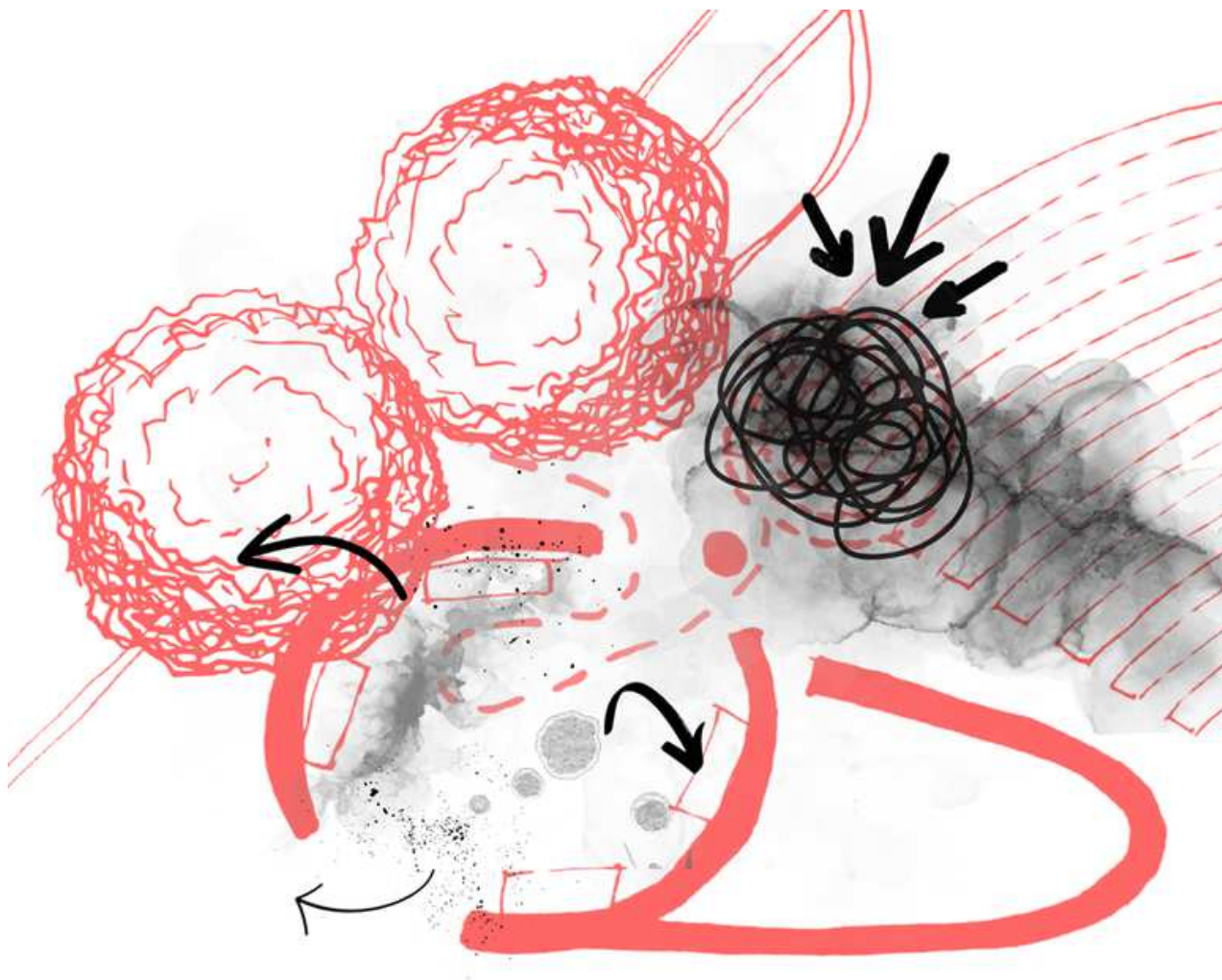
Esquema gráfico em vista superior dos movimentos do grupo na Concha Acústica.



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

FIGURA 40

Cartografia dos movimentos e afetos na Concha Acústica.



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A cartografia se empenha em expressar as mudanças que aconteceram com o grupo, em um primeiro momento, as participantes encontravam-se mais dispersas com olhares voltados para os acontecimentos da praça, atentas e mais vigilantes com as pessoas em situação que estavam no entorno. Ao longo da oficina, a atenção voltou-se para dentro do grupo, o enfoque não estava mais no espaço público, e sim para os encontros com as instruções da oficiante e com os materiais do bordado, a linha, a agulha e o tecido.

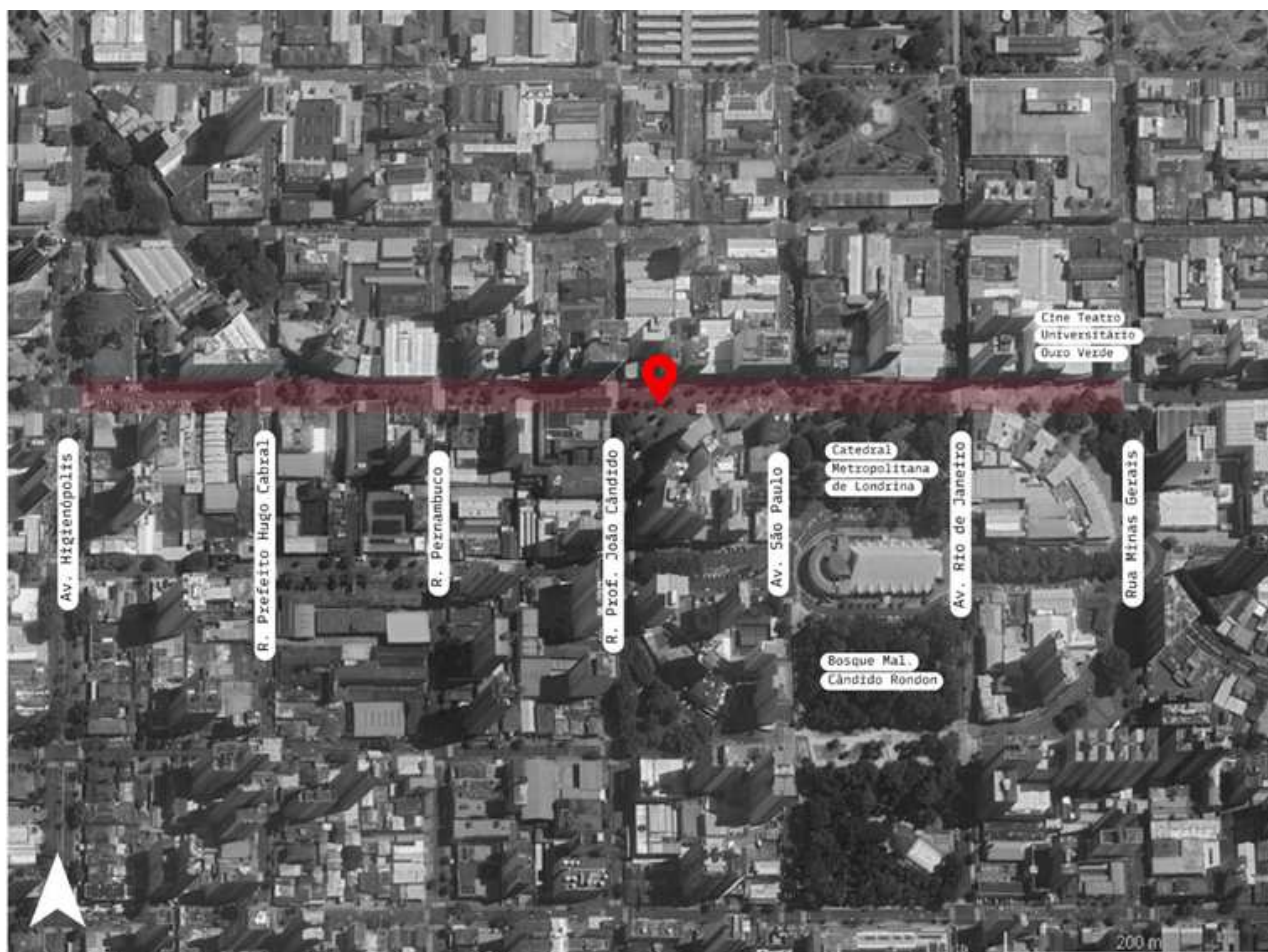
4.4 MULHER TRABALHANDO E CUIDANDO DA FILHA NO CALÇADÃO (PR)

A quarta situação escolhida para aplicar o experimento focou nas apropriações das mulheres para venda de artesanato, como “ambulantes”, no Calçadão na Avenida Paraná, localizado no centro de Londrina. Este espaço público se conformou historicamente como o principal espaço de pedestres da cidade, situado entre as ruas Prefeito Hugo Cabral e Minas Gerais, com cinco quadras de extensão e três praças integradas.

O Calçadão da Avenida Paraná, construído e inaugurado em 1977, é um espaço público dedicado ao trânsito e circulação de pedestres, aberto à entrada de pessoas em qualquer dia e horário, e apresenta um alto fluxo de pessoas com uma multiplicidade de corpos e eventos (Figura 41). Ao longo dos 650 metros de extensão, o Calçadão conta com cerca de 60 estabelecimentos comerciais e serviços que atendem a população, além de muitas edificações com escritórios e moradias.

FIGURA 41

Mapa de localização do Calçadão da Avenida Paraná no centro de Londrina - PR.



Fonte: Google Earth. Editado pela autora (2024).

Apresenta-se, a seguir, a aplicação do experimento neste recorte espacial do Calçadão da Avenida Paraná, escrito em primeira pessoa, na qual está narrada a experiência vivida pela pesquisadora.

QUINTA E SEXTA-FEIRA, DIAS 15 E 16 DE AGOSTO DE 2024

- Posicionalidade da pesquisadora:

Para o experimento no espaço público do Calçadão, utilizei os instrumentos da observação participante, caderno de campo e registros fotográficos e a entrevista semiestruturada. Levei o material que incluía o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e as questões norteadoras para a entrevista e fui animada, aberta e curiosa para os encontros e descobertas que teria no espaço. Já conheço e frequento o Calçadão diariamente, pois moro na proximidade, então o caminhar foi leve e tranquilo. Apesar de já ter algum conhecimento do espaço anterior ao experimento, busquei deixar meu corpo livre de preconceções para assim entrar no modo-campo, caminhando à deriva e me deixando levar ao que me despertava curiosidade.

- Descrição do ambiente em “atenção flutuante”:

No período da tarde realizei os primeiros levantamentos do recorte espacial do experimento. O tempo estava ensolarado, quente e seco, com altas temperaturas (aproximadamente 36°). Em campo observei diversos movimentos ao longo da extensão do calçadão, as pessoas andando e utilizando os serviços e lojas do centro da cidade, outras vendendo produtos: chips de celular, artes de rua e artesanato, plantas, barracas com alimentos diversos, doces caseiros etc.

Segui caminhando e me deixando levar pelo que chamava a minha atenção, e dessa forma, percebi a presença de mulheres sentadas em frente a uma loja, fumando cigarro e conversando, outras mulheres vendedoras descansando nos bancos no intervalo do trabalho. Notei também uma mulher e um homem, juntos de sua filha, vendendo seus artesanatos postos em um tapete no chão do calçadão, com diversas pessoas sentadas nos bancos do calçadão conversando ao redor (Figura 42).

FIGURA 42

Mulheres se apropriando do espaço público no Calçadão da Avenida Paraná em Londrina (PR).



Fonte: Acervo da autora (2024).

Neste primeiro movimento em campo, registrei os maiores pontos de potências e permanências das mulheres comerciantes do Calçadão (Figura 43). Após reconhecer as singularidades do espaço, retornei em um outro momento para aplicar o experimento em um caso que me chamou a atenção: uma mulher vendendo suas artes e cuidando, ao mesmo tempo, de sua filha no Calçadão.

FIGURA 43

Cartografia preliminar do Calçadão no centro de Londrina (PR).



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

TERÇA-FEIRA, DIA 10 DE SETEMBRO DE 2024

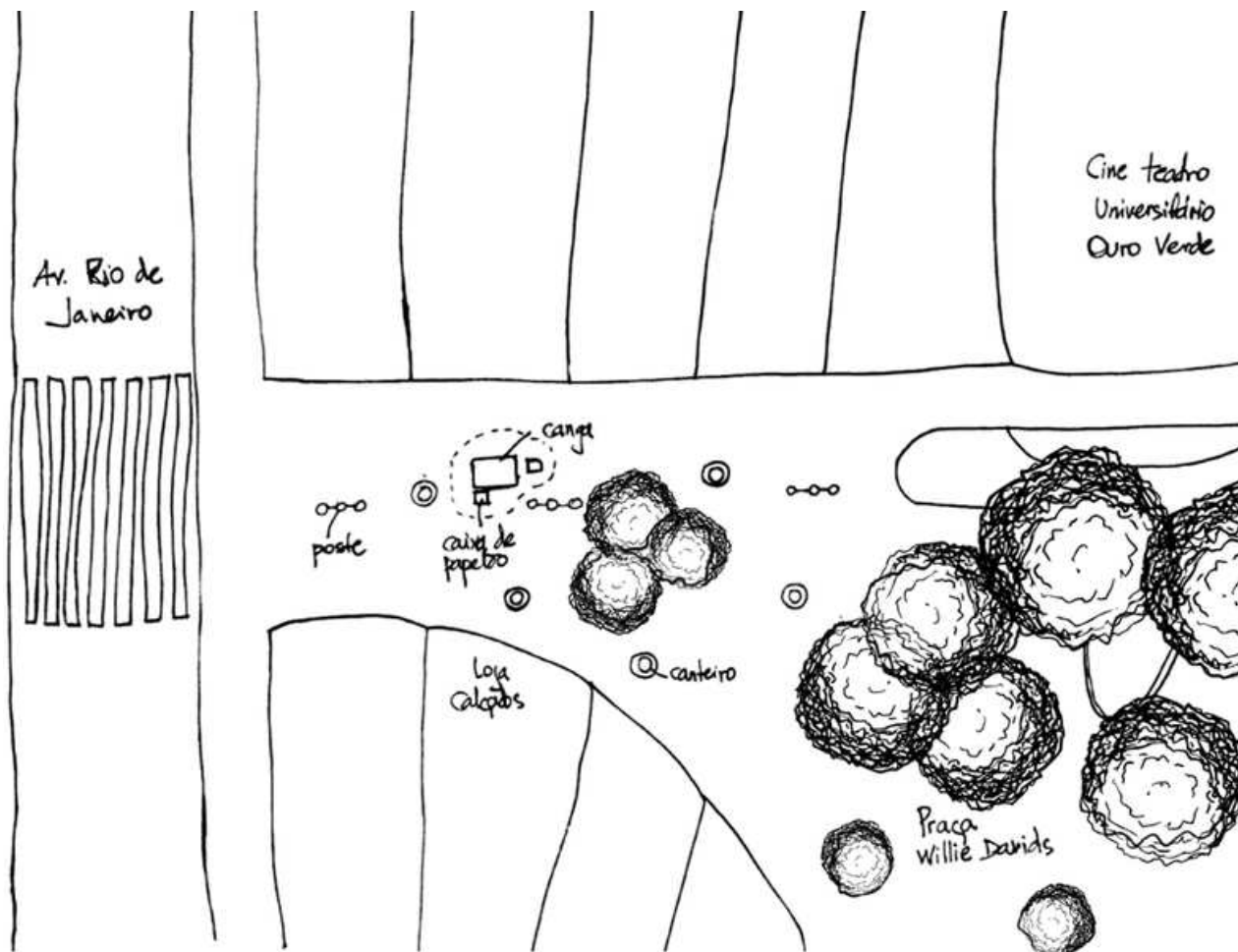
- Recorte da ação e dos corpos envolvidos:

Em uma nova ida a campo neste espaço diversificado e intenso, já com a área de aplicação definida, voltei minha atenção para a apropriação de uma mulher comerciante específica.

Dessa forma, o recorte dessa ação envolve uma mulher, um homem e uma criança que estão situados no Calçadão na frente de uma loja de calçados, localizada próximo à Avenida Rio de Janeiro na quadra do Cine Teatro Universitário Ouro Verde (Figura 44).

FIGURA 44

Esquema gráfico dos corpos envolvidos na ação no Calçadão de Londrina.



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Este cenário foi escolhido pois envolve a ação da mulher 8 na ação de trabalho em espaço público aberto, que, ao mesmo tempo, cuidava de sua filha pequena de três anos de idade. Isto posto, os corpos presentes nesta ação são: a mulher (8) comerciante, seu marido e sua filha, a canga utilizada como mesa para exposição das artes, as caixas de papelão, o chão do calçadão, a luz do sol e os edifícios com suas sombras projetadas e as pessoas circulando pelo espaço.

- Descrição da observação-participante e mudanças de potência, rastreando o afeto a partir dos vestígios:

Em um primeiro momento, sentei-me em um canteiro de árvore para observar de longe os movimentos e as reações da mulher.

Notei que ela estava sentada no chão com o corpo virado para a Av. Rio de Janeiro, de um lado estava seu marido sentado com o corpo virado no sentido oposto, para o edifício do Teatro Ouro Verde, do outro estava sua filha em pé brincando usando uma caixa de papelão como mesa. Ali observei o movimentos que passavam ao lado da mulher: os pedestres, ciclistas e até um homem andando de patinete. No entanto, a mulher não pareceu esboçar grandes reações, como se já estivesse acostumada com tais movimentos do centro da cidade.

Uma outra situação captada foi a passagem da viatura da Guarda Civil no calçadão, bem na frente de onde eles estavam.

A mulher 8, de costas para o automóvel, virou sua cabeça para trás e logo depois voltou sua atenção para a filha, também parecendo ser uma situação corriqueira. Depois de um tempo, decidi passar pelo local e notei que ela estava comendo sentada em um pedaço de papelão. Caminhei pelo calçadão e logo retornei. Ao passar na frente de onde eles estavam, ela me chamou, falando que tinha gostado da minha bolsa da Frida Kahlo.

Aproveitei do gancho e me aproximei, fiquei curiosa para ver os seus produtos artesanais e tomei a posição de compradora. Rapidamente interagi com a sua filha de três anos que estava bem agitada, pois viu a mãe de máscara e queria usar uma também. Brinquei com ela e fui conversando com a mulher comerciante, que me apresentou os produtos de arte e artesanato que vendia.

Durante essa interação com a mulher, o homem e a criança, pude observar os movimentos da comerciante que, ao mesmo tempo, trabalha neste espaço público e cuidava de sua filha pequena. Enquanto o homem me contava algumas histórias de suas vivências do calçadão, espaço que frequenta há 12 anos, a criança estava desenhando e pintando uma árvore e a chuva em uma cartolina em cima da mesa improvisada, a caixa de papelão. A mulher 8 estava brincando com a criança, ouvindo as histórias do homem e mexendo em suas coisas, até que em um momento a filha muito agitada pediu uma máscara para a mãe. Ela falou para a filha que iria buscar a máscara, a pegou no colo e seguiu até alguma loja do calçadão.

Pouco tempo depois elas retornaram sem uma nova máscara, permaneci ali conversando com o rapaz que me contava muitas histórias, até que em um momento falei com a mulher sobre a entrevista e apresentei o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A mulher

se sentou em cima de um papelão para ler o termo com calma, enquanto a criança foi até ela a chamando para brincar. Ela respondeu que precisava dar uma atenção para o meu trabalho e nesse momento chamei a filha para brincarmos com a tinta. Após aceitar a participar, iniciei a conversa, em um primeiro momento estando de pé e ela sentada, depois pedi para me sentar ao seu lado. A mulher 8 pegou um pedaço de papelão para me sentar no chão do Calçadão e seguimos a entrevista, buscando criar uma troca, em uma conversa aberta.

O espaço que a mulher 8 ocupava possuía grande visibilidade, no meio de uma quadra, com uma praça à frente. De qualquer modo, sentada ao solo, sua visibilidade parecia mais dificultada, além das suas preocupações com seus produtos e os possíveis clientes que passam a sua frente. Diante das formas como a mulher 8 dirigia sua visão, com mais ou menos tensão ou velocidade, foi possível explorar uma ideia de gradações de territórios.

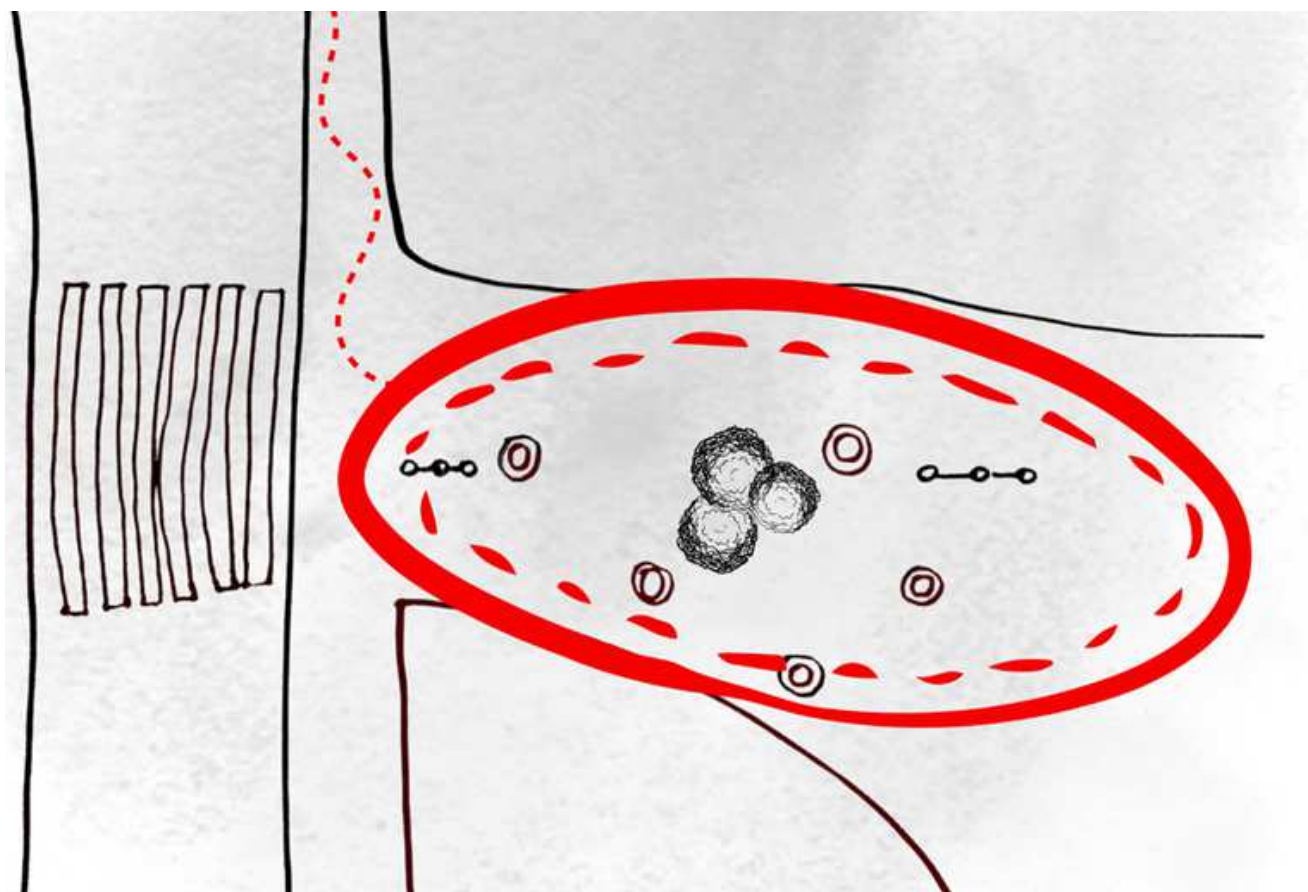
Observei que a menina circulava com certa facilidade no raio de 10 metros ao redor dela, marcado pelos outros vendedores, pela escadaria do Teatro e pelas bordas da praça. Entretanto, após essa primeira limitação do território, percebi que a sensação de alerta aumenta, gerando preocupações na mãe. Por fim, mais próximo às esquinas, onde a visão da mulher já não consegue alcançar, foi o momento que ela não conseguiu disfarçar, interrompendo-me e solicitando ao pai, o homem que estava ali com ela, acompanhar a filha, porém ele relutou e não foi. Nesse momento, a filha saiu sozinha caminhando pelo calçadão, como estava acostumada a fazer, no entanto, a criança foi até a esquina, descendo a rua e saindo do ponto de visão da mãe.

Ela então comentou que costuma deixar a filha andar sozinha pelo calçadão, fazendo amizades com os comerciantes locais, mas que sempre está vendo e observando ela de longe. Nessa situação, a mulher 8 não conseguia mais visualizar, daquele ponto, onde a filha iria sozinha, demonstrando-se preocupada e mais tensa. Depois que a filha voltou com a água de coco na mão a mulher demonstrou-se mais tranquila.

Este acontecimento me chamou a atenção, pois o movimento da criança pareceu atingir uma borda ou um limite de um território permitido de se caminhar sozinha, no entanto a mulher 8, mesmo aflita com a situação, deixou a criança ir. E ao ver a filha voltar sã e salva, sua potência alterou novamente. Este cenário de afetos e movimentos do corpo-território da mulher que trabalha e cuida de sua filha no Calçadão foi escolhido para ser cartografado (Figura 45 e 46).

FIGURA 45

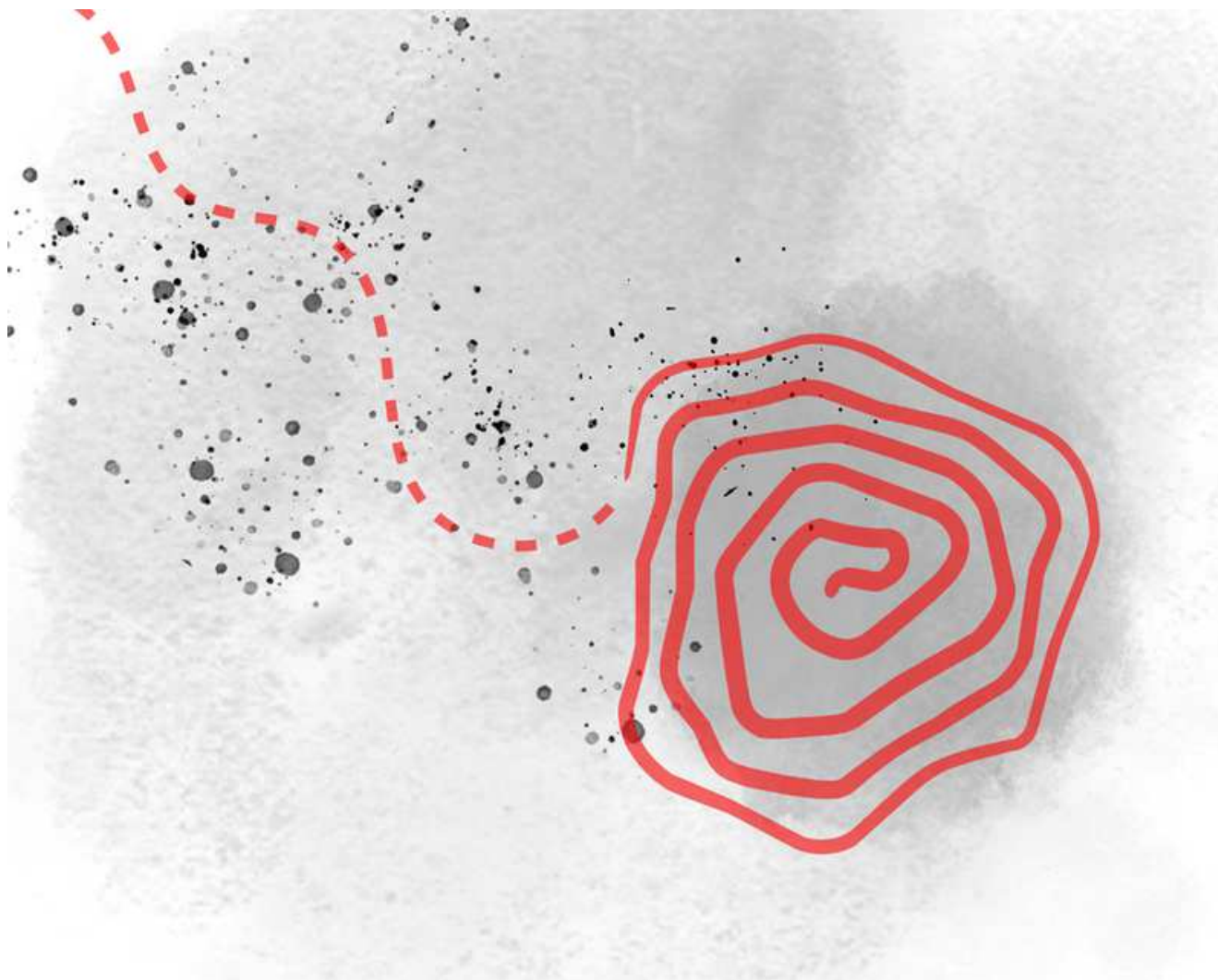
Cartografia do corpo-território da mulher e da criança no Calçadão de Londrina.



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

FIGURA 46

Cartografia afetiva da mulher cuidando da filha no Calçadão de Londrina.



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Abaixo apresentam-se dados obtidos na entrevista, já no nível consciente, sobre a relação dessa mulher com o espaço público do Calçadão:

A mulher 8, durante a conversa da entrevista, comentou que costuma deixar a sua filha livre para andar e caminhar nesse recorte do calçadão onde eles permanecem, de maneira que pode observar de longe. Muitas vezes ela ouve as pessoas interagindo com a sua filha e perguntando “onde está a sua mãe?” e ela disse que permanece de longe sempre observando. Contudo, não observou nada sobre os limites pensados, além da própria vista dela.

Em um outro ponto, levanta que estar neste espaço aberto expondo a sua arte é um modo de também se expor, o que gera uma certa vulnerabilidade, e que em certos momentos isso pode levá-la a ser uma pessoa agressiva, com pouca comunicação, como um instrumento de defesa. Nos momentos que ela está sozinha com a filha, sente vontade de sair correndo, mas faz questão de falar e explicar que está ali trabalhando. Ela frisou que, ao chegar ali com a filha e sem o marido, gosta de quebrar essa ilusão de ser uma mulher e uma criança vulneráveis. Questionei também, ao passar a viatura da Guarda Civil, como era a relação deles com os agentes policiais e ela contou que até hoje eles não foram hostis com sua família.

4.5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A partir dos resultados expostos anteriormente, propõe-se, a seguir, a discussão destes obtidos no experimento frente ao cruzamento com a fundamentação teórica revisada e sistematizada. Desse modo, retoma-se os dois quadros sínteses (Quadros 1 e 3), agora de forma ainda mais resumida, considerados nessa pesquisa como um tipo de resultado, para posicionar reflexivamente os dados gerados pelo experimento (Quadro 4).

QUADRO 4

Discussão dos resultados e cruzamento com o embasamento teórico.

SÍNTESE DA DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

TEMA			DADOS DOS EXPERIMENTO			
CRÍTICA AO UNIUIERSAL E A GENERALIZAÇÃO/ PARTICULARIZAÇÃO DOS CORPOS	CRÍTICA FEMINISTA	CARTOGRAFIA DO AFETO	(1) MULHERES TOMANDO SOL NO PARQUE MINHOÇÃO (SP)	(2) MULHERES EM SITUAÇÃO DE RUA NO BAIHIO DO MINHOÇÃO (SP)	(3) GRUPO DE MULHERES EM OFICINA NA CONCHA ACÚSTICA (PR)	(4) MULHER TRABALHANDO E CUIDANDO DA FILHA NO CALÇADÃO (PR)
	Crítica às abordagens universalizantes que não olham para as especificidades (Haraway, 1988; Harding, 1986). O conhecimento precisa ser visto pela sua particularidade. Sobre põe diferentes camadas (recortes de gênero, classe, raça etc.) que particulariza corpos, no entanto não os padroniza, não os identifica nem personaliza estes corpos.	A cartografia afetiva valoriza a inter-relação de corpos frente à expressão individual (transpessoal). Desse modo a particularização não é pensada em camadas (recortes de gênero, classe, raça etc.), mas sim, nas relações entre corpos. Desse modo, alguém será individualizada nas relações que produz naquele momento.	A aplicação na situação (1) ajuda a demonstrar a variação de situações das mulheres tomando sol. Nesse sentido, a mulher 2 e 3 que apresentaram uma forma de construção de corpo-território, cessando formas de comunicação (e inibindo a pesquisadora), poderiam em situação diversa se apresentarem mais próximas a mulher 1, que se mostrou comunicativa. Esses casos não seriam definidos, por exemplo, somente pelos recortes de gênero, raça ou classe. Por outro lado, somente a cartografia afetiva, sem cruzar com outras formas de geração de dados, parece menos capaz de entender padrões mais amplos. Algo semelhante, e mais fácil de ilustrar, aconteceu na situação (2), onde a própria pesquisadora, categorizável em certas camadas, mudou de comportamento e potência no decorrer do experimento. Demonstrando como as relações podem interferir, além das camadas, na forma como as pessoas se comportam. Por fim, na situação (4), a mulher 8 poderá se comportar e ampliar o que considera território seguro para sua filha, dependendo dos corpos presentes na localidade. Por exemplo, um ambiente mais povoado pode aumentar sua insegurança e diminuir o território, ou mesmo, um dia após a chuva, com o piso molhado, pode alterar a sua potência. Dessa forma, a cartografia afetiva coloca-se como interpessoal, sendo, portanto, importante a relação entre os corpos e a sobreposição de informações como gênero, raça, classe social, sexualidade etc. para ajudar a entender padrões, como também, alertar que não são por si só suficientes.			

SÍNTESE DA DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

TEMA			DADOS DOS EXPERIMENTO			
CORPO	CRÍTICA FEMINISTA	CARTOGRAFIA DO AFETO	(1) MULHERES TOMANDO SOL NO PARQUE MINHOÇÃO (SP)	(2) MULHERES EM SITUAÇÃO DE RUA NO BAIHIO DO MINHOÇÃO (SP)	(3) GRUPO DE MULHERES EM OFICINA NA CONCHA ACÚSTICA (PR)	(4) MULHER TRABALHANDO E CUIDANDO DA FILHA NO CALÇADÃO (PR)
	Crítica ao corpo sem localização ou escala. Em favor dos corpos e experiências corporificadas e afetivas (D’ignazio; Klein, 2016). O corpo é situado (Haraway, 1988; Harding, 1986), demonstrando parcialidades e subjetividades. Tal particularidade passa necessariamente pela ideia de corpo, que vai além do limite biológico.	O afeto está ligado à produção de capacidade de um corpo, a sua potência de atuação. Como dito, afeto é transpessoal, ele não reside em um sujeito, corpo ou signo, ele está entre os corpos, fluindo entre eles, conectando e aproximando corpos (Anderson, 2006; Massumi, 2002; Pile, 2010). É rastreado indiretamente pelos efeitos ou vestígios presentes na materialidade dos corpos, por suas formas de expressão, reações e ritmos (Andrews, 2014; Thrift, 2004).	Deve-se observar a importância do conhecimento incorporado, que se revela exatamente no já citado encontro entre corpos e relações. Nas aplicações em geral coube a pesquisadora observadora ter muita atenção as pequenas modificações corporais e comportamentais. Por exemplo, os olhares das participantes na situação (3), que ao chegarem no local haviam detectado um grupo de moradores de rua, ou ainda, a mudança de atenção da mãe na situação (4) quando percebeu que a filha estava já muito distante. Outro ponto relevante, é que o corpo individual, como na situação (1) é distinto do corpo/grupo da situação (3), do mesmo modo como esses territorializam o espaço. Trata-se de corpos e afetos que demandam treinamento e prática para rastrear. Deve-se observar que na experiência (3) foi utilizada a filmagem, justamente para poder captar tais alterações, contudo, com o objetivo de não influenciar o comportamento dos investigados, foi locada de modo mais distante, não ajudando a captar tais transformações. De outro lado, como na experiência (2), as explorações com o próprio corpo ajudam a pensar e sentir as situações espaciais.			

SÍNTESE DA DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

TEMA			DADOS DOS EXPERIMENTO			
	CRÍTICA FEMINISTA	CARTOGRAFIA DO AFETO	(1) MULHERES TOMANDO SOL NO PARQUE MINHOCÃO (SP)	(2) MULHERES EM SITUAÇÃO DE RUA NO BAIXIO DO MINHOCÃO (SP)	(3) GRUPO DE MULHERES EM OFICINA NA CONCHA ACÚSTICA (PR)	(4) MULHER TRABALHANDO E CUIDANDO DA FILHA NO CALÇADÃO (PR)
	Crítica a ausência de reflexão sobre a posição e a relação de poder do cartógrafo e do cartografado (Kelly; Bosse, 2022). Reconhece as influências pessoais e interpessoais da pesquisadora, em busca de possíveis privilégios e apagamentos (England, 1994; Mohanty, 1988, 2003).	Um modo cartografar que tem “a implicação do autor, artista, pesquisador, cartógrafo” (Mairesse, 2003, p. 259). Acompanha subjetividades (Passos et al, 2009) e registra o processo da experiência, captando a realidade por meio das sensações.	Reconhece-se relações de poder e influências pessoais da pesquisadora em todos os casos encontrados, em graus e intensidades distintas. Pois sendo uma mulher branca de classe média já delimita uma certa experiência nesses espaços públicos, que ocorre de forma muito diferente de uma mulher preta ou de uma mulher de baixa renda. Diante disso, o experimento buscou abranger diferentes situações dando espaço para uma multiplicidade de eventos e fenômenos nas experiências das mulheres nos espaços públicos, ouvindo aquelas que são frequentemente silenciadas, como mulheres pretas (caso 2), indígenas (caso 4) e de classes sociais distintas. A busca por uma compreensão mais profunda das experiências de mulheres em espaços públicos, deve sempre passar pelo processo reflexivo, considerando privilégios e apagamentos. Tanto na situação 1 como na situação 2, ambas no recorte espacial do Minhocão, tornou-se evidente a contradição desse elemento urbano e seu impacto para a cidade gerando privilégios e apagamentos. O Elevado é um espaço público na cidade, mas seu acesso é controlado (reproduzindo privilégios e apagamentos, ditando quem pode ou não subir) e estas dinâmicas temporais, com a criação de um parque urbano artificial e sazonal controlam, de certo modo, a gentrificação do espaço. Por um lado, as mulheres que estão em cima no Parque Minhocão estão em uma posição para ver e serem vistas, enquanto as mulheres na parte debaixo, em vulnerabilidade social, são deixadas a margem, esquecidas. Na situação 2, por exemplo, a dificuldade enfrentada no primeiro trajeto no baixio do Elevado, reproduziu apagamentos. Já as diferenças sociais, raciais e econômicas com a mulher 6, também na situação 2, demonstrou uma série de privilégios da pesquisadora, assim como na situação 3, diante de um grupo de mulheres mais homogêneo (mulheres brancas, jovens e de classe média) que potencialmente gerou apagamentos em relação a população em situação de rua.			

REFLEXIVIDADE

SÍNTESE DA DISCUSSÃO DOS RESULTADOS						
TEMA			DADOS DOS EXPERIMENTO			
POSICIONALIDADE	CRÍTICA FEMINISTA	CARTOGRAFIA DO AFETO	(1) MULHERES TOMANDO SOL NO PARQUE MINHOCÃO (SP)	(2) MULHERES EM SITUAÇÃO DE RUA NO BAIHIO DO MINHOCÃO (SP)	(3) GRUPO DE MULHERES EM OFICINA NA CONCHA ACÚSTICA (PR)	(4) MULHER TRABALHANDO E CUIDANDO DA FILHA NO CALÇADÃO (PR)
	Reflete e desafia estruturas de poder exigindo mudanças coletivas (Kelly; Bosse, 2022). A posicionalidade particular do indivíduo fornece uma perspectiva única da sua experiência e subjetividades (Haraway, 1988).	Destaca as posições e os encontros afetivos entre os corpos, que demarcam relações de poder.	As relações de poder dependem diretamente de qual posição o corpo se encontra. Algo que pode ser observado em diversas situações, como no caso (2), quando o carro da polícia se aproximou das mulheres, que foi sentido de um modo diferente como no caso (4). Ainda que fossem ambientes e escalas diferentes, que devem ser consideradas, as posições das duas mulheres também eram distintas, o que provavelmente impactou nas afecções. São identificadas certas nuances das relações de poder entre os gêneros, como no caso 2, nos momentos de interferência dos rapazes na conversa da pesquisadora com a mulher. Já no caso 4, a relação de poder entre o homem e a mulher se estabelece, quando o pai nega ir atrás da filha, afirmando, mesmo que de forma não consciente, que a responsabilidade do cuidado da criança é da mulher. Aponta-se que para entender a posicionalidade na cartografia afetiva é fundamental cruzar com outros tipos de informação (como os recortes de gênero, raça e etc.). Por outro lado, a sensibilidade desse tipo de cartografia pode colaborar em compreender nuances que não seriam registradas por instrumentos mais convencionais.			

SÍNTESE DA DISCUSSÃO DOS RESULTADOS						
TEMA			DADOS DOS EXPERIMENTO			
	CRÍTICA FEMINISTA	CARTOGRAFIA DO AFETO	(1) MULHERES TOMANDO SOL NO PARQUE MINHOÇÃO (SP)	(2) MULHERES EM SITUAÇÃO DE RUA NO BAIHIO DO MINHOÇÃO (SP)	(3) GRUPO DE MULHERES EM OFICINA NA CONCHA ACÚSTICA (PR)	(4) MULHER TRABALHANDO E CUIDANDO DA FILHA NO CALÇADÃO (PR)
	Crítica o apagamento da noção de opressões cruzadas (Collins, 2015; Crenshaw, 1989). Deve-se cruzar questões como raça, classe, gênero e sistemas semelhantes de poder, pois são interdependentes e mutuamente construídos (Collins, 2019).	Valoriza a inter-relação de corpos ao invés da expressão individual. A intersecção entre corpos demarca relações de territórios e poderes. Contudo não considera categorias específicas de opressões de corpos.	A interseccionalidade parece ser uma característica inerente à cartografia afetiva, no sentido, que ela trata do encontro entre corpos. Contudo, a abordagem nesse tipo de cartografia não se prende a questões de gênero, raça, classe e etc.; o que pode ajudar a entender outros aspectos dos fenômenos que estão fora ou entre categorias. Na situação (2), a intersecção da pesquisadora com uma antropóloga urbana, junto a sua experiência, potencializou novos encontros. Por um lado, poderia ser utilizada as categorias para explicar tal fenômeno, de modo a pensar nas aproximações, entre pesquisadora e antropóloga, pela semelhança de classe social, gênero e nível de formação. Entretanto, não se pode evitar apontar que estímulos, como o interesse intelectual e o carisma que afetaram além ou entre as categorias. A pesquisadora que enfrentou o baixio da primeira e segunda vez não era a mesma pessoa.			

INTERSECCIONALIDADE

SÍNTESE DA DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

TEMA			DADOS DOS EXPERIMENTO			
DIFERENÇA	CRÍTICA FEMINISTA	CARTOGRAFIA DO AFETO	(1) MULHERES TOMANDO SOL NO PARQUE MINHOÇÃO (SP)	(2) MULHERES EM SITUAÇÃO DE RUA NO BAIXIO DO MINHOÇÃO (SP)	(3) GRUPO DE MULHERES EM OFICINA NA CONCHA ACÚSTICA (PR)	(4) MULHER TRABALHANDO E CUIDANDO DA FILHA NO CALÇADÃO (PR)
	O empoderamento, a opressão e a exclusão operam por meio de regimes de diferença e o espaço e o lugar estão implicados nos processos estruturais e nas práticas cotidianas que constituem marginalidade e diferença (Nagar, 2004; Staeheli; Kofman, 2004).	Valoriza a dimensão múltipla das ações, interações e acontecimentos cotidianos (Anderson; Harrison, 2010) ao invés da dimensão representacional e significativa dominante. Destaca diferenças e manifesta-se por multiplicidades, logo pode conter ambiguidades.	A diferença parece ser entendida, nessas duas abordagens, com algumas variações sutis. Ambos entendem o regime de diferença como algo que implica poder, contudo, na visão feminista, a diferença na sociedade resulta na produção e reprodução de preconceitos e discriminação. Por outro lado, para a leitura do afeto qualquer potência (alegria ou tristeza) advém de diferenças. Assim, a diferença de vivência no tema entre a antropóloga e a pesquisadora foi fundamental, na situação (2), para o aumento de potência (positivo), contudo na mesma situação, a diferença social entre a pesquisadora e os ocupantes do baixio foi, naquele momento, um fator de diminuição de potência. No geral, a cartografia afetiva parece poder contribuir com uma sensibilidade maior para as diferenças, de modo a proporcionar maior reflexão sobre o tema.			

SÍNTESE DA DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

TEMA			DADOS DOS EXPERIMENTO			
ESCALA	CRÍTICA FEMINISTA	CARTOGRAFIA DO AFETO	(1) MULHERES TOMANDO SOL NO PARQUE MINHOCÃO (SP)	(2) MULHERES EM SITUAÇÃO DE RUA NO BAIHIO DO MINHOCÃO (SP)	(3) GRUPO DE MULHERES EM OFICINA NA CONCHA ACÚSTICA (PR)	(4) MULHER TRABALHANDO E CUIDANDO DA FILHA NO CALÇADÃO (PR)
	Destaca a importância do local, de espaços específicos e da experiência cotidiana. Valoriza a escala do lar e do corpo na construção do político (Massey, 1994), usados como formas de controle, símbolo de nacionalidade e resistência (Staheli; Kofman, 2004).	Considera a microescala, do corpo afetado e afetante e a escala dos acontecimentos cotidianos. Além das variedades das escalas de atenção que fazem parte do trabalho do cartógrafo, voltando a percepção para o reconhecimento atento, e destacando as singularidades do território (Kastrup, 2009).	O experimento buscou contemplar diferentes escalas (de tamanho de cidade, de quantidade de pessoas etc.), justamente para buscar entender situações diversas. No entanto, mesmo que a situação (2) se encontrasse na maior cidade do Brasil, com um movimento enorme de veículos, em algum momento, o foco voltou-se para a situação entre a pesquisadora e a mulher 6. O fenômeno acabou sendo voltado à escala pessoal e íntima, como o movimento da pesquisadora em sentar-se no chão. Parece, ao menos com a abordagem realizada nesta pesquisa, que a cartografia afetiva possui uma vocação para pequenas escalas do acontecimento, voltados para momentos bastante específicos e pessoais. Dessa forma, ajuda a trazer outras perspectivas, mas talvez tenha vocações para situações específicas (como ambientes domésticos).			

SÍNTESE DA DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

TEMA			DADOS DOS EXPERIMENTO			
BORDA E LIMITE	CRÍTICA FEMINISTA	CARTOGRAFIA DO AFETO	(1) MULHERES TOMANDO SOL NO PARQUE MINHOCÃO (SP)	(2) MULHERES EM SITUAÇÃO DE RUA NO BAIXIO DO MINHOCÃO (SP)	(3) GRUPO DE MULHERES EM OFICINA NA CONCHA ACÚSTICA (PR)	(4) MULHER TRABALHANDO E CUIDANDO DA FILHA NO CALÇADÃO (PR)
	O território e as fronteiras, com bordas e limites, são construções sociopolíticas que dependem de relações de poder de gênero que operam na variedade de locais e escalas (Wastl-Water; Staeheli, 2004).	As relações entre corpos constroem territórios complexos e heterogêneos que se envolvem em um jogo de poder e afeto (Mairesse, 2003).	A leitura de bordas e limites aplicados no experimento constroem uma ideia de corpo-território, social, político e afetivo. O parâmetro das bordas é desafiado e reconfigurado, alterando definições do que é considerado central ou marginal dentro de um espaço. Assim, no experimento como um todo, as experiências e vozes de diferentes grupos de mulheres são colocadas em primeiro plano. Os limites, por sua vez, são fronteiras que traçam o que é incluído ou excluído nas narrativas cartografias, sendo o próprio conceito de corpo definido por limites que extrapolam e transbordam o espaço. Dessa forma, constrói-se a ideia de corpo-território que surge da intersecção do corpo com o espaço e os seus afetos experienciados, em uma relação intrínseca entre a identidade do corpo e os territórios habitados. No caso 1, os corpos das mulheres que tomam sol no Minhocão, junto de outros tipos de corpos, como o guard-rail, o gradil de metal, as cadeiras de praia e os guarda-sóis, produzem limites de territórios que abrigam suas experiências individuais e coletivas e refletem as relações sociais e culturais que moldam suas subjetividades. Logo, esses corpos-territórios produzem afetos e relações de poder que podem, por exemplo, inibir (ou não) a aproximação de outras pessoas, criando um tipo de proteção contra possíveis perturbações e assédios. No caso 2, os elementos das pessoas em situação de rua no baixio do Minhocão, como colchões, caixas de papelão, sacolas e cobertores, criaram limites como verdadeiras barreiras desses territórios, que afetaram e acabaram por afastar a pesquisadora, em um primeiro momento, sem conseguir adentrar este espaço. Já no caso 3, o local escolhido para realizar a atividade da oficina criou um tipo de corpo-território coletivo, definindo limites e bordas que inibiram a aproximação de outras pessoas na Concha Acústica. Por fim no caso 4, os limites e bordas do território permitido para a criança percorrer sozinha no Calçadão foram questionados ao saírem do campo de visão da mulher 8. Ainda fica claro neste caso, a definição de relações de poder entre a mulher e o homem, uma vez que cabe somente a mãe a tarefa naquele momento de olhar a filha. Portanto, as bordas e os limites que definem territórios ou linhas de proibição são extremamente importantes e estão relacionadas com o sentido de poder.			

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

5 CONCLUSÃO

A presente pesquisa traçou uma investigação sobre o método cartográfico afetivo cruzando com abordagens de cartografias feministas. Para tal, foi realizado um quadro síntese para cada uma delas a partir do levantamento bibliográfico. Em seguida, adotou-se quatro casos/situações em espaços públicos diferentes para a aplicação do experimento, com populações e mulheres em distintas posições: mulheres sozinhas e em grupo, mulheres em situação de vulnerabilidade social e mulheres como uma mãe com sua filha. Após a aplicação do experimento, foram realizadas cartografias afetivas de cada uma das situações encontradas e a discussão dos resultados da pesquisa. Com isso, lança-se um olhar sobre os objetivos e a questão da pesquisa.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

LEVANTAR E SISTEMATIZAR, VIA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA, UM QUADRO CONCEITUAL QUE REÚNA AS DEMANDAS PRINCIPAIS DA CARTOGRAFIA FEMINISTA

Para alcançar o primeiro objetivo específico foi realizado um levantamento bibliográfico sobre a geografia feminista até adentrar na cartografia feminista. Dessa forma, sistematizou-se em um quadro teórico síntese os resultados encontrados sobre parâmetros para a elaboração de uma cartografia feminista, levantando suas principais demandas. Os tópicos discutidos no quadro foram: crítica ao universal e a generalização, corpo, reflexividade, posicionalidade, interseccionalidade, poder, diferença, escala, borda e limite. Buscou-se aprofundar nos dez principais temas encontrados na revisão bibliográfica, e pode-se afirmar que o objetivo foi atingido.

ESTABELECEER INSTRUMENTOS DE LEITURA DO AFETO ENTRE OS ENCONTROS DOS CORPOS EM ÁREAS ABERTAS PÚBLICAS

Este objetivo também partiu da revisão bibliográfica, assim aprofundou-se sobre o conceito de afeto, especialmente por Deleuze, e sobre a cartografia afetiva em três esferas diferentes: filosófica, psicológica e geográfica. Com isso, foram realizadas duas listas com as principais características do afeto e da cartografia afetiva. Ressalta-se que foram encontradas algumas dificuldades na realização destes resumos devido à ausência de postulados mais claros do que a cartografia afetiva deve cumprir e à complexidade e amplitude da discussão. De qualquer modo, pode-se dizer que o objetivo foi alcançado.

COMPREENDER OS FATORES QUE AFETAM E MODIFICAM AS EXPERIÊNCIAS DE MULHERES NOS ESPAÇOS PÚBLICOS.

Este terceiro objetivo específico, foi realizado a partir da elaboração do experimento da pesquisa, o qual buscou abranger diversas situações e experiências de mulheres em espaços públicos tanto na cidade de São Paulo (SP) como na cidade de Londrina (PR). A aplicação do experimento e a discussão de resultados levantaram questões sobre os fatores que afetam e modificam as experiências das mulheres nos espaços públicos, tais como: diversos corpos colaboram para a construção de corpos-territórios que podem inibir ou não a aproximação de outras pessoas, e podem ser interpretados como uma forma proteção contra possíveis perturbações e assédios nesses espaços públicos, além disso, nestes casos elencados foram apreendidos diversas relações de poder que podem ser vinculadas a aumentos e diminuições de potência (afetos). Pontua-se que outros fatores em distintas situações podem ser apontados. Isto posto, conclui-se que o objetivo foi atendido.

QUESTÃO DE PESQUISA:

COMO O AFETO E A CARTOGRAFIA AFETIVA CONTRIBUEM COM AS PREOCUPAÇÕES DA CARTOGRAFIA FEMINISTA SOBRE OS ESPAÇOS PÚBLICOS?

Para lançar um olhar mais aprofundado em relação a questão de pesquisa, propõe-se uma organização em três tópicos: demandas e vocações da cartografia afetiva; o papel dos aparatos e corpos urbanos na cartografia e a confecção das cartografias afetivas.

(A) DEMANDAS E Vocações DA CARTOGRAFIA AFETIVA:

Após a visita a diferentes ambientes urbanos, percebeu-se que a cartografia afetiva, ou a abordagem da observação participante, exigiu uma maior proximidade nas situações analisadas. Em outras palavras, destacaram-se pequenas situações, nas quais os afetos foram mais facilmente percebidos, em intervalos de tempo curtos e específicos, em escalas pessoais e com foco na intimidade. Por exemplo, diante da multidão de pessoas que utilizavam o espaço público no Minhocão (SP) ou o calçadão (PR), algo com incontáveis fenômenos, os olhares se voltaram para a situação da mulher tomando sol ou vendendo seus produtos na cidade. Esse primeiro recorte, já considerava uma aproximação razoável de escala, contudo, no decorrer da pesquisa, o interesse encaminhou para circunstâncias ainda mais específicas, como o incômodo da mulher 1 com o olhar das pessoas, ou ainda, a criança indo comprar algo no calçadão. Lógico que essa característica pode estar enviesada pelo olhar da pesquisadora, entretanto pareceu razoável pensar no perfil dessa cartografia para o evento e sua relação com a duração.

Esse tipo de investigação, por voltar-se para vestígios comportamentais ou físicos, que acontecem dentro de uma duração de tempo, demanda atenção e instrumentos diversos de registro. Buscou-se testar filmagens, diários de campo e outros recursos que pudessem dar conta das alterações e pistas encontradas durante o processo de cartografia. Os instrumentos de registros, como gravações de som e filmagem, auxiliam muito a relembrar situações ou mesmo perceber aspectos que durante a pesquisa passaram despercebidos. Entretanto, parece fundamental a percepção no momento do evento, que consegue estar mais sensível às afecções. Por outro lado, esse tipo de percepção demanda treinamento e passa, essencialmente, pela subjetividade da pesquisadora. Foi perceptível a diferença entre as primeiras idas à campo e as do final do trabalho, pois existe a necessidade de estar com a sensibilidade mais aguçada, algo que a prática potencializa. Nesse sentido, ainda que este tipo de pesquisa possa ser feito em curtas idas à campo, recomenda-se muitas idas para que se possa, mesmo com eventos distintos, validar o conhecimento.

A cartografia afetiva revelou-se bastante importante quando se dedica às variações a partir de encontros. Nesse sentido, foram visíveis as vezes quando um evento, que parecia caminhar para algo, se modifica com um novo encontro. Isso poderia ser observado com a passagem de uma pessoa com um olhar mais incisivo sobre a mulher 1 que tomava sol, ou mesmo com a passagem do carro de polícia diante do grupo com a mulher 6. Dessa forma, as cartografias ajudam a perceber como alguma suposta estabilidade se modifica dentro dos encontros, em outras palavras, o aumento ou diminuição de potência se dá diante ao choque e atravessamento de corpos.

Por fim, a cartografia afetiva parece revelar-se como um instrumento mais complementar, pois ao desconsiderar (ou ao menos tentar) as

individualizações, classes ou categorias pré-definidas; acaba por necessitar ser sobreposta a outras formas de entendimento, para se buscar padrões e lógicas relacionadas com o fenômeno. De alguma maneira, volta-se a ideia de Deleuze que a cartografia volta ao decalque no final.

(B) PAPEL DOS APARATOS E CORPOS URBANOS:

Em relação ao que se pode observar com as cartografias e experimentos aqui realizados, deve-se destacar, inicialmente, a sua capacidade de ler situações não verbais, como expressões corporais e sinais não codificados. Um exemplo pode ser visto com as mulheres que tomavam sol, ou mesmo, a mulher vendedora ao ir sem seu marido no Calçadão, destacaram formas de cessar a comunicação. Assim, um olhar para baixo, o uso de fones de ouvidos, expressões mais monossilábicas podem revelar um sinal de “não quero conversa” ou algo semelhante. Tudo isso reforça como as mulheres na cidade precisam, de um modo ou outro, usar de artifícios para de antemão se sentirem mais protegidas.

Outro aspecto relevante é como os objetos podem construir ambientes dentro do espaço urbano, como “salas”. Isso foi visto, por exemplo, na “mesa” de caixa de papelão da menina que brincava no Calçadão, no tapete da mulher 2 que tomava sol, no colchão da mulher 6 no baixio do Minhocão. Esse tipo de cartografia permite, por basear-se em relações entre corpos, entender o espaço e ambientes pela lógica construída no momento de seu uso, como também, dentro de certas circunstâncias específicas, envolvendo formas de proteção e territorialização. Formam-se assim bordas do corpo-território, que podem ou não serem lidas pela pesquisadora e outras pessoas (ambiguidade).

De modo semelhante, os aparatos começam

a possuir funções ambíguas, sobrepondo outros aspectos aos relacionados a suas finalidades. Uma pilastra pode ser uma parede interna de uma casa, um guard-rail vira um banco, ou ainda, um gradil metálico vira uma proteção. De outra forma, outros limites menos explícitos emergem de forma contundente, como as sombras da projeção do viaduto que se transformou em barreiras.

(C) CONFEÇÃO DAS CARTOGRAFIAS AFETIVAS:

Como observado, a pesquisa não se dedicou a discutir as cartografias em si, que possuem abordagens diferentes e particulares. Entretanto, chama a atenção a dificuldade de expressar vestígios voltados ao intensivo, como movimentos, velocidades e ritmos. Nesse sentido, as linhas vetoriais acabam por parecer pouco capazes de conseguir expressar a indignação, mais ou menos, contida da mulher que tomava sol e sentiu-se incomodada pelo olhar de um transeunte.

De outro lado, tornou-se clara a proposição de pesquisa-intervenção, que em algum sentido produz conhecimento com intervenções espaciais. Desse modo, as cartografias parecem sempre ligadas a ações, como o movimento de uma cadeira no Minhocão, o sentar-se ao solo no baixio, ou ainda, o movimento de um lugar ao outro pelo grupo de mulheres na oficina de bordado. Outros aspectos parecem ainda bastante complexos, como a valorização da ideia do transpessoal, onde o corpo é visto pela inter-relação, de modo que sempre é necessário pensar se algum corpo essencial, e seu afeto, não foi desprezado na seleção do fenômeno.

Em suma, o afeto e a cartografia afetiva contribuem para os estudos cartográficos feministas pois trazem um olhar mais sensível a pequenas situações e apontam nuances de relações de poder nas diversas experiências das mulheres nos espaços públicos da cidade.

LIMITAÇÕES DA PESQUISA

No decorrer da pesquisa foram encontradas algumas limitações que serão apontadas, a seguir. A primeira delas é a alta subjetividade da própria pesquisadora. Dessa forma, não ficam claros os limites entre a forma como a pesquisadora realiza as cartografias afetivas e como estas devem ser executadas. Um outro ponto limitante encontrado diz respeito às múltiplas formas das mulheres estarem nos espaços públicos. Buscou-se narrar uma maior diversidade de casos, contudo muitas outras situações não foram possíveis de serem discutidas. Assim, a pesquisa trabalhou com uma quantidade pequena de amostra de mulheres no experimento. Além disso, houve uma limitação de tempo para o desenvolvimento das cartografias afetivas e notou-se a necessidade de uma avaliação com pesquisadoras(es) do feminismo na parte prática, e não somente autoras(es) teóricas. Para concluir, recomenda-se como sugestão de pesquisas futuras aprofundar em cada uma das questões levantadas, abrangendo outros casos de mulheres em espaços públicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ackerly, B., & True, J. (2010). *Doing Feminist Research in Political and Social Science*. Palgrave Macmillan.
- Al-Hindi, K. F., & Kawabata, H. (2002). Toward a more fully reflexive feminist geography In P. Moss (Ed.), *Feminist geography in practice: Research and methods*. (pp. 103-116). Malden, MA: Wiley-Blackwell.
- Anderson, Ben. (2006). Becoming and being hopeful. Towards a theory of affect. *Environment and Planning D: Society and Space*, v. 24, n. 5, p. 733–752, 2006. <https://doi.org/10.1068/d393t>
- Anderson, Ben. (2014). *Encountering affect: capacities, apparatuses, conditions*. Farnham: Ashgate, 2014.
- Anderson, B; Harrison, P. (2006). Questioning Affect and Emotion. *Area*, 38(3), 333-335. <https://doi.org/10.1111/j.1475-4762.2006.00699.x>
- Anderson & Harrison, B. (2010). The promise of non-representational theories. In: Anderson, B.; Harrison, P. (Eds.). *Taking place: Non-representational theories and geography*. Farnham: Ashgate.
- Andrews, Gavin. (2014). The ‘taking place’ of health and wellbeing: Towards non-representational theory. *Social Science & Medicine*. Elsevier, v. 108, p. 210-222.
- Artigas, R; Melo, J; Castro, Ap. (2008). *Caminhos do elevado: memória e projetos*. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Secretaria Municipal de Planejamento.
- Barad, K. *Meeting the Universe Halfway: Quantum Physics and the Entanglement of Matter and Meaning*. Duke University Press, 2007.
- Barbosa, E. R. Q. (2012). *Minhocão Multiples Interpretations*. *Arquitextos*, São Paulo, year 13, n. 147.03, Vitruvius.
- Barbosa, E. R. de Q., & Marino, C. E. de C. (2021). *Minhocão: reterritorializações afetivas nas disputas urbanas contemporâneas*. *Cadernos Metrôpole*, 23(51), 519–545. <https://doi.org/10.1590/2236-9996.2021-5104>
- Barros, Laura Pozzana de; Kastrup, Virgínia. (2009). Cartografar é acompanhar processos. In: Passos, Eduardo; Kastrup, Virgínia, Escóssia, Liliana da. (Org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina.
- Beauvoir, Simone de. (1980). *O Segundo sexo: Fatos e Mitos*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, Vol. 1.
- Belondi, C. B. G; Hirao, H. (2021). Edifício Wilton Paes de Almeida, São Paulo: Preservação e ausência do patrimônio urbano e arquitetônico/ Wilton Paes de Almeida building, São Paulo: Preservation e absence of urban and architectural patrimony. *Brazilian Journal of Development*, 7(2), 13681–13692. <https://doi.org/10.34117/bjdv7n2-131>
- Bondi, Liz. (2005). Making Connections and Thinking through Emotions: Between Geography and Psychotherapy. *Transactions of the Institute of British Geographers*, 30(4), 433–448. <http://www.jstor.org/stable/3804506>

Bondi, Liz. (1992). Gender symbols and urban landscapes. *Progress in Human Geography*, 16(2), 157-170. <https://doi.org/10.1177/030913259201600201>

Bondi, Liz; Davidson, Joyce. (2004). Situating Gender. In: Nelson, Lise, e Joni Seager. Nelson, Lise; Seager, Joni (Ed.). *A Companion to Feminist Geography*. Blackwell Publishing.

Braidotti, Rosi. (2005). A Critical Cartography of Feminist Post-Postmodernism. *Australian Feminist Studies* 20, nº 47 (julho de 2005): 169–80. <https://doi.org/10.1080/08164640500090319>.

Brennan, Teresa. (2004). *The Transmission of Affect*. Cornell University Press.
<http://www.jstor.org/stable/10.7591/j.ctt5hh05z>

Buser, M. (2014). Thinking through nonrepresentational and affective atmospheres in planning theory and practice. *Planning Theory*. 13(3). 227–243.

Cabral, Vinícius; Silva, Joseli Maria. Espaço e morte nas representações sociais das travestis e transexuais femininas. *Geografia UERJ* (2007) , v. 29, p. 275-301, 2016.

Cadman, L. (2009). Nonrepresentational Theory/Nonrepresentational Geographies. In: Kitchen, R. & Thrift, N., (eds.) (1ª ed). *International Encyclopedia of Human Geography* Oxford, Elsevier, 456-463.

Cardoso, Ruth. Aventuras de antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do método (1986). In: Caldera, T. (org.). *Ruth Cardoso - obra completa*. São Paulo: Mameluco, 2011.

Caquard, S; Griffin, A. (2018). Mapping Emotional Cartography. *Cartographic Perspectives*, (91), 4–16. <https://doi.org/10.14714/CP91.1551>

Careri, Francesco. (2013). *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. São Paulo: G. Gili.

Sébastien, Caquard; William Cartwright. (2014). Narrative Cartography: From Mapping Stories to the Narrative of Maps and Mapping, *The Cartographic Journal*, 51:2, 101-106, DOI: 10.1179/0008704114Z.000000000130

Castro, Luiz; Obniski, Camila. (2018). Cartografando o Elevado. In: 56 Congreso Internacional de Americanistas, Salamanca. Volumen XIX. Simposios innovadores. Salamanca: Universidad de Salamanca, v. XIX. p. 362-385.

Chicon, J. F. (2011). Inclusão na educação física escolar: considerações sobre a constituição da subjetividade humana. *Movimento*, v.17, n.1, p. 41-58.

Clough, Patricia (2004). Future Matters: Techno- science, Global Politics, and Cultural Criticism. *Social Text*, 22(3), 1-23.

Collins, Patricia Hill. (2015). Intersectionality's Definitional Dilemmas. *Annual Review of Sociology*, v. 41, n. 1, p. 1–20.

Collins, Patricia Hill. *Intersectionality as critical social theory*. Durham: Duke University Press, 2019.

Comolatti, A; Sena, J; Von Poser, P; Levy, W. (2014). O Parque Minhocão e a alma da cidade. *Minha Cidade*. São Paulo, n. 166.01.

Conradson, David; Latham, Alan. (2007). The Affective Possibilities of London: Antipodean Transnationals and the Overseas Experience, *Mobilities*, 2:2, 231-254, DOI: 10.1080/17450100701381573

Cooper, H. (1982). Scientific Guidelines for Conducting Integrative Research Reviews. *Review of Educational Research*, 52, 291-302. <http://dx.doi.org/10.3102/00346543052002291>

Costa, Luciano Bedin da. A cartografia parece ser mais uma ética (e uma política) do que uma metodologia de pesquisa. *Paralelo 31*, v. 15. 2020.

Costa, L. B; Amorim, A. S. (2019). Uma introdução à teoria das linhas para a cartografia. *Atos de Pesquisa em Educação*. 14(3), set./dez. 912-933.

Crampton, J. W. (2011). *Mapping: A Critical Introduction to Cartography and GIS*. Oxford: John Wiley & Sons.

Crenshaw, Kimberle. (1989). Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics. *University of Chicago Legal Forum*: Vol., Article 8.

Crenshaw, Kimberle. (1991). Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence Against Women of Color. *Stanford Law Review* 43(6): 1241–1299. <https://doi.org/10.2307/1229039>.

Cresswell, Tim. (1996). *In place/out of place: Geography, ideology and transgression*. Minneapolis: University of Minnesota Press.

Cromby, John. (2015). *Feeling Bodies: Embodying Psychology*. London: Palgrave Macmillan UK, 2015. <https://doi.org/10.1057/9781137380586>.

Cruz, Vásquez, Ruales, Bayón e Garcia-Torres (2017). *Mapeando el cuerpo-territorio. Guía metodológica para mujeres que defienden sus territorios*. Colectivo Miradas Críticas del Territorio desde el Feminismo. Quito: Ecuador

Debord, Guy. (1958). A Teoria da Deriva. *Revista Internacional Situacionista*, n. 2.

Deleuze, Gilles. (1988). *Diferença e Repetição*. Rio de Janeiro: Graal

_____. (1997). Spinoza e as três "Éticas". Em: Deleuze, G. *Crítica e clínica*. São Paulo: Editora 34, 156-170.

_____. (2002). *Espinosa: Filosofia prática*. Trad. Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta.

Deleuze, Gilles; Guattari, Félix. (1995). *Mil Platôs - Capitalismo e Esquizofrenia*. v.1. Rio de Janeiro: Editora 34.

D'Ignazio, Catherine; Klein, Lauren Frederica. (2016). Feminist data visualization. *IEEE VIS Conference*, Baltimore, EUA, outubro, p. 23–28.

Dixon, Debora; Jones, John Paul. (2006). Feminist geographies of difference, relation, and construction. *Approaches to human geography*, p. 42-56.

Dyck, I. (2002). Further Notes on Feminist Research: Embodied Knowledge in Place. In: Moss, Pamela, org. *Feminist Geography in Practice: Research and Methods*. Oxford, UK ; Malden, Mass: Blackwell Publishers.

Eirado, André et al. (2010). Estratégias de pesquisa no estudo da cognição: o caso das falsas lembranças. *Psicologia e Sociedade*. S1, v. 22, p. 84-94.

Elwood, Sarah; Leszczynski, Agnieszka. (2018). Feminist Digital Geographies. *Gender, Place & Culture* 25/5, 629–44, 2018. <https://doi.org/10.1080/0966369X.2018.1465396>.

- England, Kim V. L. (1994) Getting Personal: Reflexivity, Positionality, and Feminist Research. *The Professional Geographer* 46 (1): 80–89, <https://doi.org/10.1111/j.0033-0124.1994.00080.x>.
- Escóssia, Liliana Da; Tedesco, Silvia. (2009). O coletivo de forças como plano de experiência cartográfica. In: Passos, Eduardo; Kastrup, Virgínia, Escóssia, Liliana da. (Org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina.
- Espinoza, Baruch De. *Ética*. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- Federici, Silvia. (2023). *Além da pele: repensar, refazer e reivindicar o corpo no capitalismo contemporâneo*. Trad. Jamille Pinheiro Dias, 1 ed., Elefante.
- Fiori, Ana Letícia. (2018). *Conexões da interculturalidade: cidades, educação, política e festas entre Sateré-Mawé do Baixo Amazonas*. 489 f. Tese de doutorado. São Paulo: USP, 2018.
- Fiorin, Evandro; Hirao, Hélio (Org.). (2019). *Cartografias da cidade*. 1. ed. Tupã-São Paulo: Anap,. v.1.158p.
- Font-Casaseca, Núria. (2020). Prácticas cartográficas para una geografía feminista: los mapas como herramientas críticas. *Documents d'Anàlisi Geogràfica* 66, no 3: 565. <https://doi.org/10.5565/rev/dag.594>.
- Frau, Fernanda Marafon; Silva Neto, Manoel Lemes. (2017). O destino do Elevado Costa e Silva, o Minhocão: uma decisão à luz do urbanismo. *Arquitextos*, São Paulo, ano 17, n. 200.03. Vitruvius
- Friedman, S. S. (1998). *Mappings: Feminism and the Cultural Geographies of Encounter*. Princeton University Press. <http://www.jstor.org/stable/j.ctt7t6x1>
- Gonzalez, Lélia. (1988). A categoria político-cultural de amefricanidade. In: *Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro, N°. 92/93 (jan./jun.) p. 69-82.
- Guma, J; Vargas, F; Falcão, A. (2023). Collage de afetos: Novos olhares para o Parque Itaimbé. *PIXO - Revista de Arquitetura, Cidade e Contemporaneidade*, v. 7, n. 26, p. 218-231, 30 out. 2023.
- Haesbaert, R. (2007). Território e multiterritorialidade: um debate. *GEOgraphia*, 9(17). <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2007.v9i17.a13531>
- Haraway, Donna. (1988). Situated Knowledges: The Science Question in Feminism and the Privilege of Partial Perspective. *Feminist Studies*, v. 14, n. 3, p. 575–599.
- Haraway, Donna. (1991). *Simians, Cyborgs, and Women: The Reinvention of Nature*. Routledge, New York.
- Harding, Sandra. (1986). *The Science Question in Feminism*. Ithaca, N.Y., Cornell University Press.
- Harding, Sandra. (1987). Introduction: Is there a feminist method? In: *Feminism and methodology: Social science issues*, ed. Sandra Harding, 1–14. Bloomington: Indiana University Press.
- Harding, Sandra. (1991). *Whose Science? Whose Knowledge? Thinking from Women's Lives*. Cornell University Press, New York.

- Harley, Brian. (2009). Mapas, saber e poder. *Confins*. 5. 10.4000/confins.5724.
- Harley, J. B. (1989). Deconstructing the Map. *Cartographica: The International Journal for Geographic Information and Geovisualization* 26 (2): 1–20, 1989.
- Harrison, Paul. (2007). How Shall I Say it ...? Relating the Nonrelational. *Environment and Planning A: Economy and Space*, 39(3), 590–608. <https://doi.org/10.1068/a3825>
- Hayford, Alison. (1974). The geography of women: an historical introduction”, *Antipode: A Radical Journal of Geography*, 6, 1–19.
- Hekman, Susan J. (1990). *Gender and Knowledge: Elements of a Postmodern Feminism*. Northeastern University Press, Boston.
- Hirao, Hélio. (2020). Da cidade dos afetos para a cidade saudável. *Saúde e Sociedade* [online]. São Paulo, v. 29, n. 2, e 200054.
- Hirao, Helio; Ramos, Alfredo Zaia; Nunes, João. (2022). Ensino de projeto habitando os territórios habitados: deriva e cartografia. *Revista Projetar - Projeto e Percepção do Ambiente*, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 25–32, 2022.
- Hutta, J. S. (2020). Territórios afetivos: cartografia do aconchego como uma cartografia de poder. *Caderno Prudentino De Geografia*, 2(42), 63–89. Recuperado de <https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/7883>
- Hyndman, J. (2004). Mind the gap: bridging feminist and political geography through geopolitics. *Political Geography*, 23(3), 241–366
- Kastrup, Virgínia. (2009). O funcionamento da atenção no trabalho cartográfico. In: Passos, Eduardo; Kastrup, Virgínia, Escóssia, Liliana da. (Org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina.
- Kastrup, V. (2015). O tátil e o háptico na experiência estética: considerações sobre arte e cegueira. *Revista Trágica: estudos de filosofia da imanência*. 8 (3).
- Kelly, Megan. (2019). Mapping Syrian refugee border crossings: a feminist approach. *Cartographic Perspectives*, n. 93, p.34–64.
- Kelly, Megan; Bosse, Amber. (2022). Pressing Pause, ‘Doing’ Feminist Mapping. *An International Journal for Critical Geographies*, 21(4): 399–415.
- Knudsen, B. T. & Stage, C. (2015). *Affective Methodologies: Developing Cultural Research Strategies for the Study of Affect*. Basingstoke, Hampshire: Palgrave Macmillan.
- Kobayashi, Audrey. (2003). GPC Ten Years On: is self-reflexivity enough? *Gender, Place & Culture*, 10:4, 345–349, DOI: 10.1080/0966369032000153313
- Kwan, Mei-Po. (2002a). Feminist Visualization: Re-Envisioning GIS as a Method. *Feminist Geographic Research. Annals of the Association of American Geographers* 92 (4): 645–661. <https://doi.org/10.1111/1467-8306.00309>.
- Kwan, Mei-Po. (2002b). Introduction: Feminist Geography and GIS. *Gender, Place, and Culture: A Journal of Feminist Geography* 9 (3): 261–262. <https://doi.org/10.1080/0966369022000003860>.

- Landström, Catharina. (2007). Queering feminist technology studies. *Feminist Theory*, 8(1):7–26. doi: 10.1177/1464700107074193.
- Lange, Michiel de. (2012). The Smart City You Love to Hate: Exploring the Role of Affect in Hybrid Urbanism. *The hybrid city II: Subtle rEvolutions*, Netherlands, vol.5, p. 77-84.
- Lara, A. (2020). Mapping Affect Studies. *Athenea Digital*. 20(2). 1-18.
- Levy, W. (2014). Esfera pública, interesse público e o Parque Minhocão. *Arquitextos*. São Paulo, n. 165.06
- Levy, W. (2015). Parque Minhocão. *Cidade e democracia: novas perspectivas*. Minha Cidade. São Paulo, n. 175.04.
- Leys, R. (2011). The Turn to Affect: A Critique. *Critical Inquiry*, 37, 434–472.
- Llyod, Genevieve. (2002). *The Man of Reason: “Male” and “Female” in Western Philosophy*. Routledge, New York.
- Longhurst, Robyn. (1997). (Dis)Embodied Geographies. *Progress in Human Geography* 21(4): 486–501. <https://doi.org/10.1191/030913297668704177>.
- Lopes, Marcela. S. B; Rena, Natacha S. A.; Sá, Ana Isabel. (2019). Método Cartográfico Indisciplinar: da topologia à topografia do rizoma. *V!RUS*, São Carlos, n. 19, [online] Disponível em: http://www.nomads.usp.br/virus/_virus19/?sec=4&item=6&lang=pt.
- Magnani, José Guilherme Cantor; Spaggiari, Enrico; Nogueira, Mariana Hangai Vaz Guimarães; Chiquetto, Rodrigo Valentim; Tambucci, Yuri Bassichetto. (2023). *Etnografias urbanas: quando o campo é a cidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023.
- Mairesse, D. (2003). Cartografia: do método à arte de fazer pesquisa. In T. M. G. Fonseca & P. G. Kirst (Eds.), *Cartografias e devires: a construção do presente* (pp. 259-271). Porto Alegre: Ed. da UFRGS.
- Marino, C. (2019). Ativismo e apropriação do espaço urbano em São Paulo. *Arq.Urb*, n. 23, pp. 170-184.
- Massey, Doreen. (1994). *Space, Place, and Gender* (NED-New edition). University of Minnesota Press. <http://www.jstor.org/stable/10.5749/j.ctttw2z>
- Massumi, B. (2002). *Parables for the Virtual: Movement, Affect, Sensation*. Duke University Press. <https://doi.org/10.2307/j.ctv11smvr0>
- McCormack, D. (2003). An event of geographical ethics in spaces of affect. *Transactions of the Institute of British Geographers*. 28. 488–507.
- McCormack, D. (2006). For the Love of Pipes and Cables: A Response to Deborah Thien. *Area*, 38(3), 330–332. <http://www.jstor.org/stable/20004550>
- Mcdowell, Linda. (1992). Doing gender: feminism, feminists and research methods in human geography. *Transactions, Institute of British Geographers*, 17, 399-416.
- McDowell, Linda; Sharp, Joanne. (1997). *Space, gender, knowledge: feminist readings*. London: Arnold, 1997.

McDowell, Linda; Sharp, Joanne. (2014). *Feminist Glossary of Human Geography*. London New York: Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781315832449>

McLafferty, Sara. (2002). Mapping Women's Worlds: Knowledge, power and the bounds of GIS. *Gender Place and Culture: A Journal of Feminist Geography*. 263-269. 10.1080/0966369022000003879.

Merleau-Ponty, M. (2010). *Phenomenology of Perception* (D. Landes, Trans.; 1st ed.). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780203720714>

Militiva, Coletiva de Militância Investigativa da Zona Oeste do Rio de Janeiro (2018). Mulheres em movimento: militância investigativa na Zona Oeste do Rio de Janeiro. *Revista da Faculdade de Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro*. n. 41, v. 16, p. 272 - 295

Mohanty, Chandra Talpade. (1988). Under Western Eyes: Feminist Scholarship and Colonial Discourses. *Feminist Review* 30: 61–88. <https://doi.org/10.2307/1395054>.

Mohanty, Chandra Talpade. (2003). Under Western Eyes' Revisited: Feminist Solidarity through Anticapitalist Struggles. *Signs: Journal of Women in Culture and Society* 28 (2): 499–535

Monk, Janice; Hanson, Susan. (1982). On not excluding half of the human in Human Geography. *The Professional Geographer*, (34:1, 11-23) DOI: 10.1111/j.0033-0124.1982.00011.x

Monk, Janice; Garcia Ramon, Maria Dolors. (1987). Geografia feminista: una perspectiva internacional. *Documents d'Anàlisi Geogràfica*, 10, 147-157.

Moran, Dermot. (2002). *Introduction to Phenomenology*. New York: Routledge.

Moss, Pamela. A Bodily Notion of Research: Power, Difference, and Specificity in Feminist Methodology. (2005). In: Nelson, Lise, e Joni Seager. Nelson, Lise; Seager, Joni (Ed.). *A Companion to Feminist Geography*. Blackwell Publishing, 2005.

Muros, Escola Sem. (2019). A prática e o afeto como exercício diário de re-imaginar o espaço. *Pixo - Revista de Arquitetura, Cidade e Contemporaneidade*, v. 3, n. 8, 31 jul.

Nagar, Rich. (2004). Mapping Feminisms and Difference. In: Staeheli, Lynn A, Eleonore Kofman; Linda J. Peake, orgs. *Mapping Women, Making Politics: Feminist Perspectives on Political Geography*. London New York: Routledge, 2004.

Nascimento, Silvana. (2019). O corpo da antropóloga e os desafios da experiência próxima. *Revista de Antropologia/USP, São Paulo*, v. 62, n. 2, 2019.

Nelson, Lise; Seager, Joni (Ed.). (2005). *A Companion to Feminist Geography*. Blackwell Publishing.

Nogueira, Rodrigo Hisgail De Almeida, Bruno Temoteo Modesto, Teresa Bartholomeu, e Cláudia Lúcia De Moraes Forjaz. (2022). Características de frequentadores do Parque Minhocão - SP. *Journal of Physical Education*, v. 33, n. 1. <https://doi.org/10.4025/jphyseduc.v33i1.3314>.

Oberhauser, Ann M.; Rubinoff, Donna; Bres, Karen D.; Mains, Susan; Pope, Cindy. (2003). *Geographic Perspective on Woman*. In: Gaile, Gary L.; Willmott, Cort J. (Orgs). Oxford: Oxford University Press, 820 p.

- Ornat, Marcio Jose. Sobre espaço e gênero, sexualidade e geografia feminista. *Terra Plural* 2, no 2 (21 de dezembro de 2008): 309–22. <https://doi.org/10.5212/TerraPlural.v.2i2.309322>.
- Passos, Eduardo; Kastrup, Virgínia; Escóssia, Liliana da. (orgs). *Pistas do método da cartografia: pesquisa intervenção e produção de subjetividade* (vol. 1). Porto Alegre: Sulina, 2009.
- Pavlovskaya, Marianna. (2020). Feminism, Geographic Information System, and Mapping. In: Kobayashi, A. (Ed.), *International Encyclopedia of Human Geography*, 2nd edition. vol. 5, Elsevier, pp. 29–34.
- Payne, H. (1992). *Dance Movement Therapy: Theory and Practice* (1st ed.). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780203359266>
- Perkins, C. Mapping, Philosophy. In: Kitchin, R; Thrift, N. (Eds.), *International encyclopedia of human geography*. Amsterdam: Elsevier. 2009.
- Pile, Steve. *The body and the city: psychoanalysis, space and subjectivity*. New York: Routledge, 1996.
- Pile, S. (2010). Emotions and affect in recent human geography. *Transactions of the Institute of British Geographies*. 35. 5–20.
- Preston, V; Ustundag, E. (2005). Feminist Geographies of the “City”: Multiple Voices, Multiple Meanings. In: Nelson, Lise, e Joni Seager. *A Companion to Feminist Geography*. Blackwell Publishing, 2005.
- Punch, S. (2012). Hidden Struggles of Fieldwork: Exploring the Role and Use of Field Diaries. *Emotion, Space and Society*, 5, 86–93.
- Rich, Adrienne. (2003). Notes towards a Politics of Location. In: LEWIS, Reina; MILLS, Sarah (ed.). *Feminist Postcolonial Theory: A Reader*, 29–42, New York and Abingdon: Routledge.
- Rocha, E.; Mesquita Clasen, C.; Di Felice, E.; Maia Resende, L.; Pavan Detoni, L.; Dos Santos Pons, A.; De Bárbara Hypolito, B.; Magalhães Falcão, C.; Souto Allemand, D.; Sanz Encarnação, F.; Tomiello, F.; Escudero, H. B.; Diez Tetamanti, J. M.; Barros De Pinho, R.; Correa Vieira Da Silva, T. (2017). Cartografias Sensíveis Na Cidade: Experiência e resistência no espaço público da região sul do RS. *PIXO - Revista de Arquitetura, Cidade e Contemporaneidade*, v. 1, n. 3, 20 dez. 2017.
- Rodó-de-Zárate, Maria. (2014). Developing geographies of intersectionality with Relief Maps: reflections from youth research in Manresa, Catalonia. *Gender, Place & Culture*, 21:8, 925-944, DOI: 10.1080/0966369X.2013.817974
- Rodrigues, E. Q.; Garcia, L. M. T; Ribeiro, E. H. C.; Barrozo, L. V; Bernal, R. T. I; Andrade, D. R; Barbosa, J. P. d. A. S; Nunes, A. P. d. O. B.; Fermio, R. C; Florindo, A. A. (2022). Use of an Elevated Avenue for Leisure-Time Physical Activity by Adults from Downtown São Paulo, Brazil. *International Journal of Environmental Research and Public Health*. 19, 5581. <https://doi.org/10.3390/ijerph19095581>
- Romagnoli, Roberta Carvalho. (2009). A cartografia e a relação pesquisa e vida. *Psicologia & Sociedade* 21, no 2: 166–73.

- Rose, Gillian. (1993). *Feminism & Geography: the limits of geographical knowledge*. Cambridge: Polity Press.
- Rose, Gillian. (1997). *Situating Knowledges: Positionality, Reflexivities and Other Tactics*. *Progress in Human Geography* 21/3, 305–320.
- Saffioti, Helleieth I. (1987). *O Poder do Macho*. São Paulo: Editora Moderna.
- Schenk, Luciana Bongiovanni Martins; Lima, Maria Cecília Pedro Bom de (2019). O Método Cartográfico no projeto da Arquitetura da Paisagem. *Risco Revista De Pesquisa Em Arquitetura E Urbanismo (Online)*, 17(2), 26-40. <https://doi.org/10.11606/issn.1984-4506.v17i2p26-40>
- Scott, Joan W. (1990). El género: una categoría útil para el análisis histórico. In: Amelang, James S.; Nash, Mary (Eds.). *Historia y género: las mujeres en la Europa Moderna y Contemporánea*. Valencia: Alfons el Magnànim.
- Silva, J. M. (2008). A cidade dos corpos transgressores da heteronormatividade. *Geo UERJ*, 1(18), 3 à 19. Recuperado de <https://www.e-publicacoes.uerj.br/geouerj/article/view/1343>
- Silva, R. M. et al. (2012). Cartografia do cuidado na saúde da gestante. *Ciência saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 635-642.
- Silva, Joseli Maria; Ornat, Marcio Jose; Chimin, Alides Baptista Junior. (2017). Não me chame de senhora, eu sou feminista! Posicionalidade e flexibilidade na produção geográfica de Doreen Massey. *GEOgraphia*, Niterói, Universidade Federal Fluminense, v. 19, p. 11-20,
- Silva, Joseli Maria; Ornat, Marcio. (2020). O corpo como escala espacial. *Revista Desassossegos*, v. 4, p. 11-16.
- Smith, Jonathan A; Flowers, Paul; Larkin, Michael. *Interpretative Phenomenological Analysis: Theory, Method and Research*. London: SAGE Publications Ltd, 2009.
- Souza, Severino Ramos Lima De; Francisco, Ana Lúcia. (2019). Aproximações entre fenomenologia e o método da cartografia em pesquisa qualitativa. *Ciências da Saúde: Da Teoria à Prática* 11, por Benedito Rodrigues da Silva Neto, 99–111, 1o ed. Atena Editora,
- Staeheli, Lynn; Kofman, Eleonore; Peake, Linda. (Orgs.). (2004). *Mapping Women, Making Politics: Feminist Perspectives on Political Geography*. London New York: Routledge.
- Staeheli, Lynn; Kofman, Eleonore. (2004). *Mapping Gender, Making Politics: Toward 1 Feminist Political Geographies*. In: *Mapping Women, Making Politics: Feminist Perspectives on Political Geography*. London New York: Routledge. London New York: Routledge.
- Staeheli, Lynn; Lawson, Victoria. *Feminism, Praxis, and Human Geography*. *Geographical Analysis* 27/4, 321–38, 1995. <https://doi.org/10.1111/j.1538-4632.1995.tb00914.x>.
- Streppel, Fontana; Palombini, A. (2011). Devir-loucura no rádio: uma experiência em saúde mental. *Fractal: Revista De Psicologia*, 23(3), 501-522. Recuperado de <https://periodicos.uff.br/fractal/article/view/4864>
- Stubblefield, D. (2018). We have never been rational: a genealogy of the affective turn. In: Zhang, L. & Clark, C.(Eds). *Affect, emotion and rhetorical persuasion in mass communication*. Routledge: Londres.

Tedesco, Silvia; Sade, Christian; Caliman, Luciana Vieira. A entrevista na pesquisa cartográfica: a experiência do dizer. In: Passos, Eduardo; Kastrup, Virgínia; Tedesco, Silvia. (Orgs). *Pistas do método da cartografia: pesquisa intervenção e produção de subjetividade* (vol. 2). Porto Alegre: Sulina, 2014.

Thrift, Nigel. (2004). Intensities of Feeling: towards a spatial politics of affect. *Emotion*, vol. 86 (1), p. 57-78.

Vagle, Mark D. (2018). *Crafting Phenomenological Research*. Nova Iorque, Routledge.

Vagle, Mark D. (2016). Entagling a post-reflexivity through post-intentional phenomenology. *Qualitative Inquiry*, 22(5), 334-344.

Valentine, G. (Re)negotiating the heterosexual street. (1996). In: Duncan, N. (Ed.). *BodySpace: Destabilizing Geographies of Gender and Sexuality*. London: Routledge, 1996.

Valentine, Gill. (1999). A Corporeal Geography of Consumption. *Environment and Planning D: Society and Space* 17 (3): 329–351. <https://doi.org/10.1068/d170329>.

Wastl-Water, Doris; Staeheli, Lynn A (2004). Territory, Territoriality, and Boundaries. In: Staeheli, Lynn A., Eleonore Kofman, e Linda J. Peake, orgs. *Mapping Women, Making Politics: Feminist Perspectives on Political Geography*. London New York: Routledge.

Zelinsky, W., Monk, J., & Hanson, S. (1982). Women and Geography: A Review and Prospectus. *Progress in Human Geography*, 6(3), 317-366.
<https://doi.org/10.1177/030913258200600301>

APÊNDICES

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE E ENTREVISTA

Eu, Juliana Artuso, sou responsável pela pesquisa: “O afeto em cartografias feminista” e convido você a participar da minha pesquisa de mestrado. Para confirmar sua participação você precisará ler todo este documento e somente depois confirmar o aceite. Este documento se chama TCLE (Termo de Consentimento livre e esclarecido). Nele estão contidas as principais informações sobre o estudo, objetivos, metodologias, riscos e benefícios, procedimentos e cuidados éticos da pesquisa, dentre outras informações. Você receberá uma cópia deste documento para guardá-la.

Esta pesquisa tem como objetivo compreender o papel da cartografia afetiva na discussão de estudos cartográficos feministas voltados aos espaços públicos da cidade. Busca-se compreender os fatores que afetam e modificam as experiências de mulheres nos espaços públicos. Portanto, se você se identifica como mulher (cisgênero ou transgênero), tem 18 anos completos ou mais, e utiliza o espaço público da cidade convido você a participar.

Sua participação na pesquisa acontecerá em duas etapas: a observação participante e entrevista semiestruturada. A observação participante consiste em uma observação da pesquisadora inserida no espaço junto às outras mulheres. Serão observados em campo os seus movimentos e as relações que se estabelecem entre as pessoas, isto é, as mudanças de posição, intensidades, velocidades e ritmos que diversos corpos realizam em relação à mulher que está no espaço público. Além disso, serão observados corpos que se aproximam ou que se distanciam do seu corpo, percebendo as suas ações e reações, pois fornecem pistas sobre o que te afetou.

A observação levará em conta quatro variáveis: (1) caracterização dos corpos - pessoas ou objetos; (2) quantidade dos corpos; (3) proximidade dos corpos (4) comportamento dos corpos, para verificar se existem determinados movimentos que aumentam ou diminuem a sua potência no espaço público, te deixando mais ou menos encorajada e estimulada.

Esta pesquisa apresenta benefícios para as mulheres, validando e legitimando suas experiências nos espaços públicos da cidade, potencializando os conhecimentos do e no corpo e as suas subjetividades, além das contribuições sobre o afeto na elaboração de cartografias feministas dos espaços urbanos. Todo o material coletado será guardado por três anos com a finalidade de contribuir com dados para a pesquisa científica. Após essa data todo o material será descartado. Todas as informações serão utilizadas unicamente para fins acadêmicos e os resultados serão divulgados em publicações científicas, assim que for concluída.

Em relação aos riscos do uso do instrumento da observação participante podem ocorrer riscos de grau mínimo, como algum tipo de constrangimento, desconforto, timidez, medo de ser julgada e exposta.

Para evitar essas situações serão tomadas determinadas medidas de prevenção como a construção de um ambiente acolhedor, buscando criar uma relação de confiança ao relatar a experiência da pesquisadora no espaço público; estímulo a escuta e a visão para sinais de desconforto, respeitando as solicitações da participante em momentos que estiver se sentindo exposta. E ainda a garantia de proteção de imagem de gravações audiovisuais e fotografias e privacidade de dados. Além disso, é garantido a participante saber todo e qualquer material de registro derivado da observação e o que poderá, ou não ser utilizado para fins de pesquisa.

Já o instrumento da entrevista semiestruturada apresenta riscos de grau mínimo, no entanto pode haver incômodo, desconfortos, timidez e medo de ser exposto. Portanto as medidas de prevenção e minimização de riscos incluem: a criação de um ambiente acolhedor com as mulheres participantes, a atenção aos sinais verbais e não verbais de desconforto, aos gestos e linguagem corporal das participantes. É assegurado a confidencialidade da participante preservando sua identidade. Você poderá recusar-se a responder qualquer pergunta ou retirar seu consentimento em qualquer fase da entrevista, sem acarretar qualquer ônus ou prejuízo.

Eu me comprometo, como pesquisadora, com o anonimato e a privacidade dos dados fornecidos por você para este estudo. Concluída a pesquisa todos os dados envolvendo a privacidade pessoal em qualquer nível serão apagados, seja em dispositivos físicos de armazenamento ou em nuvem.

A devolutiva dos resultados alcançados na pesquisa se dará por meio do contato direto com as participantes via e-mail. Você não será remunerada(o), porém os gastos necessários para a sua participação na pesquisa serão assumidos pela pesquisadora. Fica, também, garantida a indenização em casos de danos comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa. Insiro meus dados para você poder me contatar a qualquer momento: Juliana Artuso, pesquisadora responsável por esse projeto, telefone _____ e e-mail: juliana.artuso@uel.br Este instrumento somente poderá ser utilizado após a aprovação pelo CEP - Comitê de Ética. Insiro também os dados do CEP - Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos que é um colegiado multidisciplinar formado por pesquisadores que avaliam projetos que envolvam seres humanos.

Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos - CEP/UEL, LABESC - Laboratório Escola de Pós-Graduação - sala 14. Campus Universitário - Rodovia Celso Garcia Cid, Km 380 (PR 445), Londrina- Pr - CEP: 86057-970, Telefone: 43-3371-5455, e-mail: cep268@uel.br). Este TCLE será dividido em duas vias, sendo uma entregue a participante e a outra ficará com a pesquisadora.

ACEITO PARTICIPAR ☐

ACEITO GRAVAÇÃO DO ÁUDIO DA ENTREVISTA ☐

NÃO ACEITO PARTICIPAR ☐

Assinatura do participante _____

Assinatura do responsável pela obtenção do TCLE _____

ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

A entrevista tem como foco quatro variáveis: (1) caracterização dos corpos - pessoas ou objetos; (2) quantidade dos corpos; (3) proximidade dos corpos (4) comportamento dos corpos. Os temas envolvidos na entrevista serão sobre sensações, alterações, movimentos e comportamentos que afetam e modificam suas experiências no espaço público da cidade. Após apresentação de certos cenários - situações ocorridas durante o fenômeno - a partir dos registros fotográficos e audiovisuais serão realizadas as seguintes perguntas às participantes que guiarão a entrevista semiestruturada:

PERFIL DA MULHER ENTREVISTADA

Qual o seu nome?

Como você gostaria de ser chamada?

Como você se identifica?

Qual sua idade?

Qual sua sexualidade?

Qual sua etnia?

Qual sua escolaridade?

Qual a sua profissão?

SOBRE O RECORTE ESPACIAL

Você frequenta este espaço ou é sua primeira vez?

Quando você costuma frequentar?

Este é seu local de trabalho ou lazer?

Você já participou de algum evento aqui?

Você considera esse espaço acolhedor ou hostil?

Você acha que a forma desse espaço interfere na sua experiência enquanto mulher na cidade?

EXPERIÊNCIA NO ESPAÇO PÚBLICO

Como é sua experiência aqui?

Como é sua relação com as pessoas que frequentam esse espaço?

Houve algum momento em que você sentiu vontade de ir embora?

Por algum motivo específico?

Já houve algum caso onde alguém foi hostil com você?

Como você se sentiu nesta situação?

Qual foi sua reação?

Você se sentiu incomodada com algo?

Com alguma situação específica estando neste espaço?

Alguém já te provocou de alguma forma?

O fato de você ser mulher em um espaço público já te impediu de algo?

Modificou a sua experiência na cidade?

Você acha que as relações desiguais entre mulheres e homens interferem na sua experiência neste espaço de algum modo?